

OS MESMOS FUNDAMENTOS DA
MATEMÁTICA,
DA LÓGICA, DA LINGUAGEM E DA VIDA.

Por

Romildo Araújo Machado

ROMILDO ARAÚJO MACHADO

OS MESMOS FUNDAMENTOS DA MATEMÁTICA, DA LÓGICA, DA LINGUAGEM E DA
VIDA.

Editora Eumermo

2019 - Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil

Índice

- 1 - Disposições Iniciais
- 2 – Comunicação, Linguagem e Pensamento
- 3 - Gramática, Alfabeto, Escrita e Idioma
- 4 – Estrutura Gramatical
- 5 - Lógica
- 6 - Matemática, um mundo Metafísico
- 7 - Existencialismo Metafísico
- 8 - O Pensamento Científico
- 9 – Cientificismo
- 10 – Epistemologia
- 12 – Evolução passa pelo Dualismo Existencial
- 11 - Pluralismo
- 13 – Monismo
- 14 - Linguagem, Lógica, Matemática e Existencialismo Metafísico
- 15 – Uma Síntese entre Antítese e Tese.
- 16 - Disposições Finais

1 - Disposições Iniciais

Alguns estudiosos defenderam as semelhanças entre matemática, lógica, e linguagem, enquanto outros enfatizavam as diferenças. A grande dificuldade é que as palavras das linguagens possuem significados diferentes dentro do contexto e prejudica a comparação. Os gregos antigos estudaram e investigaram as línguas e perguntavam se as palavras imitavam as coisas ou se era convenção. Eles pensaram a possibilidade da linguagem se organizar segundo uma ordem metafísica. Esta ideia buscava princípios que integrasse as semelhanças e diferenças.

Modernamente surgiram escolas que ora defendiam as semelhanças, ora defendiam as diferenças entre linguagens. Formalismo é a escola que defende as semelhanças. Em razão disto, ela prega uma gramática universal, racional, autônoma e a língua-ideal. Esta escola generaliza e trabalha com o todo. A sociolinguística é a escola que defende as diferenças. Assim defendem a gramática regional, a sociologia, a história e a língua-real. Ela estuda as particularidades e trabalha com as pessoas.

Contemporaneamente a estas escolas, o estruturalismo surgiu e esta doutrina tem ênfase nas estruturas, mas sem interesse na normatização e na história das línguas. Cada elemento da língua tem valor e diferenças, mas se relaciona com o todo. Em uma analogia com o xadrez, cada peça tem identidade, depende do seu lugar e do seu valor no jogo para relacionar com todas as outras peças. Este método deu a linguística à posição de ciência-paradigma das ciências humanas.

De um lado esta teoria trabalha com as identidades e suas diferenças, doutro lado trabalha com as semelhanças e o todo. Em xadrez existem peças iguais, mas o posicionamento delas no tabuleiro promove as diferenças entre elas no jogo. Pode-se sacrificar uma peça, pensando no todo, no objetivo do jogo, o xeque-mate. Em uma analogia com a vida, podemos dizer que o “eu” (fulano de tal, mora na rua tal e coisa) seria uma peça única no jogo da vida e onde estão às diferenças para com todos. Numa visão do todo, este “eu” é um ser que vive coletivamente, onde estão às semelhanças com o todo.

Em seguida, Chomsky inovou com o gerativismo. Com base na matemática, poucas regras gramaticais promovem uma infinidade de frases e sentidos diferentes. Ele criticava a catalogação estéril da diversidade linguística. Este pensador defendia o foco no todo, nas semelhanças ao invés do foco particular, nas diferenças.

Como exposto, ora os pensamentos abordam o todo e as semelhanças, ora as particularidades e as diferenças. Apesar destas e outras teorias linguísticas, ainda não temos nem uma definição ou concepção de língua. Estudos diversos têm algumas posições que influenciam a concepção de sujeito e de língua.

Na concepção de língua como representação do pensamento, nós temos um sujeito autônomo, senhor absoluto do seu dizer. O texto ou fala é produto dele e ao leitor passivo cabe captar a representação mental ou o sentido daquele.

Na concepção da língua como código, instrumento da comunicação, doutrina do estruturalismo, temos o sujeito submetido ao sistema e o leitor/ouvinte sendo apenas um decodificador do texto. Este é simplesmente o produto da codificação a ser decodificado.

Na concepção sociológica/dialógica/interacional, os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, construtores do texto e do sentido.

O sentido do texto também varia conforme a perspectiva teórica que se adote. O mesmo texto pode ser concebido de varias maneiras. Vale dizer, o mesmo texto varia de autor para autor e conforme a orientação teórica adotada. A informação semântica do texto constitui em dois blocos: o dado e o novo, cuja disposição e dosagem interferem na construção do sentido.

O sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele. Ilustrando temos a metáfora do iceberg, em que todo texto tem uma pequena superfície visível e uma imensa área submersa. Para se chegar às profundezas do implícito e extrair um sentido, faz-se necessário o recurso a vários sistemas de conhecimento. Mesmo assim, construiremos “um” sentido e não “o” sentido.

Estas implicações geraram conflitos. O filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein implementou a Filosofia da Linguagem em sua obra “Investigações Filosóficas”. A 1ª fase dele foi uma tentativa de construir uma linguagem ideal. Acreditava que a frase seria uma imagem lógica de um fato e que toda frase teria um significado preciso, correspondente ao que ela representa.

Este projeto afundou. Wittgenstein percebeu que a linguagem e seu uso são mais do que a lógica. As frases não podiam ser entendidas isoladamente e uma dependia de outra. Sua linguagem ideal caía em ambiguidades e contradições, pois as palavras dependiam de seu contexto e não apenas do que ela pode representar. Usuários da linguagem devem dominar a gramática, o vocabulário, regras implícitas e o contexto. O uso da linguagem é decisivo para a constituição do significado.

Jaques Derrida inova com a desconstrução de todo texto. Esta ideia promovia um modo especial de ler textos, buscando paradoxos e contradições ocultas. Quando escrevemos, o sentido das palavras depende da relação de significado entre elas e o contexto. Ele usou esta fraqueza das palavras para desconstruir os textos.

Em outra desinformação, o pós-estruturalismo critica o estruturalismo por parecer uma pansofia ou uma espécie de teologia das sociedades. Esta instância imaterial e superior determinaria os destinos humanos. Também criticavam as generalizações em oposição à diversidade. O pós-estruturalismo era cético com as metanarrativas. Estas são reflexões que abarcam todo conhecimento e toda história humana.

As escolas de linguística dividiram o pensamento da linguagem. Ora defendem a forma, ora defendem a função da língua. Os formalistas vêm autonomia no estudo das línguas e uma estrutura que independe da prática dos falantes. Os funcionalistas defendem a função comunicativa das línguas em situações reais.

Realmente as diferenças e as semelhanças parecem inconciliáveis. A diversidade é algo inegável. Entretanto, as ciências, as religiões, as filosofias buscam leis e generalizações dentro do pluralismo. O conhecimento necessita da unicidade de interpretação da linguagem. Nós advogamos que as diferenças buscam individualizar uma entidade dentro de um todo, enquanto as semelhanças buscam a coletivização.

Estudiosos vêm oposição entre as escolas, mas para nós elas são complementares. Enquanto uma foca seu estudo na parte, a outra foca seu estudo no todo. A realidade pode ser dividida na parte e no todo, no micro e no macro, no eu e no não-eu. Então podemos falar em gramática pessoal e gramática universal, reflexo do eu e do todo.

Em sintonia com o exposto, nós vamos definir a língua como as palavras em interação com o todo (texto e contexto). Ao longo do nosso estudo, vamos defender este conceito e conceitos similares em matemática e lógica.

A linguagem matemática, diferentemente da linguagem humana, tem única interpretação. A lógica também busca unidade de interpretação, mas ela encontra dificuldades por usar a complexa linguagem humana.

Por isto a lógica, quando usa as línguas naturais, sempre fica prejudicada com a linguagem. Mas a linguagem matemática é mais forte. Então o argumento lógico busca o método de uma demonstração matemática: inicia com afirmações (premissas maior), depois passa pelo desenvolvimento dentro de um dualismo (premissas menores) para chegar ao resultado (conclusão). Conectar lógica e matemática têm complicações da linguagem, pois a lógica está sujeita a sutilezas da linguagem. Construir um argumento envolve sempre usar a linguagem com cuidado e precisão.

Números e palavras são abstrações arbitrárias. Mas depois de conceituados as relações entre as palavras e entre os números são lógicas. Matemática parece uma espécie de linguagem. Alguns estudiosos asseveram que a gramática e o raciocínio estão relacionados com uma álgebra. Apesar de muitas línguas, todas elas têm estrutura em comum: abstração, evolução, negação e abertura (você pode montar uma frase nunca antes feita e ser compreendida). Estas são características comuns também da matemática. Chomsky mencionou o conceito de gramática universal – princípios que governam todas as linguagens.

Há relações entre gramática e lógica, entre lógica e matemática e, por consequência, entre gramática e matemática. Alguns estudiosos negam relações entre tais disciplinas, mas nos iremos defender as semelhanças, ou seja, os mesmos fundamentos, pois elas têm origem comum. As diferenças são apenas para diferenciar entidades do grupo, ou uma identidade de grupo em relação a outro.

A questão principal é a natureza da matemática. Nós advogamos que ela é uma entidade metafísica. Para fins didáticos, metafísica significa estar além da física. Esta possui uma trindade (tempo-espaco-matéria) que não fazem parte da matemática. A matemática não existe no tempo, nem no espaco e nem materialmente, embora seja utilizada para mensurá-los. Já a gramática trabalha com o espaco-tempo-matéria e circunstâncias diversas. Todos se lembram das

orações adverbiais de tempo, lugar, modo, entre outras. Nisto a gramática difere da matemática, pois esta não lida com as circunstâncias. Mas a matemática, igualmente a lógica e a linguagem, são abstrações, ou seja, são metafísicas.

Tais circunstâncias acima mencionadas são variáveis, relativas e não existem no mundo matemático, pois este lida com o absoluto. Entretanto tais variáveis são passíveis de serem quantificadas pela matemática. Digamos que a matemática trabalha com valores absolutos: $3 + 2 = 5$ em qualquer circunstância de tempo, espaço, modo. Chova ou faça sol.

A lógica também trabalha com as circunstâncias. Estas são efêmeras, pois se diluem no tempo. Mas, ainda assim, a lógica é uma tentativa de aproximar a gramática da matemática, o relativo do absoluto, conforme advogamos ao longo da obra.

Nosso sistema filosófico responde ao questionamento grego: existe uma ordem no mundo para a linguagem que segue as semelhanças ou diferenças? O Existencialismo Metafísico irá advogar que em razão do ato da existência da vida e do universo, existe pluralismo, dualismo e monismo absolutos e vários pluralismos, dualismos e monismos efêmeros. Dentro do pluralismo, a partir da definição de uma entidade (onde residem as diferenças), ela passa a interagir com as outras entidades do pluralismo (onde residem as semelhanças). Esta interação passa por dualismos para chegar a um resultado. Esta estrutura funciona para a matemática, a lógica, as linguagens, as pessoas e todas as áreas do conhecimento.

Da mesma forma que a matemática, lógica e a linguagem são entidades e suas interações, nós somos um ser espiritual dentre outros, em interação com outros seres espirituais, em direção a um resultado. Nosso sistema filosófico defende que as entidades, sejam quais forem, passam por regras e pelo dualismo rumo à integração. Enquanto as diferenças atuam nas entidades, as semelhanças atuam no conjunto, no eu-coletivo.

Como a explanação aproximou-se de uma teologia ou mesmo de uma religião, faz-se necessário apresentar este autor. Ele não tem religião, não frequenta templos, não faz qualquer oração, não cultua nenhum deus. Advoga um mundo metafísico e um Criador como as religiões, mas critica suas teologias infantis e seus livros sagrados. Isto pode ser demonstrado em outro livro da lavra deste autor: “Decálogo, Leis Humanas”.

O autor é advogado e delegado de polícia aposentado. Tanto o trabalho de um como doutro é regido por fatos e provas. Assim seu trabalho sempre foi e ainda é pautado por fatos e provas.

Trabalho policial se aproxima da ciência. O trabalho científico em ciências sociais inicia com a observação de um problema (na polícia, com um crime); adota uma hipótese (uma linha de investigação); busca rol de provas em experiências, argumentos para provar, ou não, a hipótese (concluir pelo indiciamento ou não). Em duas palavras é uma defesa de tese. O advogado, evidentemente, defende tese contrária. O que são doutorados senão defesa de tese? O que fazem eles senão levantar hipótese, juntar provas e concluir com a sua defesa de tese? Todos, acadêmicos e juristas, buscam a verdade pela defesa de sua tese.

Vale salientar que se pode ver claramente a estrutura de nosso sistema em trabalho policial ou científico. Dentre várias observações científicas ou crimes (pluralismo), qualquer uma delas passa pelo dualismo (provas contra e a favor da hipótese ou suspeito) para se chegar a um resultado ou indiciamento do suspeito. Igualmente as defesas de tese passam pela antítese para chegar à síntese, a conclusão.

Como todo cientista, este autor se especializou (em ciências criminais). As ciências se multiplicam num caos especialista. Mas até a especialização busca conectar com o todo. Busca ligar o micro ao macro. O que são as defesas de teses e dissertações senão conectar o micro ao macro, a ciência à filosofia, o pensamento analítico ao pensamento sintético. Indução e dedução estão no centro do pensamento racional. Cada análise deve passar pela triagem da síntese.

O pensamento sintético sempre atrai, pois as especializações da ciência rumam ao infinito e além. A filosofia deveria buscar um pensamento unificador que alcance a tudo e a todos. Não uma especialização para poucos. Porém a ciência e a tecnologia triunfaram depois da revolução industrial e a filosofia fixou endereço na Academia. Hodiernamente ela tende ao especialismo, ao hermetismo e ao ceticismo. A fragmentação da filosofia promoveu a falência de grandes sistemas filosóficos e de uma unificação.

Todavia grandes filósofos do passado sempre procuraram a unificação, a sistematização e não a fragmentação. Spinoza buscava perceber unidade na diversidade, encontrar a síntese na qual os opostos e contradições se

encontrassem e se fundissem. Comênio dedicou grande parte de sua vida a unificação da totalidade do conhecimento humano. Seu pensamento último era a compreensão universal que uniria toda humanidade. Esta base filosófica ele denominou Pansofia, um princípio que harmonizasse todo o saber. Pensadores sempre buscaram uma chave para o conhecimento de todas as coisas, uma teoria para explicar todo o funcionamento do mundo, uma ciência que abarcasse todo o universo.

Modernamente a física, ciência da onda, busca a teoria do tudo. Uma equação para integrar todas as forças do cosmo. Tivemos até um candidato a tal façanha: Stephen Hawking, físico inglês, aquele cientista de voz mecanizada e todo deformado fisicamente. Hawking declarou a morte da filosofia, mas não chegou a nenhuma equação do tudo e nem a uma equação do nada.

De fato, a ciência e a tecnologia venceram e a vida passa a ser uma máquina. As pessoas não desgrudam de seus celulares. Sonham com carros caros, casas grandes. Em contato com pessoas, com a mídia, principalmente a Tv, percebe-se que o sentido da vida é um consumismo exagerado e sem sentido. O auge da vida é ser uma celebridade, seja atleta, cantor, ou ator, mesmo que vazios de conteúdo. A superficialidade impera junto à ciência.

Precisamos mudar esta realidade. Esta obra tem pretensões de conexão e síntese. Adotará conceitos simples, conhecidos e sem delongas em conceitos, citações científicas e filosóficas. Também tem pretensões de busca de verdades eternas, como dizia Platão. Tem pretensões de unificação do conhecimento. Tem pretensões de buscar o “porquê” dos fenômenos, já que as ciências só podem dizer o “como” dos fenômenos. Visa uma síntese filosófica não somente com base em provas e fatos, mas também com base na razão e em argumentos científicos, filosóficos e teológicos, desde que não contraditórios ou paradoxais.

A ideia foi considerar todos os conhecimentos naquilo que são fortes, desprovidos de paradoxos. Naquilo que forem contraditórios descartamos pelo princípio do conjunto probatório.

As espécies da vida trocam informações para se reproduzirem e sobreviverem em seu ambiente hostil. Cachorros e também outros animais marcam seu território com urina. Utilizam sua urina para mandar uma mensagem de dominação territorial ou disponibilidade para o coito. O xixi do dog é material, mas a mensagem é uma abstração para interagir com outros animais. Animais enviam mensagens em forma de rituais de sedução, dança e cortejo para acasalamento. A vida é entidades em interações com seus pares e o mundo.

O homem também utiliza a comunicação para viver, no entanto, mais complexa. Sua fala ou linguagem permite a troca de informações simples até a formulação de complexas equações matemáticas e conceitos abstratos. Os homens também são seres em interações com seus pares e o mundo.

Não se sabe quando surgiu a fala, quando nossos antepassados deixaram a comunicação usadas pelos animais para chegar a uma proto-linguagem. Especula-se em torno de 100.000 anos, esta passagem. Uma teoria em sintonia com a evolução assevera que gestos precederam a criação de algumas palavras simples e concretas. Com o tempo, os gestos foram perdendo força para os verbos, palavras abstratas e os diferentes mecanismos linguísticos até a chegada da comunicação mais complexa.

Outro fenômeno da comunicação, a escrita surgiu recentemente em termos de história da humanidade, considerando que o homem surgiu por volta de 3 milhões de anos atrás. Há quem diga que as pinturas rupestres foram as primeiras escritas, pois continham uma mensagem transmitida. Entretanto atribuem-se as primeiras escritas aos sumérios.

O instrumento de escrita sumeriano, o estilete, tinha a forma triangular em sua ponta, na forma de cunha, donde ficou conhecida como escrita cuneiforme. Os escribas sumérios conseguiam expressar por escrito tudo o que poderia ser falado. Na escola sumeriana, os alunos decoravam e copiavam sinais, passavam ao estudo da gramática, depois redação de frases e história, para então registrar contratos e documentos públicos.

Surge o relevante personagem histórico, o escriba, para registrar a produção agropecuária, pagamento, vida civil e, assim, preservar as informações. Além da escrita cuneiforme, também foi elaborado a escrita com os pictogramas

(palavras/imagem) para representar objetos inicialmente e ideias posteriormente. Com representações de imagens (ex. boca), juntadas a outras (ex. água), conseguia-se expressar ideias abstratas (ex. beber). O desenho de uma boca unido ao desenho de água representava o verbo beber. O sistema foi complicando e adotaram a metáfora para expressar ideias abstratas.

A complexidade da sociedade exigiu leis escritas para regular o comportamento das pessoas. A mais antiga lei escrita, do século XXI a C, do rei Ur-Nammu, mil anos antes dos 10 mandamentos, prescrevia multa em vez de castigo. O sistema judiciário era composto por um corpo de juízes-anciãos com depoimentos feitos sob juramento, em que as sentenças tinham apelação. A política, como sempre, destruiu esta civilização. Mas sua semente prosperou pela região e mais tarde surgiu a criação do alfabeto pelos fenícios e gregos. Depois o latim, língua do império romano, influenciou todo o ocidente.

O uso da linguagem permitiu uma evolução acelerada através da preservação e transmissão do conhecimento. Com o avanço tecnológico, a escrita tornou mais popular e com a velocidade cada vez maior em todo planeta. O mundo hodierno permitiu a todos escrever um turbilhão de informações. Porém cabe a cada um separar as informações úteis para construir seu conhecimento, sua sabedoria e a sua verdade.

O homem vive em sociedade e com ela se inter-relaciona. Usa a comunicação para interagir e integrar com seus membros. Neste sentido, somos o que falamos. Indivíduos se comunicam para manter integrados ao seu grupo social e se não comunicam, não estão integrados, mas apenas reunidas e não formam uma comunidade. Como diria o velho guerreiro Chacrinha: “quem não se comunica se trumbica”.

A comunicação envolve alguém que envia uma informação para outrem. Em linguística, um emissor que envia uma mensagem para um receptor. Tal comunicação pode ser feita de várias formas: pela linguagem, mímica, olhar, gestos, telex, sinal de fumaça como faziam antigamente os índios, e por e-mail como fazem modernamente a sociedade. A linguagem tornou-se o mais comum e eficaz instrumento de comunicação.

A partir do conhecimento das regras (fonética, ortografia, morfologia, sintaxe e semântica), a linguagem falada ou escrita permite a participação do

indivíduo no processo de comunicação de um determinado grupo. Isto nos leva a identidade científica, religiosa, social, linguística, jurídica, cultural, a depender de qual grupo façamos parte.

Apesar da referência ao órgão bucal, estudiosos da linguística não têm uma definição para língua e linguagem. Esta tem um aspecto pragmático, enquanto aquela, abstrato. Como já dito, a língua depende de concepções de sujeito, texto e sentido, mas costuma-se atribuí-la como um sistema de signos, regido pelas variáveis fonéticas, morfológicas, sintáticas e semânticas. A linguagem pode ser conceituada como: uma das formas de apreensão da realidade; uma faculdade mental para representar estados mentais; uma forma de comunicação, entre outros.

Quando pensamos num fato ocorrido em nosso trabalho, estamos criando em nossa mente outra realidade. Uma realidade virtual, paralela e longe do fato que aconteceu fora de nossa mente e sim em nosso trabalho. Todos percebem o fato da mesma maneira. Entretanto cada pensador tem um sistema particular de valores. O mundo que pensamos é um simulacro do real que passa pelos filtros e valores de cada um. Esse mundo (universo paralelo), que existe na mente do homem criado pela linguagem, é o que chamamos de visão do mundo. Já dizia o filósofo austríaco, Ludwig Wittgenstein: os limites de minha linguagem são os limites do meu mundo. Deste ângulo, somos o que pensamos.

Do prisma linguístico, a realidade só tem existência para os seres humanos quando é nomeada. O mundo existe independentemente das pessoas, mas só atentamos para as coisas por intermédio da linguagem. Nós percebemos e diferenciamos os objetos e ações no mundo por meio da linguagem. Em outras palavras, pela linguagem o universo recebe sentido para nós. Nossa consciência amplia à medida que nomeamos mais fenômenos e objetos. Ao vislumbrar um planeta, real ou fictício, ele ganha realidade. Antes era o Nada.

No entanto o Nada ou a negação tem papel relevante na formação da linguagem. No filme “Planeta dos Macacos: A Origem”, um macaco tem uma evolução súbita. Objeto de investigação científica, a primeira palavra que ele pronuncia é o “Não”. Da mesma forma, a humanidade evoluiu rapidamente com a negação. Imagine um primata tentando dizer um “não” para outro que caminha em direção ao inimigo. A criação da linguagem foi iniciada, estranhamente, com a

negação da realidade, com o “não”. A ideia de negação só existe na mente. “Não” é a essência a própria linguagem. Podemos ficar sem 90% de nossas palavras, mas não sem o “não”. Ele é o início da proto-linguagem.

A ideia de negação também é relevante na lógica e na matemática. Em nosso sistema filosófico, estas negações têm a mesma origem e são reflexos do ato de criação. Ao criar o “eu” a inteligência maior cria automaticamente o “não-eu”. Ou seja, a negação surge na origem de tudo e será objeto de explanação em capítulo apropriado nesta obra.

As palavras criam conceitos que ordenam a realidade, categorizam e classificam o mundo. A linguagem é, assim, uma forma de apreender aquilo que existe. Cria-se uma nova palavra para denominar outra realidade. Por isso uma língua interpreta e ordena o mundo. O pensamento é a capacidade de construir representações das coisas com as palavras. Ele não espelha o mundo. Diferentemente ele classifica a realidade e a interpreta. Nessa função organizadora, ele não existe fora dos quadros da linguagem. Esta condiciona a realização do pensamento, pois este não pode ser captado a não ser pela linguagem. Fora dessa maneira, o pensamento é o nada ou algo vago.

A linguagem liga o homem à sociedade e à natureza. Com ela o homem retrata a si mesmo e a realidade, dando-lhe poder. Língua são palavras em interações. Com ela, o homem pensa, mensura, trabalha, ensina, identifica a sua cultura, seus próximos e a si mesmo. Com ela visualiza o passado, presente e futuro. Enfim dá sentido ao mundo e a si mesmo.

A construção do conhecimento faz-se pela representação da realidade. A linguagem dá forma à comunicação, ao pensamento e a representação da realidade. Seja a linguagem usada pelas religiões, filosofias, ciências ou pelas artes. A matemática, a gramática e a lógica necessitam de sua própria linguagem para representar a realidade de seu ângulo.

Inicialmente é bom explicar que a gramática, o alfabeto, a escrita e o idioma são fenômenos distintos na história. Eles surgiram em locais e momentos diferenciados. Iremos da mais antiga, a língua, até a gramática a mais recente.

Língua

Os idiomas ou línguas são linguagens desenvolvidas ao longo da existência humana para interagir com a natureza e seus pares. O português, o inglês, o espanhol são línguas. As línguas envolvem também os gestos, tonalidade de voz, mas ficaremos restritos a fala. Esta não se sabe quando surgiu, mas alguns estudiosos dizem centenas de milhares de anos, outros dizem dezenas de milhares de anos.

As línguas sofrem variações no tempo e no espaço. O inglês falado no Renascimento não é o mesmo falado hoje. O inglês falado na Inglaterra não é o mesmo falado em suas ex-colônias. Quando as variações ficam maiores, assumem o nome de dialetos. Entretanto não se sabe cientificamente a diferença entre idioma e dialeto. Já se disse que a diferença entre dialeto e língua seria um exército por trás da língua.

As línguas surgem naturalmente entre os homens, mas também podem ser artificiais, como as linguagens de programação. Os computadores usam um sistema binário em sua comunicação. Há também a língua esperanto, uma língua artificial combinada com uma gramática artificial, elaborada pelo médico polonês Lázaro Zammerof.

Cerca da metade de falantes do mundo usam um dos idiomas originados de uma língua-mãe, chamada de proto-indo-europeu. O português, o inglês, o espanhol, o alemão, o grego, o latim são todos unidos por esta língua-mãe. Isto foi constatado no século XIX, quando surgiu a linguística histórica e o estudo das gramáticas comparadas. Neste século, descobriu-se a semelhança entre as línguas europeias e o sânscrito. Evidenciou um parentesco entre as línguas.

Desta língua antiga surgiram ramificações que levaram a outras línguas, como o celta, o indo-iraniano, o grego, o itálico. O proto-germânico antecedeu e inspirou o inglês. O latim, com a ajuda do exército romano, espalhou-se pelo

mundo e promoveu a diversidade de muitas línguas, como o português, espanhol, francês entre outras.

Quando surgiu esta língua mãe, não havia escrita nesta época remota (muito menos gramática e alfabeto). Então ficou difícil datar a existência desta língua-mãe. Há muitas teorias sobre a época e o lugar de seu surgimento, mas com o auxílio da genética a melhor teoria nos levam as estepes russas, por volta de 7.000 aC.

Vale salientar que estamos nos ocupando de línguas faladas. A escrita surgiu quase 4 milênios depois, se o tempo citado da origem da língua indo-europeu estiver certa. O alfabeto foi elaborado cerca de 2 milênios depois e a gramática séculos depois.

A Escrita

Outro fenômeno linguístico distinto foi a escrita. Os sumérios são considerados a primeira civilização deste planeta, pois foram os primeiros a inventar a escrita. Antes deles era a pré-história. A história começa com a escrita. Sem documentos escritos para fazer história, cabe aos arqueólogos e paleontólogos o estudo da pré-história. Os sumérios surgiram por volta de 3.500 aC na Mesopotâmia e sua invenção da escrita data por volta de 3.300 aC. Nesta oportunidade, na cidade de Uruk, atual Iraque, foram produzidas tábuas de argila com escrita cuneiforme.

Descendentes de agricultores que desenvolveram a irrigação e gerou excedentes, o povo sumério desencadeou um movimento que geraria a religião, o estado, classes sociais e a escola para escribas. Estes são considerados elementos principais de uma civilização. Ao lado deles, este povo elaborou a escrita, sendo o alfabeto realização dos fenícios e a língua outro fenômeno anterior e diferenciado.

O excedente nos destes alimentos proporcionou tempo livre para os sumérios que desenvolveram habilidades e técnicas novas. Daí surgiu mercadores, artesãos, sacerdotes, escribas, comerciantes, cidades-estados e depois nações. Reis dominavam grandes extensões de terras com as guerras, estabelecendo leis e organizando exército. A semente da civilização disseminou-se e, séculos após a emergência, a cultura suméria influenciou outros povos.

Os sumérios também desenvolveram a astronomia que propiciou um calendário lunar que ajudava na agricultura e, ainda, inventaram a roda. Enquanto especialistas trabalhavam no aumento da produção agrícola, outros desenvolviam a religião e um sistema cosmológico completo que explicava o homem e a natureza através de milhares de deuses.

Os escribas sumérios conseguiam expressar por escrito tudo o que poderia ser falado. Na escola sumeriana, decoravam-se e copiavam-se sinais, depois passavam para redação de frases e história, para então registrar contratos e documentos públicos. Aprendiam também matemática. Para escrever eles usavam sinetes que eram cilindros de pedra entalhados com pictogramas que identificavam seu dono. Ao ser rolado na argila mole, eles produziam assinatura do dono que podia até ser analfabeto.

Antigos mitos e histórias foram gravados, antes transmitidos pela recitação e pelo canto, acompanhados de harpa ou lira. O mais conhecido foi a Epopeia de Gilgamés, com 3.500 versos, tendo um fato real como ponto de partida: o rei Gilgamés da cidade de Uruk. Essa narrativa juntamente com outras prenunciaram temas que mais tarde refletiram na Bíblia. Entre elas Noé e seu Dilúvio e a lenda de Moisés. O destino de Moisés foi semelhante à de Sargão, filho de semitas, que por ser ele ilegítimo foi colocado em uma embarcação a deriva no rio. Confinada no início ao templo e ao palácio sumério, a escrita foi disseminada por toda Mesopotâmia e, em seguida, para outros povos.

Composta de varias cidades-estados, como Ur, Uruk, Lagash, a guerra era endêmica na tentativa de unificação. A Suméria sucumbiu devido às guerras.

A escrita em cuneiforme, ou pictogramas, ou ideogramas podem ter milhares de caracteres e dificultam a memorização e a leitura. Por causa disto surgiu o alfabeto. Este tem pouco mais de duas dezenas de letras e a facilidade de leitura e memorização.

O Alfabeto

O alfabeto é outro fenômeno distinto da linguagem e ocorreu em época e local distintos. Ele é obra dos comerciantes fenícios por volta de 1.400 a C. Mas a palavra alfabeto representa as duas primeiras letras gregas, “alfa” e “beta”. Estas

letras são os nossos “a” e “b”, a primeira vogal e a primeira consoante de nosso alfabeto depois de latinizados.

O historiador grego Heródoto conta, em sua obra “Histórias”, a migração do alfabeto fenício para a Grécia. Ele sabia que o alfabeto era invenção dos fenícios, pois até então a escrita era pictogramas, ideogramas e não símbolos abstratos como o alfabeto. No século XX, trabalhos de arqueólogos confirmaram os escritos de Heródoto. Eles encontraram na cidade de Ugarit, centro comercial da antiga Fenícia, tábuas de argila escritas em cuneiforme que continham o alfabeto.

Os fenícios tinham um comércio próspero, compravam e vendiam de tudo ao longo do mar Mediterrâneo. Esta necessidade de negociar e comercializar levou-os a um sistema simples de escrita para manter os inventários, contabilidade e outras atividades comerciais. Nesta época, a escrita era uma mistura maluca de pictogramas, ideogramas e sons. Um escriba fenício deve ter retirado os pictogramas e ideogramas e deixados somente os símbolos alfabéticos.

Só para lembrar o caro leitor, pictogramas são representações de objetos. Naquela época, se um escriba quisesse escrever representando a casa, ele desenharia uma casa e não sons abstratos como “c a s a”. Hoje os pictogramas ainda são usados em placas de sinalização.

Ideogramas também são símbolos gráficos, representam objetos, ideias, ou um conceito abstrato. Eles formavam o sistema de escrita de várias civilizações antigas antes do surgimento dos primeiros alfabetos. O problema dos pictogramas e ideogramas é que podem somar centenas, milhares de unidades. Isto torna a escrita difícil, tem-se que decorar milhares de pictogramas para poder escrever. A escrita chinesa moderna utiliza em torno de 4 mil caracteres em seu cotidiano, porém há um alfabeto chinês que facilita o aprendizado.

O primeiro sistema de escrita baseado em alfabeto mudou a história humana. O alfabeto promoveu uma estrutura abstrata para o conhecimento da lógica, do raciocínio dedutivo e indutivo, da dialética, das análises e sínteses, das classificações e disseminação do conhecimento.

Hoje o alfabeto latino é o mais popular no mundo.

A Gramática

A palavra gramática tem origem grega e significa, singelamente, um conjunto de regras que disciplinam o uso de uma língua. Cada língua tem sua própria gramática. A gramática estabelece um padrão de escrita e fala com finalidade de orientar e regular o uso da língua. Estas regras definem a língua padrão ou língua culta. Para a gramática e seus fiéis seguidores, a escrita e fala fora de suas normas está errado. Estudiosos chamam esta visão, em termos de certo e errado, de gramática normativa.

Este tipo de gramática é mais conhecida popularmente. Ela é estudada na escola e é escrita. Mas existem outras gramáticas e nem toda gramática trata da língua escrita. Há também a gramática falada. A palavra gramática tem conceitos diferentes: ora refere-se ao manual escrito de regras da língua, ora refere-se ao uso dos falantes que têm uma gramática interiorizada. Estas duas visões refletem a realidade de eu e o não-eu, parte e todo, micro e macro.

Estas duas formas de gramática gera uma marginalização por parte de alguns fiéis da norma culta. Entretanto a língua evolui e costuma se usar a metáfora da vida para explicar esta evolução. Como a vida, a língua nasce, cresce e morre. A evolução promove um distanciamento entre o que se fala (ou escreve) rotineiramente e o que regem as normas. Linguistas não veem a linguagem em termos de certo e errado como os gramáticos, mas sim em termos de usos e costumes. Eles buscam descrever como efetivamente funciona o uso da linguagem. Daí surge a gramática descritiva.

Esta marginalização é indevida. Nós dividimos a realidade no micro e no macro, no eu e no todo. As gramáticas ora focam o todo, ora focam as pessoas. A norma culta prevalece nas obras literárias, artigos de jornal, discursos políticos, obras teóricas e científicas. As variações ocorrem no dia-a-dia, nos interiores, no uso infantil, entre outras.

Além das normativa e descritiva, há também outros tipos de gramáticas como: implícita, explícita, reflexiva, contrastiva, universal, histórica, comparada e geral.

A gramática geral surgiu no século XVII e procurava princípios utilizados em todas as línguas. De cunho racionalista, ela buscava uma língua ideal. Como a lógica, ela evitaria equívocos e asseguraria unidade de comunicação. A gramática de Port-Royal, denominada “Gramática geral e Racional”, tem como base o

argumento que a gramática e processos mentais que são universais. Surgida na França, seus pensadores acreditavam que a linguagem é regida por princípios gerais que são racionais.

Os franceses Arnauld e Lancelot são autores da “Gramática de Port-Royal” ou “Gramática Geral e Racional”. Nessa gramática, eles explicitam a noção de signo como meio através do qual os homens expressam seus pensamentos. Na relação pensamento/linguagem, os gramáticos de Port-Royal elaboraram teorias pelas quais essa relação era dada por princípios gerais e se estenderiam a todas as línguas. Assim afirmaram que, através das operações do espírito, o homem concebia, julgava e raciocinava. Tais operações serviam ao aspecto interno da linguagem e, a partir delas, os homens utilizavam-se dos sons e das vozes, ou seja, do aspecto externo da linguagem para expressar o resultado daquelas operações.

Eles ficaram apenas no campo das teorias. Nesta oportunidade, vale ainda citar a “Gramática Gerativa”, de Noam Chomsky, no século XX, que teoriza a gramática como um conjunto finito de regras que gerariam infinitas frases de uma língua.

No século XIX, surge a gramática comparada e crítica à gramática geral. Aquela não se preocupava com a língua ideal, mas sim a língua mãe. Enquanto a gramática geral valorizava as semelhanças, a gramática comparada enfatizava as diferenças linguísticas. Aqui temos mais uma vez a questão das semelhanças e diferenças, a questão do foco no todo ou no particular.

A gramática pode ser desmembrada em fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. A fonologia se ocupa com os sons da fala. A morfologia se ocupa com a construção de palavras. A sintaxe, com as relações entre as palavras. A semântica, com o sentido da fala. Há outras divisões que inclui fonética, etimologia, estilística, literatura, entre outras. Porém as principais abordagens estudam a morfologia e a sintaxe que ocupam dos aspectos estruturais. A fonologia e a semântica são estudos independentes.

Os primeiros estudos gramaticais foram feitos pelos indianos. Yaska, século VI ou V aC, escreveu Nirukta, um tratado etimológico e semântico em sânscrito. Depois na Grécia, houve o estudo sistemático da gramática. Dionísio escreve a “Arte da Gramática”. Com base na gramática grega, os romanos desenvolvem sua

gramática latina no século I a.C. A gramática latina influenciou outras línguas, entre elas o português.

A primeira gramática portuguesa foi publicada em Lisboa, em 1536, por Fernão de Oliveira. A obra ia da história da linguagem até noções de sintaxe. Em 1540, João de Barros, cronista e historiador, também escreveu a sua gramática. Estas gramáticas exaltavam a língua portuguesa.

A partir do século XIX, surgiu a gramática comparativa, como enfoque dominante da linguística. Em meados do século XX, Noam Chomsky concebeu a teoria da "gramática universal", baseada em princípios comuns a todas as línguas.

Os linguistas ocuparam em apenas descrever as gramáticas e teorizar gramáticas universais, gerais, gerativas, entre outras. Apenas o médico polonês Zamemmhof elaborou não apenas uma gramática artificial, mas também um idioma artificial.

Hoje na informática, a sintaxe da programação de tecnologia de informação produz uma gramática artificial e uma linguagem artificial para computadores.

4 – Estrutura Gramatical

Todas as linguagens envolvem as palavras e suas interações para formar um significado. Estas interações têm regras e estão a cargo das gramáticas e do uso. Similarmente, a base do pensamento são conceitos (objetos e ideias) e suas interações. Estas passam por regras para formar uma verdade, uma conclusão. Conceitos e interações também são bases das filosofias, das religiões, das ciências, das artes, da medicina, da engenharia, enfim, de todo conhecimento. As interações entre os conceitos passam por regras e vão produzindo resultados, sentidos, conclusões ou sistemas.

Em gramática, podemos dizer que os conceitos tratam do vocabulário. Os conceitos podem representar objetos ou ideias abstratas. O sujeito da frase contém conceito que promove a interação com outros conceitos. Os verbos promovem a interação destes conceitos e podem ser de ação e de estado. Os verbos de ação descrevem as interações do sujeito da oração. Os verbos de estado descrevem algo

no sujeito que permanece no tempo. Esta permanência é finita no mundo físico, enquanto a permanência pode ser absoluta no mundo metafísico, a exemplo da matemática que será estudada em capítulo próprio.

A palavra gramática tem origem grega e tem muitas definições. Geralmente são tratadas como o conjunto de regras que disciplinam uma língua. Em sintonia com o exposto inicialmente, nós preferimos defini-la singelamente como o estudo das palavras e suas interações que passam por regras para formar um significado. Tecnicamente o estudo das palavras se refere à morfologia e o estudo das interações se refere à sintaxe. Estes estudos estão presentes em todas as línguas. A fonética e a ortografia são apenas o estudo dos sons e escrita correta das palavras. Ou seja, estão no estudo do vocabulário, da morfologia. A semântica é o resultado, o significado produzido pelo vocabulário e a sintaxe.

Em linguística, morfologia estuda a estrutura, a formação e a classificação das palavras. Ela estuda as palavras isoladamente e não a sua interação na frase ou período. A morfologia classifica as palavras em dez classes, chamadas de classes de palavras ou classes gramaticais: Substantivo, Artigo, Adjetivo, Numeral, Pronome, Verbo, Advérbio, Preposição, Conjunção e Interjeição. Enquanto algumas são palavras de conteúdo e ilimitadas (substantivo, verbo, adjetivo e advérbio), outras são palavras gramaticais e limitadas (conjunção, preposição, pronome, artigo).

Estudando a estrutura e formação das palavras, a análise morfológica enxerga as palavras distantes das frases. Na formação das palavras, os principais processos são por derivação e composição. Na derivação, uma nova palavra surge a partir de outra já existente. Via de regra, este processo ocorre com o acréscimo de sufixos e prefixos. A composição se faz pelo ajuntamento de duas ou mais palavras ou radicais.

Mas também há formação por redução ou abreviação, por empréstimos lexicais, por criação de neologismos. Há riqueza na formação de uma palavra nova para ajudar a expressar mais e melhor.

A estrutura das palavras é formada pelo radical, tema, vogal temática, vogal ou consoante de ligação, afixo, desinência (nominal ou verbal). O radical é o elemento mais importante dentro das palavras, pois ele contém a identificação da ideia ou objeto. Este morfema é que dá o sentido da palavra e base para muitas outras palavras. Ele deveria ser indivisível, mas há exceções (verbos anômalos).

Já a sintaxe estuda a parte da gramática que trabalha a disposição das palavras nas frases, ou seja, as interações entre palavras. As palavras exercem uma função na frase, estão inter-relacionadas e são combinadas entre si. A sintaxe contém regras que permitem as múltiplas possibilidades para combinar palavras e orações. A sintaxe e o vocabulário vão sendo criados ao longo da história de uma língua. As línguas vão desenvolvendo sua individualidade e sua gramática. Acabam sendo únicas e transformam em patrimônio cultural de cada povo.

O estudo da linguística percebeu searas em comuns de todas as línguas. O francês Ferdinand Saussure inovou com esta ciência ao definir seu objeto de estudo, a língua. Ele a chamou de sistema de signos. Signo é a associação entre significante (a acústica, a palavra falada ou escrita) e o significado (conceito, conteúdo). Esta associação é convencional, arbitrária. A palavra “cão” (significante) representa o animal domesticado de 4 patas que normalmente criamos para vigiar nossas casas (significado).

Saussure criou o método estrutural e elevou a linguística ao status de ciência. O estruturalismo propõe a interação de cada elemento da língua com o todo. Como num jogo de xadrez. Cada peça tem seu valor e interage com todas as outras peças. Aqui nós voltamos a dualismos como parte e todo, micro e macro, conceitos e interações.

Depois do estruturalismo, veio o gerativismo também no século passado. Noam Chomsky focou seu estudo na sintaxe. Sua obra “Gramática Gerativa” pregava um número limitado de regras para gerar um número infinito de frases. Este sistema dedutivo vai do abstrato (axioma, sistema de regras) para o concreto (frases existentes na língua). Este estudo focou as interações entre palavras.

Chomsky seguiu a linha racionalista e lógica em seus estudos. Pregava aquilo que é universal ao invés de estudar as diferenças. Estas seriam uma catalogação estéril das línguas, uma infinidade de dados sem relevância. Afirmava a criatividade das frases seria governado por poucas regras.

Sintetizando, a gramática envolve as palavras e suas relações e geralmente é dividida em:

- 1) Fonética ou fonologia: estuda o som das palavras;
- 2) Morfologia: estuda a estrutura das palavras e sua classificação;
- 3) Sintaxe: estuda as relações entre palavras e orações.

Estas três compõem a gramática, mas pode-se incluir a semântica, o estudo do significado das palavras, frases ou texto. Há outras divisões que incluem estilística, etimologia, gramática textual entre outras.

O estudo estreito entre as classes gramaticais e das funções dentro da oração, ou seja, entre os aspectos morfológicos e sintáticos ao mesmo tempo é chamado de morfossintaxe. Há determinadas línguas uma relação direta entre as classes gramaticais e a sintaxe como o latim, esperanto e alemão.

Em fonética, cada língua tem sua pronúncia e suas letras. Os sons das letras deveriam corresponder exatamente e precisamente ao símbolo gráfico das letras (“b” + “a” = ba). Em nome da precisão não deveria haver letras mudas (como ocorre com o “h”), letras que correspondem a sons iguais (como “ç” e “ss”; “z” e “s”). Em inglês, a pronúncia das palavras parece aleatória em relação às palavras escritas.

A gramática textual vai além das frases. Ela busca coerência e coesão entre as frases. A coesão busca unidade de texto e se faz com elementos (conjunções, pronomes, preposições) que ligam as frases. Eles amarram as frases e não permitem frases isoladas dentro de um texto. A coerência busca unidade de ideias dentro de texto e, assim, não permitem ideias isoladas dentro do texto. A primeira se faz com elementos concretos, a segunda com elementos abstratos ligados à semântica. Esta busca o significado o mais preciso possível das palavras, frases e textos.

Quanto à variação dentro da nossa gramática, as palavras podem ser variáveis e invariáveis. Nossa gramática divide as palavras em classes gramaticais que contêm palavras invariáveis (advérbio, preposição, conjunção e interjeição) e palavras variáveis (substantivo, adjetivo, verbo, numeral, pronomes e artigos). As flexões das palavras variáveis ocorrem com a presença das desinências nominais (gênero, grau e número) e verbais (pessoa, voz, número, tempo e modo).

Estas desinências nominais podem trazer mais informações, como o sexo, tamanho e quantidade de conteúdo da palavra. Enquanto as desinências verbais trazem novas informações quanto ao tempo da ação, a pessoas do discurso, o modo da fala. A rigor, estas variações não mudam o sentido da palavra original, pois elas apenas servem para dar novas informações e se interagir com outras palavras, com

outras classes gramaticais. Estas variações não enriquecem de significados nosso vocabulário, mas o aumenta rumo ao infinito e além.

Quando as palavras flexionam para exercer uma função sintática na oração, temos o estudo dos casos, declinações, o estudo da morfossintaxe. Nossa gramática portuguesa não privilegia as flexões com declinações. Contudo há outras línguas que utilizam flexões e declinações e outras que não utilizam nem uma nem outra. Há muitas classificações das línguas, contudo para fins deste trabalho vamos classificá-las em flexionais e não flexionais. Estas são chamadas de línguas isolantes.

Estas línguas isolantes têm uma estrutura muito diferente do português. A interação entre as palavras é direta, não utilizam a flexão e sim a tonicidade para diferenciar estruturas gramaticais. Suas palavras são raízes, isto é, as palavras que não podem ser fragmentadas em elementos menores, portadores de informações gramatical e/ou significado lexical. Ou seja, as línguas isolantes não possuem flexão, por exemplo, não utilizam sufixos, como é muito comum no português. Além disso, essas línguas tendem a ser tonais. Como exemplo de línguas isolantes, temos o chinês e o vietnamita.

O surgimento das línguas isolantes foi, sem dúvida, anterior ao das línguas flexionais. Igualmente, a escrita foi desta forma. Hieróglifos, pictogramas, ideogramas não possuem flexões. Na verdade, os pictogramas basicamente deram origem a escrita. As primeiras formas de representação do homem foram as pinturas rupestres em cavernas. Com o tempo e o fim do nomadismo, o homem precisava de formas de se comunicar, identificar situações, então fazia desenhos bem sintéticos da circunstância.

Estes pictogramas representavam o conteúdo da língua de um povo. Para se representar um homem ou uma mulher, era desenhado um homem ou uma mulher. Depois surgem os ideogramas. São representações de ideias, de conceitos. Por exemplo, para se explicar um homem jogando bola, a ideia da cena era o cara chutando. Assim se fazia uma abstração. Nesse caso, a imagem não representaria o homem ou a bola separadamente, mas o conceito de futebol.

Os pictogramas, por assim dizer, são o vocabulário da linguagem, enquanto os ideogramas são as interações do vocabulário. Entidades em interações podem ser visto não só no conhecimento atual, mas também no conhecimento primitivo.

Ideogramas podem ser comparados aos pictogramas, símbolos gráficos que têm por objetivo informar às pessoas. Por ser uma comunicação exclusivamente visual, podem ser entendidos por qualquer pessoa, mesmo que está não saiba ler, ou mesmo pessoas de outro país. Como exemplo, temos as placas informativas e regulamentativas do trânsito. Uma placa com o desenho de um avião decolando não representa o avião, mas sim o aeroporto. Esta ideia é de conhecimento de todos. Tais informações não tem como flexionar.

Similarmente, o idioma chinês não tem mudança de número e os verbos permanecem imutáveis, ou seja, não há mudança de tempo e número. E como o chinês é uma língua tonal significa que uma mudança na tonicidade da pronúncia pode modificar o significado da palavra.

Esta ausência de flexão pode ser explicada pelos ideogramas. Estes ideogramas não variam. O problema do ideograma são os milhares deles em desvantagem de pouco mais de duas dezenas de letras do alfabeto. Já as línguas flexíveis multiplicam o vocabulário rumo ao infinito e além. O ideal seria minimizar tais flexões e evitar aumento do vocabulário desnecessariamente.

Vale salientar que os advérbios, conjunções, preposições e interjeições não são flexionáveis. As classes gramaticais variáveis podem flexionar quanto ao número (singular ou plural), quanto ao gênero (masculino e feminino), quanto ao grau (aumentativo, diminutivo, superlativo), quando a pessoa do discurso (1ª pessoa {eu, nós}, 2ª pessoa {tu, vós}, 3ª pessoa {ele, eles}), quanto ao tempo (passado, presente e futuro), quando ao modo (imperativo, indicativo e subjuntivo), quanto a voz (ativa e passiva).

Estas variações são da língua portuguesa. Além destas, existem as chamadas variações de caso. São alterações nas palavras em razão de função sintática. O português e o inglês usam a ordem direta da frase: sujeito, verbo, objeto. Esta ordem é obrigatória, por isto não necessitam de variações de caso. Latim e alemão usam as variações de caso e podem alterar aleatoriamente aquela ordem. Por exemplo: verbo, objeto, sujeito.

A ordem direta parece a mais acertada, pois a entidade, o conceito, a ideia, o sujeito da frase sempre vem primeiro para depois interagir com outras entidades, conceitos, objetos e pessoas. Além disto, as declinações promovem mais variações e complexidade desnecessárias.

Feitas estas considerações preliminares, vamos visualizar nossa gramática. Em resumo, vejamos a estrutura sintática do português, ou seja, as interações das palavras, dos conteúdos ou dos sujeitos.

Análise sintática de frases e orações.

Frase é todo enunciado de sentido completo. Ela pode ser formada por uma só palavra ou por várias, podendo ter verbos ou não. A frase pode ser empregada na escrita ou na fala. Ela pode exprimir dúvidas, ideias, emoções, ou ordens.

Elemento relevante da frase falada, a entonação nos dá muitas possibilidades de expressão. Estas possibilidades são muitas maiores nas línguas não flexionais. Uma frase simples, como "É sério.", a entonação pode exprimir fato, dúvida, surpresa, indignação, decepção. Na língua escrita, a entonação é substituída pelos sinais de pontuação e promovem o sentido das frases.

As frases podem ser classificadas em:

a) Frases Interrogativas: o sinal "?" e a entonação (no caso da fala) representam a interrogação direta. Ocorre quando uma pergunta é feita pelo emissor da mensagem. São empregadas quando se deseja obter alguma informação. Pode ser também um pedido ou oferecer uma gentileza. São afirmativas ou negativas. Exemplos: Você quer água? Não quer água?

b) Frases Imperativas: são frases determinísticas em que o emissor da mensagem dá uma ordem, um conselho ou faz um pedido, utilizando o verbo no modo imperativo. São afirmativas ou negativas. Exemplos: Faça o que eu mando. Não pega isso.

c) Frases Exclamativas: são frases em que se exteriorizam emoções. Elas apresentam entoação ligeiramente prolongada. São afirmativas ou negativas. Por Exemplo: Oh, meu Deus! Não quero!

d) Frases Declarativas: ocorrem quando o emissor constata um fato. Esse tipo de frase informa ou declara alguma coisa. São afirmativas ou negativas. Ontem fui ao cinema. Eu não fui ao cinema.

Percebamos o dualismo afirmativo-negativo. A negação é extremamente relevante na linguagem, na lógica, na matemática e em nosso sistema filosófico. Há mais dualismos nas frases, como o emprego ou não do verbo. Assim as frases podem classificar em nominal e verbal: Frase Nominal é a frase elaborada sem verbos. Exemplo: Uma espécie de sistema filosófico como existencialismo. Frase

Verbal é a frase elaborada com verbo. Exemplo: O exposto era uma espécie de sistema filosófico.

Estas frases verbais de um só verbo também são orações. Oração é um conjunto de palavras interligadas em torno de um verbo. Na frase temos o sentido e na oração temos o verbo como ênfase. Quando há mais de uma oração, temos o período ou uma frase com várias orações. Enquanto as frases sem verbos focam no conteúdo, na ideia, no sujeito, as frases com verbos ou orações focam na interação, exceto as ligadas com verbos estáticos.

As palavras exercem funções dentro das frases. Estas funções recebem o nome de termo. Estes podem ser essenciais, integrantes e acessórios. Termos essenciais da oração contêm um sujeito e predicado. Sujeito tem a função de representar o ser. O predicado tem a função de representar aquilo que se diz o ser. Enquanto o sujeito representa o ser, o predicado representa a interação do ser.

Termos integrantes da oração contêm objeto direto, objeto indireto, complemento nominal e agente da passiva. Objeto direto tem a função de completar o verbo sem preposição. Objeto indireto tem a função de completar o verbo com preposição. Complemento nominal completa o nome por meio de preposição. Agente da passiva representa quem pratica a ação. Os objetos direto ou indireto e o agente da passiva representam entidades, seres, conteúdo em interação.

Termos acessórios das orações são adjuntos adnominal e adverbial, aposto, vocativo. Adjunto adnominal tem a função de se juntar a um núcleo representado pelo nome. Adjunto adverbial se junta a um verbo para circunstanciar. Aposto retoma outro termo para explicar, ampliar, resumir. Vocativo não tem função sintática na oração, mas que é usado para chamar as pessoas com quem se fala. Tais termos ora focam as entidades ora as interações.

Os períodos compostos são separados em orações para fins didáticos. As relações entre eles podem ser coordenadas e subordinadas. Períodos compostos por coordenação são independentes entre si. Eles são subdivididos em oração coordenada sindética e assindéticas. Estas não possuem conectivos, mas vírgulas. A sindética se subdivide em: aditivas, adversativas, alternativas, explicativas e conclusivas.

Os períodos compostos por subordinação tem o período principal e este depende da oração subordinada. São divididas em subjetivas, adverbiais e adjetivas quando exerce a função de substantivo, advérbio e adjetivo respectivamente.

Orações subordinadas subjetivas exercem a função sintática de sujeitos, objeto direto e indireto, complemento adnominal, vocativo e aposto.

Orações subordinadas adverbiais exprimem circunstância de tempo, causa, finalidade, modo, lugar, condicionais, consecutivas, conformidade, comparação e concessão.

Orações subordinadas adjetivas dividem em restritiva e explicativa. As restritivas limitam o significado do termo antecedente sem vírgula. As explicativas caracterizam o termo antecedente, tornando-o mais amplo e com uso de vírgula.

O conjunto de orações, sejam coordenadas ou subordinadas, representam um conjunto de interações que podem ter o mesmo sujeito ou sujeitos diferentes.

Toda esta estrutura acima exposta permite uma abertura. Nós podemos montar uma frase nunca antes feita e ser entendida por todos os usuários da mesma língua. Noam Chomsky chama esta ideia de gerativismo. Com poucas regras podemos criar uma infinidade de frases, apesar de muitas excessivas e desnecessárias regras gramaticais do português.

Todavia esta estrutura não está pronta e acabada. Ela também evolui assim como todas as línguas. Muitas destas serão extintas como no caso das línguas indígenas, outras nascerão como as linguagens de programação. Há milhares línguas, no entanto, todas elas têm características em comum: além da abertura e evolução, temos a abstração e a negação. Tais características também são comuns na matemática e na lógica.

A abstração é a capacidade do ser humano de conceituar, enumerar, referirem-se a fatos ausentes, passados, futuros e hipotéticos. A abstração representa fenômenos, fatos, objetos e ideias que não existe fisicamente, mas apenas metafisicamente.

Quando pensamos num crime de fato ocorrido, estamos criando em nossa mente outra realidade. Uma realidade metafísica, virtual, paralela e ao mesmo tempo longe do crime que aconteceu fora de nossa mente. Todos percebem o crime real da mesma maneira. Entretanto cada pensador tem um sistema particular de

valores. O mundo que pensamos é um simulacro do real que passa pelos filtros e valores de cada um. Esse mundo que existe na mente do homem (universo paralelo) criado pela linguagem é o que chamamos de visão do mundo.

Do prisma linguístico, a realidade só tem existência para os seres humanos quando é nomeada. O mundo existe independentemente das pessoas, mas só atentamos para as coisas por intermédio da linguagem. Nós percebemos e diferenciamos os objetos e ações no mundo por meio da linguagem.

As palavras e suas interações criam conceitos que ordenam a realidade, categorizam e classificam o mundo. A linguagem é, assim, uma forma de apreender aquilo que existe. Cria-se uma nova palavra para denominar outra realidade. Por isso uma língua interpreta e ordena o mundo.

Acima foi dito que as frases podem declarativas, interrogativas, exclamativas. As declarações, interrogações e exclamações podem ser afirmativas ou negativas. Assim a negação é vital para a linguagem. Este Nada tem relevância na linguagem. O principal advérbio de todas as linguagens é o NÃO, do latim non. Advérbio de negação é usado para negar verbos, adjetivos, frases e orações. O advérbio de Negação, o NÃO foi a primeira palavra de todos os povos. Há outros advérbios de negação como jamais, nunca, negativamente, mas o não é o mais comum.

Voltando ao conceito inicial, palavras e suas interações passam pela sintaxe e pelo dualismo citado (afirmação ou negação) para chegar a um sentido. Esta ideia reflete na matemática, na lógica. Números em interações que passam por regras e o dualismo para chegar a um resultado. Na lógica, conceitos em interação que passam por regras e pelo dualismo para chegar a uma conclusão. O Existencialismo Metafísico defende que estas ideias funcionam para a vida, seres em interações que passam por regras e pelo dualismo para chegar à integração.

O ser, o “eu”, a entidade metafísica é uma parte da realidade inquestionável. Este ser percebe o mundo através dos sentidos principalmente pela visão e audição. Este mundo pode ser apenas representado pelo “eu”, como fazem os atores ou pela linguagem falada ou escrita. Não há como o ser experimentar ser outro ser. Kant chamava isto de “mundo em si”. O leitor não tem como ser uma árvore ou estar na pele de outra pessoa. Daí os conceitos “eu” e “não-eu”, ser ou não-ser. Este dualismo reflete em outras searas da realidade e do conhecimento.

Então nós temos um dualismo cósmico da realidade: a nossa visão de mundo e o mundo em si. A ciência dividiu a realidade no sujeito e no objeto. A filosofia no micro e no macro. As religiões no criador e na criatura. A arte no “eu” e “não-eu”.

A gramática dividiu seu estudo no sujeito e no predicado e chamou este dualismo de termos essenciais da oração. O sujeito pode ser o homem, objeto ou ideia. O predicado contém as interações e estas podem ser afirmativas ou negativas. A ideia de negação também é forte na lógica, alvo de nossa próxima exploração.

5 - Lógica

Lógica vem do grego logos, razão. O filósofo grego Heráclito usou o termo logos como ordem, conhecimento. De forma simples, lógica é um processo mental para se chegar a um conhecimento verdadeiro. Ela busca o raciocínio para chegar a uma verdade. Para sintonizar a lógica com nosso sistema filosófico, nós a definimos como sendo conceitos em interações para formar uma verdade.

Igualmente a gramática, a lógica trata de entidades (conceitos) e suas interações para formar um todo, uma verdade. Os conceitos leva a individualização de ideias e conteúdos. A individualização dentro do todo separa também a pessoa, o número, a ideia e leva a ideia de negação. “cão” não pode ser “gato”. Definido o objeto cadeira, este não pode ser mesa. Igualmente a gramática, a lógica trabalha com o NÃO. A ideia de negação é vital para a lógica. A razão tem a propriedade de negação.

Inicialmente, a lógica foi estudada pelos gregos e foi elaborada, estruturada e sistematizada por Aristóteles. Na Grécia antiga, os sofistas eram filósofos que usavam a retórica para persuadir qualquer pessoa sobre qualquer tema. Eles usavam falácias, emoções, ideologias para pregarem uma falsidade como se fosse uma verdade. Os sofistas menosprezavam a verdade e relativizaram tudo.

Pensando nesta enganação dos sofistas, Aristóteles apresenta a argumentação lógica. Sua estrutura é formada por duas premissas e uma conclusão

derivada delas. Ou seja, são proposições declarativas que levam a um argumento dedutivo. Proposições declarativas são frases que informam ou declaram um fato. Podem ser negativas ou afirmativas. O argumento dedutivo vai do geral ao particular. O exemplo clássico é "Todo homem é mortal. Sócrates é homem. Logo, Sócrates é mortal". Generalizando, todo homem é mortal. Especificando, Sócrates é homem. Concluindo, Sócrates é mortal. Ora este trio é chamado de silogismo, ora teoria da demonstração.

Quando se fala que Sócrates é homem, automaticamente você nega que ele seja uma árvore, um macaco, ou uma mesa. Você o exclui do todo. A negação promove a individualização de pessoas, objetos e conceitos.

Sócrates, homem e mortal são conceitos. "Todo homem é mortal" é uma frase, uma oração em gramática. Em sintaxe, as três frases ou orações contêm um sujeito e um predicado. Sujeito é aquele de quem se diz algo e predicado é o que diz do sujeito. São chamadas de termos essenciais da oração em gramática. Em lógica, a frase ou oração é chamada de juízo, proposição, premissa, sentença.

Conceitos e suas interações são as bases do pensamento. Vale dizer, números e palavras são conceitos e convenções abstratas. Neste sentido, lógica, língua e matemática se cruzam. Depois de conceituados, as interações entre palavras, proposições e números são lógicas. A lógica trabalha com conceitos ou proposições e o processo (interações) que leva a uma inferência verdadeira. Premissas verdadeiras conduzem uma conclusão verdadeira.

A estrutura lógica da argumentação também foi inspirada pela negação e pela compulsão de classificação em Aristóteles. Ele divide tudo em vida e não-vida (orgânico e inorgânico), depois em vegetal e não-vegetal (animal), em seguida, animal racional ou não-racional (irracional). Ao classificar os mamíferos, podemos fazer uma inferência. Veja: todo homem é mamífero. Sócrates é homem. Logo Sócrates é mamífero. Sócrates não é réptil. Tal dedução-inferência-sentença é válida com base em axioma-proposição válida.

A lógica aristotélica tem duas regras: lei da não-contradição e a lei do terceiro excluído. A lei da não-contradição prega que nenhuma afirmação ou negação pode ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo. A lei do terceiro excluído prega que para qualquer proposição, ou esta proposição é verdadeira, ou sua negação é verdadeira. Dito isto, a negação é sine qua non para as duas leis e,

consequentemente, para a lógica. Na primeira lei, a negação está no título e no conteúdo. Na segunda lei, a negação está no conteúdo da ideia que pode ser verdadeiro ou falso.

Esta ideia de negação busca a individualização dos conceitos no caso da lógica. A negação também busca a individualização das palavras e números nos casos da gramática e matemática respectivamente. Com a individualização de um conceito, uma palavra, ou número, você os separa do todo, mas não da interação constante com o todo.

Estas duas leis juntas com outras duas leis de Leibniz (o princípio de razão suficiente e o princípio da identidade dos indiscerníveis) formam as quatro leis do pensamento.

O princípio de razão suficiente é uma regra do pensamento que diz tudo o que acontece tem uma razão suficiente para ser assim e não de outra forma, vale dizer, tudo tem uma explicação suficiente. Princípio da identidade dos indiscerníveis é uma das leis de pensamento que diz se x e y compartilham todas suas propriedades, x e y são idênticos.

Veja que tais leis buscam a verdade de algo e a separa de um todo. Este algo não pode ser e não-ser há um só tempo. Chamamos de dualismo existencial o “ser e não-ser”. Este algo tem uma identidade dentro do todo com o qual interage.

Depois de Aristóteles, os estoicos aperfeiçoaram a lógica que evoluiu até o século XVII. Nesta oportunidade, o matemático e filósofo alemão Gottfried Wilhelm von Leibniz começou a lógica moderna. Ele criticou a lógica aristotélica que trabalhava apenas com verdades conhecidas e não com investigações de novas verdades. Ainda aplicou a matemática para interpretar os silogismos aristotélicos. Seus estudos influenciou a lógica da matemática moderna no século XIX.

Em matemática, logicismo prega que a matemática veio da lógica, das leis do pensamento. Lógica e matemática seriam as mesmas coisas para o matemático Bertrand Russell. Para Leibniz, ideias seriam representadas por símbolos e ideias mais complexas seriam representados pela combinação destes símbolos. Ele queria chegar à verdade por meio de raciocínios algébricos em toda área do conhecimento. O cálculo resolveria os debates filosóficos, uma ferramenta definitiva do pensamento.

Apesar das críticas, o logicismo promove uma relação íntima entre lógica e matemática. O argumento lógico busca a mesma ideia de uma demonstração matemática: inicia com afirmações (premissas maior), depois passa pelo desenvolvimento (premissas menor) para chegar à conclusão. Em lógica, todo homem é mortal. Sócrates é homem. Sócrates é mortal. Em matemática, $a = b$; $c = b$; logo $a = c$.

Alguns filósofos negaram a relação entre linguagem, lógica e matemática. O filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein inovou com a Filosofia da Linguagem em sua obra “Investigações Filosóficas”. A 1ª fase dele foi uma tentativa de construir uma linguagem ideal. Acreditava que a frase seria uma imagem lógica de um fato e que toda frase teria um significado preciso, correspondente ao que ela representa.

Mas depois Wittgenstein percebeu que a linguagem e seu uso são mais do que a lógica. As frases não podiam ser entendidas isoladamente e uma dependia de outra. Sua linguagem ideal caía em ambiguidades e contradições, pois as palavras dependiam de seu contexto e não apenas do que ela pode representar. Usuários da linguagem devem dominar a sintaxe, o vocabulário, regras implícitas e o contexto. Por isto a lógica sempre fica prejudicada com a linguagem. O uso da linguagem é decisivo para a constituição do significado. De um lado temos a palavra, doutro temos o contexto, o todo.

A conexão de lógica e matemática tem complicações da linguagem, pois ela esta sujeita a sutilezas da linguagem. Construir um argumento envolve sempre usar a linguagem com cuidado e precisão. Jacques Derrida inova com a desconstrução de todo texto, como um modo especial de ler buscando paradoxos e contradições ocultas. Quando se escreve, o sentido das palavras depende da relação de significado de cada um com elas.

Não houve uma construção de uma gramática para as línguas que tivesse sustentação na lógica matemática. Esta funciona com valores absolutos sem a necessidade de tempo-espaco-matéria. A linguagem funciona com valores relativos no tempo-espaco. Ainda assim, vamos advogar uma estrutura e origem comum entre elas ao longo da obra.

Em ressonância com o exposto, o estudo da lógica resultou em duas vertentes. De um lado, a lógica da linguagem humana, por assim dizer, e de outro lado, a lógica da linguagem matemática. A lógica das linguagens humana tem fonte

aristotélica e era forte até o século XIX, oportunidade da chegada da lógica matemática. Aquela usa o raciocínio e é o estudo filosófico do raciocínio válido. A lógica matemática é estudada por áreas como a filosofia, matemática e ciência da computação. Também denominada de lógica simbólica, usa a aritmética em sua construção ao invés da língua natural.

A lógica das linguagens humana e matemática verificam se as proposições são válidas ou não, isto é, se são falaciosas. As duas lógicas trabalham com a ideia da negação e consequentemente com a ideia da identidade. Ser e não-ser estão presentes nas linguagens humanas e matemática.

Esta simples ideia, a lógica, teve uso em diversas searas do conhecimento. A filosofia aplica seu estudo na metafísica, ontologia, epistemologia e ética. A matemática estuda as formas válidas de inferência. A ciência da computação usa a lógica em seus algoritmos. Apesar da ideia simples da lógica, ela permitiu complicações e um sem fim de espécies. Vamos citar algumas e desenvolver as lógicas da computação e matemática.

Dentre a lógica formal temos a lógica silogística aristotélica tradicional e a lógica simbólica moderna. Lógica informal estuda a argumentação em língua natural. Esta também trabalha com o estudo de falácias. Como exemplo de lógica informal, temos os diálogos de Platão. Lógica simbólica trabalha com as abstrações simbólicas e se divide em lógica proposicional e a lógica de predicados. Lógica filosófica foca as argumentações válidas.

Fala-se ainda em: lógica material, lógica de predicados, lógica de orações, lógica modal, lógica epistêmica, lógica deôntica, lógica temporal, lógicas anticlássicas, lógica paraconsistente, lógica paracompleta, lógica difusa, lógica de base n , entre outras.

Mas a lógica que nos interessa é a do onipresente computador. O dualismo matemático se apresenta como sistema binário 0 e 1 ao universo computacional. O dualismo existencial “ser ou não-ser”, 1 ou 0, algo ou não-algo, está presente no mundo digital. A vida dos computadores não existiria sem a negação.

Lógica de programação são algoritmos, programas de computador. É uma sequência de passos para se executar uma função. De forma didática, profissionais da computação costumam comparar algoritmo com uma “receita de bolo”. Na receita, seguem os passos para fazer o bolo ficar pronto. Na informática, os

programadores escrevem as receitas de bolo (algoritmos) de modo que o computador leia e entenda o que deve ser feito ao executar o algoritmo. Para isto é necessário uma linguagem de programação.

A linguagem de programação é como uma língua normal, um grupo de palavras com significados. No caso da programação, a maioria das linguagens é escrita em inglês. Estas linguagens fazem o computador assimilar cada comando e função de um algoritmo, depois executar cada função.

Tal linguagem se escreve com o algoritmo. Lógica de programação trabalha como representação de um algoritmo. Temos dois tipos de representações, que são: fluxograma e Pseudocódigo. Fluxograma é representado por formas gráficas e o pseudocódigo é representado como uma narrativa do que está acontecendo. Ele é a ponte entre a linguagem falada e a linguagem de máquina (programação).

O algoritmo contém quatro tipos de dados: inteiro, real, lógico e literal. Os dados inteiros recebem apenas números inteiros positivos e negativos e não aceitam números reais. Como exemplo: 0, 1, 2, 3, 44, -102. Já os reais recebem valores inteiros e fracionários, positivos e negativos. Como exemplo: 1/7, - 5/2, 8/4. Os dados literais aceitam letras, números ou caracteres especiais. Vale dizer, pode ser qualquer tipo de valor desde que esteja entre aspas duplas. Ex.: "metafísica" "Jose" "123" "67hG".

Os dados lógicos respondem uma pergunta e esta deverá ter apenas duas possíveis respostas: sim ou não. Entretanto as respostas poder ser verdadeiro ou falso. Como exemplo: o mar é azul? Sim (Verdadeiro); a floresta é azul? sim (Falso). As expressões lógicas verificam valores e confirma se a resposta é verdadeira ou falsa.

As expressões lógicas podem possuir expressões aritméticas e, para isto, usam símbolos para expressar interações.

Operadores relacionais lógicos:

Símbolo	Operador
>	Maior
<	Menor
>=	Maior igual
<=	Menor Igual
=	Igual

$\neq$ Diferente

Estrutura de Condição

Estas estruturas são ações condicionadas a serem executadas de acordo com uma lógica. Elas são definidas por expressões lógicas e o programa irá executar a estrutura de acordo com as respostas verdadeiras ou falsas.

Se está frio = pegar um agasalho.

Se não = não preciso do agasalho

Vejam a relevância da negação na lógica.

Ao lado da lógica computacional, nós temos a lógica matemática. Vamos desenvolver alguns conceitos básicos de lógica matemática.

1) proposição é toda oração declarativa e esta pode ser verdadeira ou falsa. Assim as proposições não podem ser interrogativas ou exclamativas, pois não podem ser consideradas falsas ou verdadeiras. Ela tem um e somente um valor lógico, falso ou verdadeiro. Como exemplos de proposições matemáticas: $6 + 6 = 12$; o valor lógico desta proposição é verdadeiro e somente verdadeiro. $6 + 6 = 13$, temos outra proposição matemática, cujo valor lógico é considerado falso, somente falso.

2) negação, uma proposição “p” sempre pode ser negada e representada pela expressão “ $\sim p$ ”. Exemplo: $p: 5 = 5$; $\sim p: 5 \neq 5$. A proposição $\sim p$ deve ser oposta de p e sempre classificada verdadeira ou falsa.

3) proposição composta é composta de duas ou mais proposições. Nós usamos símbolos lógicos ($\wedge$; $\vee$) chamados conectivos respectivamente “e” “ou” para ligar as proposições.

Exemplo:

$p: 7 > 1$

$q: 7 \neq 2$

$p \wedge q: 7 > 1 \text{ e } 7 \neq 2$

Estas proposições também trabalham com os valores lógicos, verdadeiro ou falso. A conjunção $p \wedge q$ é verdadeira se p e q são ambas verdadeiras. Se ao menos uma delas é falsa, então $p \wedge q$ é falsa.

4) – condicional, a partir de uma proposição dada, podemos agregar outras proposições com símbolos lógicos chamados condicionais: $\rightarrow$ (se... então...); $\leftrightarrow$ (se e somente se ...)

Como exemplo:

q: $3 + 3 = 6$ (V)

p: $1 > 6$ (F)

$p \rightarrow q$: Se $3 + 3 = 6$, então $1 > 6$ (F)

Ainda há outras entidades de lógica matemática como tautologias, sentenças abertas, quantificadores, mas todas têm em comum os valores lógicos: verdadeiro ou falso.

Não sou matemático e nem um lógico. Tudo que eu fiz foi um trabalho de pesquisa. O que quero demonstrar é a relevância do dualismo matemático e lógico, sim e não, falso e verdadeiro. No caso da lógica e da computação, falso e verdadeiro. Igualmente a matemática trabalha com dualismo (0,1) e com o conceito básico da negação.

Conforme defendemos ao longo da obra, este conceito de negação ajuda a criar a identidade. Eu sou José e não Paulo. As diferenças utiliza a negação e separa uma entidade das outras, seja um ser, um conceito, um número, uma palavra. As semelhanças vão demonstrar uma estrutura comum, um todo, um eu-coletivo.

Além da negação, a lógica tem uma evolução e uma abstração. Sua história acima descrita demonstra uma evolução desde a Grécia antiga até a moderna matemática. Ela também tem abertura, uma infinidade de conceitos que podem levar a uma infinidade de conclusões. Então a lógica, a gramática e matemática possuem propriedades em comum.

Quando da interação das proposições lógicas, usa-se verbos de estado que permanecem no tempo. A lógica, como a matemática, trabalha com verbos de estado. Estes permanecem no tempo, podendo ser relativo ou absoluto. Enquanto as demonstrações matemáticas podem eternizar no tempo, as demonstrações lógicas podem ser efêmeras, verdades relativas no tempo. Desde os sofistas, há uma relativização do mundo. A física quântica e Einstein sacramentaram esta relativização. Entretanto o mundo matemático, ou a maior parte dele, demonstra haver absolutismo. As religiões ocidentais também costumam pregar o absolutismo.

Os verbos de ação são desprezados pela matemática. No entanto, a matemática e a lógica matemática trabalham com o absoluto. $2 + 2 = 4$ é uma verdade absoluta em qualquer tempo-espço. “Pelé é brasileiro” é um estado lógico

que dura do nascimento até a morte. Portanto é uma verdade relativa no tempo e não absoluta.

Enquanto a matemática e a lógica usam verbos de estado, a linguagem usa verbos de ação limitados no tempo-espço. Então a lógica é uma tentativa humana de aproximar a linguagem relativa do homem da linguagem absoluta da matemática, objeto de estudo do próximo capítulo.

6 - Matemática, um mundo Metafísico.

Como a lógica e a gramática, a palavra matemática também tem origem na Grécia. Sua etimologia parece estar ligada ao conhecimento e aprendizagem. Trata-se de raciocínio abstrato, lógico e estuda basicamente números, quantidades.

Alguns animais tem noção de quantidade e podem até contar pequenos números. Imagine um animal, disputando um território, que vê uma grande quantidade de rivais. Ele até poderia enfrentar mano-a-mano, quiçá um casal, mas uma quantidade maior ele foge.

O homem pré-histórico contava as coisas e aprendeu a contar quantidades abstratas como o tempo. Um osso datado de vinte mil anos atrás demonstra o registro de uma contagem. Ele tinha agrupamentos de 60 riscos e isto só é possível se contar. Agricultura depende das estações do ano e alguém tinha que contar os dias para saber quando plantar e colher.

A matemática desenvolveu em vários lugares do planeta, especialmente na Mesopotâmia, Egito, Grécia, Índia e até na América com os Incas. A aritmética elementar (adição, subtração, multiplicação e divisão) desenvolveu naturalmente. Os sumérios foram os primeiros a desenvolver a aritmética e, de quebra, começaram a escrita com a matemática.

Uma matemática prática ocorreu naturalmente em praticamente todas as civilizações, mas os filósofos gregos desenvolveram um interesse especial e elaboraram teorias sobre os aspectos fundamentais. Eles queriam saber qual ramo era mais básico, a aritmética ou a geometria.

Depois de Isaac Newton, o desenvolvimento da matemática cresceria. O principal livro da ciência, “Principia”, elaborou os princípios dos movimentos que funcionavam em todo universo. Newton adotou o cálculo e a matemática ganhou destaque. Principia era um livro de filosofia, até então a ciência não existia. O empirismo abarcou a matemática e surgiu a ciência com o chamado método científico. A matemática forneceu precisão ao conhecimento.

Até hoje a matemática apresenta complicações de sua natureza e até de sua definição. Depois de mais de milênios sem uma definição para a matemática, um consenso surgiu no século passado que parece agradar aos matemáticos. A matemática seria uma ciência que estuda os padrões abstratos. Assim o matemático busca regularidades seja na natureza, seja na matemática pura.

Entretanto até os animais percebem padrões. Imagine um predador que vê sua presa ir beber água no rio, uma, duas, três vezes. Ele intuitivamente sabe que sua presa irá ao rio beber água por causa daquele padrão. Cientistas e matemáticos gostam de ver a matemática como ciência. Nós ousamos discordar, pois a ciência trabalha com os sentidos humanos. O empirismo precisa ver e pegar, mas a matemática não. Ela precisa apenas medir, quantificar e dar precisão. Nós preferimos vê-la como um instrumento metafísico a serviço de todas as ciências. Nós preferimos aproximá-la dos conhecimentos igualmente abstratos, digamos, metafísicos como a lógica e a gramática.

Então vamos conceituá-la singelamente de números e suas interações para obter um resultado. Podem até tentar refutar esta ideia pelo menosprezo da geometria, mas mesmo a geometria não é nada sem os números. Triângulos, quadrados têm lados e ângulos que são números. Círculos têm raios, diâmetros e “ π ” que também são números. Este conceito nos aproxima de uma estrutura similar da linguagem (palavras em interações), da lógica (conceitos em interações) e de nosso sistema filosófico (“eus” em interações). Estas entidades e suas interações formam sistemas, conclusões, comunicações, resultados. Numa palavra, se integram.

Diferentemente da gramática, da lógica e da matemática, a ciência física e todas as outras ciências trabalham com os sentidos humanos. A ciência tem necessidade de ver, pensar, medir, quantificar, experimentar, equacionar para ser chamada de ciência. Seu objeto de estudo tem necessidade de existir no tempo e no

espaço. Ou seja, o objeto de estudo deve existir fisicamente para ser observado e quantificado. Todas ciências têm que quantificar. Logo a Matemática (assim com “m” maiúsculo) é um instrumento das ciências e não uma ciência autônoma. A matemática não tem existência física e nem existência no tempo-espaço como todas as ciências, então ela é metafísica.

Etimologicamente metafísica significa além da física. A física tem 3 objetos de estudo: matéria-tempo-espaço. O prefixo “meta” tem significado de posição posterior ou transcendência. Para fins didáticos desta obra, tudo que não pode ser percebido pelos 5 sentidos científicos e não tenha existência no tempo-espaço-matéria será considerado metafísico. Então consideramos metafísico: a matemática, a consciência (mente, psique, alma, espírito, “eu”), os sonhos e o mundo além-físico das religiões. A ciência tem alguns deles como seu objeto de estudo, acreditando que pertencem ao mundo físico.

As religiões sempre pregaram um universo metafísico, um mundo acessado somente pelos médiuns, profetas, pajés, curandeiros, xamãs, feiticeiros, porta vozes divinos e membros eclesiásticos. Um universo “sobrenatural” de deuses, anjos, demônios, orixás, antepassados e mortos. Para a igreja, este mundo estava no céu. Os telescópios projetaram a visão do homem para o espaço e percebeu que não havia deus.

O que se descobriu foi uma espantosa grandiosidade do universo. Teologias infantis misturaram os mundos físico e metafísico, a ciência ganhou espaço entre os homens e passou a disputar o conhecimento com a metafísica. Descobertas científicas tiraram a credibilidade religiosa que sempre pregou o mundo metafísico, a origem única e criada.

A ciência física passou a negar o mundo metafísico. Todavia curiosamente, todas ciências têm em comum a linguagem matemática e esta não tem origem física. Explico. A equação $1 + 2 = 3$ não é produto da experiência, mas um resultado de uma abstração lógica. A matemática não impressiona os sentidos, mas impressiona a razão. Ela não tem existência no tempo-espaço. Ela não tem como ser experimentada em laboratórios. A matemática é a mesma ontem, hoje e sempre, pois não deteriora com o tempo, como ocorre com objetos do mundo físico. Ela não tem prazo de validade e vale para nós, terráqueos, e para os extraterrestres.

Em nosso mundo físico, toda matéria está localizada no tempo-espaço. Tudo tem uma determinada efemeridade. A vida biológica nasce, cresce e morre. Pedras viram casa e deterioram. Mas a matemática é atemporal e não espacial. Ela pode ser utilizada com precisão no passado e no futuro. Também pode ser utilizada com precisão em nosso planeta, em qualquer outro planeta de qualquer galáxia do universo, ou em qualquer outro universo do multiverso (se é que ele existe).

Realmente ela é abstrata. Nós contamos os dedos, mas esta mesma matemática serve para contar planetas e galáxias, ou seja, ela não está nos meus dedos, nem nos planetas e nem nas galáxias. Ela também não é palpável, não existe no mundo físico. Em outras palavras, a matemática tem origem metafísica. Desde a Grécia antiga, os pensadores Pitágoras e Platão já diziam esta origem transcendental dela.

O primeiro filósofo grego flertou com a matemática. Tales de Mileto também era metafísico e monista. Pregou um princípio único e também uma substância única, a água, como primordial de onde o mundo evoluiu por processos naturais.

Pitágoras também era matemático e metafísico. Ele era monista e afirmava que tudo no universo eram números. Para ele, a matemática e Deus eram a mesma coisa. Ele ficou conhecido com o teorema que leva o seu nome. O teorema de Pitágoras não se acha brotando de uma árvore e nem pode ser retirado de um cérebro. Não será encontrado em nosso planeta e em nenhuma galáxia do universo. Ele só pode ser localizado no mundo das ideias. Igualmente os números não podem ser encontrados no mundo físico, mas servem para contar objetos em qualquer lugar do universo. Por isto a Matemática sempre esteve perto da filosofia e a filosofia sempre esteve perto da matemática.

Platão, matemático e metafísico, supervalorizava a matemática, pois ela pertencia ao “mundo das ideias”. Na entrada da sua escola, a Academia, havia a seguinte afirmação: “Que aqui não adentre quem não souber geometria”. Também disse acerca de Deus: “Ele eternamente geometriza”. Ele dividiu a realidade em dois mundos: o mundo dos sentidos e o mundo das ideias. Platão separou de um lado aquilo que é efêmero, cotidiano, e de outro lado o que é eterno, imutável, onde estaria a matemática. Aquilo que flui é percebido pelos sentidos. O que é eterno é percebido pela razão. O mundo dos sentidos (mundo físico) tem origem no mundo das ideias (mundo metafísico), a realidade eterna e imutável.

Mundo dos sentidos tem opiniões incertas. Realmente a ciência não consegue nem definir o que é a vida, porque ela, em essência, é metafísica. Neste mundo físico, os 5 sentidos tem apenas um conhecimento imperfeito onde tudo passa e desaparece. Mundo das ideias tem um conhecimento seguro através da razão. $2+3$ sempre será 5. Racionalista, Platão considerava a matemática morada do mundo metafísico.

Ele dizia que temos um corpo que flui, ligado ao mundo dos sentidos. Este corpo terá o mesmo destino de toda matéria presente neste mundo. Desaparecerá, ou melhor, se transformará. Mas também temos uma alma imortal, a morada da razão. Ela pode ter acesso ao mundo metafísico, porque a alma é imaterial. Para ilustrar esta divisão da realidade, Platão nos conta a parábola, conhecida por Alegoria da Caverna. Ela usa a metáfora para demonstrar o mundo físico de um lado e o metafísico de outro.

A alegoria mostra o desafio do Filósofo e da Metafísica ao buscar a nossa verdadeira morada. Por esta divisão da realidade, ele ficou conhecido injustamente como dualista. Na verdade, ele era monista ao pregar a efemeridade deste mundo, em contraponto com a eternidade metafísica. Ao vencer a ignorância, saímos da ilusão.

Platão usou a razão e seu discípulo Aristóteles, os sentidos. Ari achava a matemática abstrata demais e para ele nossa razão permanece vazia enquanto não percebemos nada. Nossas ideias e pensamentos entram em nossa consciência através do que ouvimos e vemos. Aristóteles foi um grande sistematizador, fundou e ordenou várias ciências. Fundou também a lógica como ciência. Aristóteles se interessou mais pelo mundo dos sentidos, porém não negou a metafísica. Para ele, Deus era a causa primordial de todos os movimentos dos corpos celestiais e, por consequência, dos movimentos da natureza.

Descartes, outro matemático e metafísico, foi o fundador da filosofia dos novos tempos. No Renascimento, o reencontro do homem e da natureza necessitava de um único e coerente sistema filosófico, uma filosofia de base. Em seu renomado livro “Discurso do Método”, Descartes levanta a questão de saber qual método filósofo usar para resolver um problema filosófico. A ciência natural já tinha desenvolvido o seu método.

Este pensador queria aplicar o método matemático à reflexão filosófica, utilizando a mesma ferramenta que usamos no trabalho com números: a razão. E a alma era a própria razão. Descartes também foi considerado dualista, pois estabeleceu uma nítida linha divisória entre a realidade material e metafísica. No que se refere à realidade material, era mecanicista.

Com o sistema de coordenadas elaborado por Descartes, até mesmo as ciências humanas e sociais passaram a utilizar a matemática. Ferramentas matemáticas, como estatística e probabilidade, fornecem a sustentação não apenas de parte considerável da ciência moderna, mas também de uma ampla gama de atividades sociais, da economia, dos esportes. Estas duas instituições matemáticas são relevantes, levam a conclusões significativas de vasta quantidade de dados, introduzindo o pensamento quantitativo nas ciências humanas e sociais.

Newton utilizou a matemática de Descartes, descobriu e calculou as leis fundamentais da mecânica e dos movimentos dos planetas. Seu trabalho uniu o céu e a terra através da matemática. Este instrumento metafísico também uniu física e astronomia.

Em seguida, Galileu aprimorou o telescópio, foi o primeiro astrônomo moderno e revolucionou o pensamento científico. Para ele a matemática é a linguagem da ciência. A matemática era tão efetiva em explicar a natureza que Galileu pensava que ela era simplesmente a linguagem do universo.

Com esta síntese histórica podemos afirmar que a linguagem matemática, assim como a linguagem humana, é um instrumento metafísico.

Como as palavras, os números são abstrações. Os números 1, 2, 3, 4 ... 100... não existem na natureza física. As equações $ax^2 + bx + c = 0$ e $a^2 + b^2 = c^2$ não existem no mundo físico. $1 + 1 = 2$ é uma abstração lógica, matemática pura. Esta não precisa de um laboratório para fazer experiências com ela. Agora, uma maçã mais outra maçã é igual a duas maçãs, temos matemática aplicada. Os matemáticos procuram e analisam os padrões em meio ao caos. É uma atividade intelectual livre.

Os números e palavras são abstrações aleatórias promovidas pelo homem. Mas depois de definidas as relações entre as palavras e entre os números são lógicas. Matemática é uma espécie de linguagem. Pensadores demonstram que a gramática e o raciocínio estão relacionados como uma álgebra.

Neste sentido, o logicismo matemático defende que a matemática veio da lógica. Alguns matemáticos advogam que lógica e matemática são um. Leibniz queria que todos os debates filosóficos fossem resolvidos por cálculo e assim elaborar uma ferramenta definitiva do pensamento. Entretanto alguns filósofos discordaram desta relação como Ludwig Wittgenstein. Ele tentou construir uma linguagem ideal. Mas esta linguagem encontrou ambiguidades e contradições no contexto, nas circunstâncias.

Ocorre que a matemática não trabalha com contexto, com circunstâncias e ainda assim as linguagens matemática e humana têm propriedades em comum. Além da abstração, elas também têm negação, abertura e evolução em comum. Estas linguagens nasceram remotamente e ainda estão em desenvolvimento. Há muito que aprender ainda sobre estas linguagens. A abertura destas linguagens significa que com poucas regras podemos criar uma infinidade de frases e equações. Já a negação destas linguagens tem haver com conceitos que levam a individualidade de entidades.

Igualmente a gramática e a lógica, a matemática trata de números (conceitos ou entidades) e suas interações para formar um todo, um resultado no caso da matemática. Os conceitos levam a individualização de ideias, objetos, pessoas e números. A individualização na matemática separa um número do seu todo e leva a ideia de negação. 1 não pode ser 2, 3 ou 1000. Definido a ideia de unidade com o número 1, este não pode ser 2. Em matemática, $1 \neq 2$, um NÃO é igual a 2. Igualmente a gramática e a lógica, a matemática trabalha com a negação. A ideia de negação é também vital para ela, pois nos leva a individualização.

Na gramática, o vocabulário mais a sintaxe nos levam ao sentido, à semântica, a um todo. Na matemática, a interação dos números mais símbolos matemáticos nos levam ao resultado. Neste sentido, a sintaxe e os símbolos matemáticos são similares. Entretanto as interações dos números são pelos sinais e os resultados só se fazem com os verbos de estado “ser” “estar”. Diferentemente da gramática, a matemática só trabalha com verbos de estado. Estes permanecem no tempo e se aproxima do absoluto.

A matemática e a lógica matemática buscam a verdade absoluta. $2 + 2 = 4$ é uma verdade absoluta em qualquer tempo-espço. A matemática tem paradoxos e

números irracionais, mas isto não tira a ideia do absoluto dela ou pelo menos a maior parte dela.

O verbo “ser” define aquilo que é absoluto, devidamente utilizado na matemática. Indvidamente e comumente na linguagem, dizemos fulano “é” bonito. Mas esta descrição é relativa, depende do contexto, e na verdade ele “está” bonito até a morte ou velhice.

A matemática pode ser expressa pela linguagem ou por números e símbolos. Os símbolos são escritos e podem ser expressos pela linguagem falada. Neste sentido, linguagem e matemática se cruzam novamente. Ocorre que a matemática usa a gramática de forma restrita, pois a matemática não é movimento. Ela pode quantificar o movimento, mas ela não é o movimento em si.

Então ela não usa verbos de ação. A matemática é algo perto do absoluto e ela vai usar verbos estáticos. Na língua portuguesa, os verbos de estado ou ligação são ser, estar, permanecer, ficar, pertencer, parecer, permanecer, ficar, continuar, tornar-se, virar, andar, ficar, encontrar-se, viver. Destes o mais amplamente utilizado é o verbo “ser”: três mais dois “É” igual a cinco.

Neste sentido, a matemática utiliza apenas o sujeito e o predicado. Ela trabalha apenas com os termos essenciais da oração e despreza os termos integrantes (complemento verbal, complemento nominal e agente da passiva) e acessórios (adjunto adnominal, adjunto adverbial e aposto).

A matemática não possui tempo-espço, circunstâncias e floreios como aposto e adjunto adnominais. O numero 1 não é bonito ou feio, não precisa de artigos ou adjetivos. Então os comuns adjetivos de tempo-espço-modo e as orações adverbiais de tempo-espço-modo não existem na matemática. O tempo dos verbos não existe na matemática. Um mais um É igual a dois; não foi e nem será igual a dois. A matemática não trabalha com circunstância e contexto, mas sim com estados permanentes, o absoluto. A matemática trabalha apenas com o presente eterno, por assim dizer.

A matemática moderna sonha em responder as questões existenciais, sonha em descrever a natureza fundamental do universo. Estas respostas estariam no mundo quântico. Matemática e física teórica trabalham com a simetria para isto. Esta é uma forma de dualismo, um princípio básico para as leis da natureza.

Percebam que nosso corpo é simétrico. Animais e vários objetos têm simetrias aproximadas. São modelos abstratos idealizados.

Para nós, a simetria é um princípio de funcionamento do universo. A inteligência maior, o Eu-maior, ao criar o eu-menor passa pelo dualismo. Igualmente o eu-menor passa pelo dualismo para se integrar ao todo. Por isto, a matemática passa pelo dualismo e usa a simetria para resolver algumas questões da física sem a necessidade de observação direta ou experimentação.

Neste sentido, algumas partículas atômicas foram descobertas não com os sentidos humanos, já que o ínfimo tamanho do átomo não pode ser estudado diretamente pelos sentidos humanos. Matemáticos descobriram os quarks utilizando padrões da simetria matemática. O estudo das partículas atômicas atualmente é feito com base na teoria da simetria. Enquanto físicos necessitam de máquinas caras para seus estudos como o colisor de hadrons em Genebra, matemáticos precisam apenas do pensamento. Eis a grandeza da matemática.

A arte e a filosofia veem a simetria como uma propriedade estética. Ou seja, veem beleza na simetria, mas a teoria da simetria não é apenas estética. A matemática busca o conceito em termos mais gerais para poder unificar outros campos do conhecimento, como a geometria, teoria dos números, física, química, biologia.

O Programa Langlands busca unidade na geometria, aritmética e álgebra. Conectado a física quântica, a dualidade é relevante tanto na física como na matemática. A eletricidade e o magnetismo têm dualidades.

A simetria é uma espécie de dualismo. Nós defendemos um dualismo primordial quando da divisão da realidade. Tal dualismo teria origem metafísica. Mas as ciências negam o universo metafísico, porém bebem de uma fonte metafísica. Elas estudam os processos naturais com um instrumento metafísico. A matemática. Então chegamos a um paradoxo científico. A ciência quer reduzir tudo à matéria, mas usa um instrumento metafísico para explicar a matéria.

É certo que matemática é atemporal, não tem existência no tempo, vale dizer, ela existe fora dele. Então podemos recuá-la para além do big bang. Então podemos afirmar que ela existe antes do big bang, pois foi utilizada para a criação do universo e serve para explicar todo ele. Agora, se o mundo metafísico serve para

explicar o mundo material, a lógica nos diz que o mundo físico vem do metafísico. O contrário não é certo.

A curta visão científica da vida começa e termina com o Nada. Toda vez que a ciência tenta explicar o metafísico, ela entra numa sinuca de bico, não encontra respostas plausíveis e sai pela tangente com o acaso, o nada, a sorte e coincidências. Ela nunca explicará o que é a vida e nem como a vida veio da matéria.

Da mesma forma, estão longe de uma explicação para o que é consciência, onde ela está e como ela veio da matéria. Nem consegue explicar a eficácia de um instrumento metafísico nos estudos dos processos naturais. Mecanicistas acreditam (eles também têm fé) que um dia a ciência irá dar respostas mecânicas às questões existenciais. Não há como, pois tudo isto diz respeito ao mundo metafísico.

Assim a verdade vem do mundo metafísico para o mundo físico. Nossa realidade é metafísica. É o metafísico que explica o físico. O universo físico foi criado a partir do metafísico. A matemática foi instrumento da criação.

Questões filosóficas e matemáticas continuam sem resposta. Como explicar a eficiência da matemática em algumas ciências como a física e a química? Qual a origem das entidades matemáticas? Qual a relação entre linguagem, lógica e matemática? Como definir o conceito de beleza e elegância que matemáticos vêm em sua área? Entre outros.

A onipresente e onisciente matemática rege o mundo. O homem é incapaz de adulterá-la, pois está acima de seus poderes, e também saber sobre sua natureza. Há muitas correntes do pensamento matemático atualmente que buscam de respostas. Construtivismo, logicismo, intuicionismo, formalismo, nominalismo, ficcionalismo. Umas acreditam que a matemática é uma construção social, outras acreditam que ela é lógica, outras que é uma ficção, outras acreditam que ela não faz sentido algum.

Nós preferimos a versão clássica do platonismo matemático com algumas adaptações. Para Platão, o universo é dividido em dois planos: o sensível (da matéria) e o das ideias (das entidades abstratas). Nós preferimos a divisão em física e metafísica. A matemática pertenceria ao universo metafísico ou mundo das ideias como quer Platão. Apesar de abrir questões epistemológicas, aceitamos a

teoria da reminiscência pregada por Platão. Nós pregamos que nossa origem e existência são metafísicas, como a matemática. Nossa existência ainda é anterior à concepção intrauterina.

Há outro debate entre estudiosos sobre a natureza da matemática. Alguns poucos deles defendem a matemática como invenção da mente humana. Tais defensores ligam ciência ao mecanicismo. O conceito de invenção vai em direção do mecanicismo e tem a biologia, a neurociência como adeptos. Outros advogam a natureza metafísica dela, algo preexistente ao homem. Os grandes filósofos veem a matemática como uma transcendência.

Desde os gregos antigos, pensadores debruçam sobre os fundamentos da matemática. Esta questão ganhou força nos séculos XIX e XX. Filósofos da matemática querem saber quais são os axiomas e regras primordiais. Tais conceitos básicos também são chamados de metamatemática. Uma espécie de matemática primeira, filosofia primeira ou uma teologia natural.

O Existencialismo Metafísico ousa responder este desafio filosófico. A existência da vida do universo veio de um ato vontade e não do acaso. Este ato de criação divide a realidade ao criar cada entidade do pluralismo. Este ato é matemático ao dividir a realidade e inspirou as simetrias e dualismos. A eterna criação é um ato matemático ao criar um pluralismo incontável e o infinito. A origem única inspirou o monismo.

Então o Criador sai do monismo e passa pelo dualismo com o ato da criação de cada entidade da diversidade. Quando ele cria um “eu”, automaticamente ele cria um “não-eu”. Em caminho inverso, os vários “eus” passam pelo dualismo e a negação para se integrar ao todo, pois tudo está interligado pela origem. Isto será explanado em capítulos próprios.

Os números, as palavras, os conceitos e as pessoas passam pelo dualismo para se integrar ao todo. A equação $3 + 4 + 2x = 9$ é vários números em interação, passam pelo dualismo para chegar a um resultado, a integração.

A origem metafísica da vida inspirou a matemática. O ato da criação e os fundamentos da matemática são como um todo. Os fundamentos buscam sistematizar os mais básicos conceitos. Essa concepção unitária e a sua ordem natural ajuda conectar todo o conhecimento humano.

Este sistema pode ser replicado a quase toda realidade, inclusive para os seres humanos, objeto de estudo a seguir.

7 - Existencialismo Metafísico

Apesar do nome pomposo, a ideia é simples. Existencialismo Metafísico trata das questões existenciais e advoga que somos apenas alma, espírito, ou consciência, ou qualquer outro nome metafísico que se dá para o “eu”. Este “eu” interage com outros “eus”, passa por regras e o dualismos para se integrar com o todo. Vamos desenvolver o termo.

Existencialismo é formado pela palavra existência e pelo sufixo ismo. Existência vem do verbo existir e dá ideia de algo real em oposição ao nada. O sufixo ismo exprime a ideia de fenômeno filosófico, literário, político, religioso, entre outros. Em nosso caso, exprime uma ideia filosófica.

A palavra existencialismo surgiu durante a segunda guerra, elaborada pelo filósofo francês Gabriel Marcel. Os trabalhos de Arthur Schopenhauer, Søren Kierkegaard, Fiódor Dostoiévski e dos filósofos alemães Friedrich Nietzsche, Edmund Husserl e Martin Heidegger tiveram influência no existencialismo. O termo foi adotado pelo francês Jean-Paul Sartre. Ele publicou o livro “O Existencialismo É um Humanismo”, em 1946, e ajudou a divulgá-lo.

Apesar de existir muitos existencialismos, o termo costuma se referir especialmente à escola de filósofos dos séculos XIX e XX. Esta escola tem em comum o pensamento que parte do sujeito, vivendo num mundo sem sentido e confuso. Depois das grandes guerras, os filósofos existencialistas mantiveram a ênfase no indivíduo, mas divergiram quanto a outros aspectos do existencialismo. Enquanto Kierkegaard era religioso, Sartre, era ateu. Aqui o existencialismo se divide em dois, um religioso e outro ateu.

Sartre foi o principal representante do existencialismo ateu. De acordo com Sartre, a existência precede a essência do ser, ou seja, primeiro existe e depois o ser determina a sua essência através das suas ações e da forma de viver a vida.

Assim o existencialismo ateu era contrário ao existencialismo cristão, porque o homem era responsável por definir a sua essência e não Deus.

Para o existencialismo ateu, Deus não existiu. Então todo o fundamento universal desaparece. Disto origina a subjetividade da moral. Surge então um sentimento de angústia que revela a fragilidade humana. A sua responsabilidade é única perante qualquer ato. O homem tem a necessidade de se orientar e livre ação para um autoprojeto individual ou compromisso social.

Neste sentido, o existencialismo ateu é uma doutrina filosófica centrada na análise da existência e do modo como seres humanos veem sua existência no mundo. Isto é, procuram encontrar o sentido da vida através da liberdade incondicional, escolha e responsabilidade pessoal. Segundo esta corrente filosófica, os seres humanos existem primeiramente e depois cada indivíduo passa a sua vida mudando a sua essência ou natureza.

Sartre é considerado principal representante do existencialismo, enquanto o filósofo Søren Kierkegaard é considerado o pai do existencialismo. Kierkegaard, como todo religioso, acreditava em um propósito para a vida, estabelecido por Deus. Sartre advogava a ideia que apenas o sujeito pensante poderia dar propósito para sua vida apesar das intempéries como o absurdo, a alienação, a ansiedade, entre outros. O absurdo refere à falta de sentido do mundo e que cada pessoa deve ter seu próprio sentido. O existencialismo ateu ganhou vida durante as grandes guerras. Dentro das guerras é difícil ver sentido no mundo. Fora delas não.

É difícil ver sentido em guerras, porém fora delas, ao adicionar dualismos efêmeros e evolução, é possível. As guerras globalizaram o mundo. Na antiguidade, uma tribo guerreava com outra e as unificava. Depois foi a vez dos impérios unificarem povos. Se não fossem as guerras e suas unificações, nós seríamos seres tribais até hoje. Os homens viveriam em paz entre si em suas tribos, mas ainda assim viveriam em guerra com animais para sua alimentação. Em um jardim aparentemente pacífico, biólogos podem ver uma guerra pela vida. A luta pela vida está na natureza, enquanto a evolução não chega à razão.

Atualmente computadores e internet, produtos das guerras, terminaram de globalizar o mundo e as guerras não fazem mais sentido. Além disso, filósofos contemporâneos das guerras não consideram a atuação do dualismo existencial.

Não sabem explicar dualismos efêmeros como guerra e paz, ataque e defesa, espada e escudo.

Além dois principais e contraditórios existencialismos, o ateu e o cristão, há uma variedade de existencialismos.

Para Martin Heidegger, filósofo alemão, a existência humana era a questão fundamental da filosofia. Entretanto ele criticava a abordagem abstrata do ser humano. Ele tentou uma análise mais concreta de uma perspectiva interna. Na sua obra “O ser e o Tempo”, o ser estava preso ao tempo. Somos seres essencialmente temporais. Sua filosofia ficou hermética até para ele mesmo. Depois ele defendeu uma linguagem mais profunda e rica para a questão. Invocou a poesia para esta missão. Ele influenciou Sartre que o sequenciou com a obra “O Ser e o Nada”.

A questão da dor também promoveu um tipo de existencialismo. O poeta e filósofo espanhol Miguel de Unamuno promoveu uma espécie de existencialismo da dor. Ele teria dito: “o que nos torna humano é o fato de que sofremos”. Ele aproxima de Buda que enfatiza o sofrimento e oferece o caminho Óctuplo para libertação.

Tetsuro Watsuji, filósofo japonês, promoveu uma espécie de existencialismo social. Ele percebeu que os pensadores ocidentais tendiam a uma abordagem individualista do homem tanto ética como existencial. Watsuji explorou a natureza humana em termos sociais, com uma comunidade maior dentro da qual existimos. Para ele, a ética não é uma questão individual, mas sim o esquecimento do “eu” em benefício de uma sociedade mais ampla.

Em Tetsuro voltamos à questão de eu-menor e do eu-coletivo. De um lado, nosso existencialismo, como o filósofo japonês, trabalha com as identidades e suas diferenças, doutro lado trabalha com as semelhanças e o todo.

Simone De Beauvoir, amante de Sartre, criticou o machismo em toda sociedade. Para ela, tanto a sociedade como a filosofia eram machistas. Ela tinha razão. Aristóteles chegou pensar que a mulher seria um homem com defeito. A Bíblia é essencialmente machista. Deus é masculino e é retratado nas artes como um homem. Ela inovou com seu, digamos, existencialismo feminino.

De Beauvoir disse que o “eu” da filosofia era masculino e o seu par binário feminino era o “outro”. O eu filosófico era ativo e consciente, enquanto o outro era tudo o que o “eu” queria: passivo, sem voz e sem poder. Seu pensamento era uma

espécie de feminismo existencial. Aí ela fazia eco com Sartre, nascemos sem essência e devemos escolher o que queremos ser. Sua reflexão sobre o feminismo tem um fundo de razão, mas seu existencialismo, como o de Sartre, não parece uma boa filosofia.

Alberto Camus, argeliano, pregou que a vida será mais bem vivida se não tiver sentido. Talvez esta vida bem vivida e sem sentido faça sentido para ele, com o perdão da redundância, mas não para nós. Ele parte de uma premissa estranha, que temos uma consciência. A questão é temos consciência ou somos a consciência? Depois ele afirma que o universo não tem sentido e critica o fato do homem pensar que a vida tem sentido. Mas com que base ele pode afirmar que o universo não tem sentido?

O filósofo e psiquiatra Frantz Fanon, em 1952, publicou a obra “Pele Negra, Máscara Branca”. Ele estudou a herança psicológica e social dos negros pelo mundo. A submissão e o sentimento de inferioridade eram grandes entre os negros perante os brancos. Para Fanon, havia um desejo entre os negros de ter uma “existência branca”, o único caminho para eles. Temos aqui o “eu branco” uma espécie de existencialismo racista.

Além de influenciar os pensadores citados, o existencialismo filosófico acabou exercendo influência na teologia, na literatura e na psiquiatria. Mas as questões existenciais ainda continuam abertas.

De onde eu vim? O que sou? Para onde eu vou? O homem, ao longo de milênios, debruçou sobre o existencialismo. Mas ele se tornou numa escola filosófica somente no século XIX. Nesta época, o filósofo Soren Kierkegaard ocupou-se com o significado da vida. Porém o existencialismo é muito mais antigo que isto. Há muito a humanidade lida com as questões existenciais.

Prova disto são os mitos. O que são os mitos senão a busca pelo significado da vida e da existência. As religiões e os mitos foram os primeiros a tentarem explicar o existencialismo. As religiões sempre pregaram nossa origem de um Criador, a partir de um mundo metafísico e nosso retorno para ele. Deus, Alá, Jeová, ou a Inteligência Suprema criou nosso mundo, a partir do mundo dele, de um mundo preexistente, o mundo metafísico, por assim dizer.

Então temos um existencialismo tradicional religioso e um existencialismo moderno que advoga um mundo ateu e sem sentido.

O homem em alguma fase de sua existência faz perguntas sobre a vida. Elas são denominadas questões existenciais por referir à vida e a sua existência. Há milênios religiosos, filósofos, poetas e cientistas tentam responder estes enigmas da existência. No entanto, ainda não há uma boa resposta.

Tais questões, inicialmente, aparentam infantilidade e poderia assim ser respondidas: ora, eu vim do meu pai e da minha mãe, estou aqui para viver e vou para o cemitério! Mas não, elas são perguntas filosóficas e nunca foram respondidas de modo que satisfizesse a todos.

Em regra, os mitos buscavam explicar o mundo físico através do mundo metafísico. O mundo físico era constituído de homens e o mundo metafísico era constituído de deuses que interferiam diretamente no mundo físico. Mitos de todos os povos e culturas, do passado e do presente, sempre têm o mesmo conteúdo e forma narrativa. Apenas mudam os personagens e o endereço. A temática é a mesma: a criação dos deuses, do mundo, do homem e a relação entre homens e deuses.

Os filósofos foram os primeiros a questionar estes mitos. Como havia muitas explicações míticas para o mesmo tema, pensadores passaram a desconfiar dos mitos. Os filósofos procuravam explicações naturais para o mundo. Este era chamado de cosmo e tinha sentido de ordem e racionalidade. Por isto adicionaram o termo logos ao cosmo, resultou em cosmologia: o conhecimento racional do mundo. O mito perde espaço para a razão.

Na Renascença, foi a vez de astrônomos desconfiarem das religiões, principalmente do biblismo. Copérnico, Galileu e Kepler advogavam o heliocentrismo, diferentemente da igreja que pregava o geocentrismo por causa de um episódio bíblico. Galileu teve de desdizer o que disse sob pena da fogueira santa. Para a igreja, a Terra só passou a girar em torno Sol em 1992, quando a papa João Paulo II asseverou que Galileu estava certo. A Terra não é mais o centro do universo.

Além da filosofia e da astronomia, os estudos da biologia também contrariaram a mitologia hebraica. Darwin afirmou que o homem tem o macaco como antepassado em razão do evolucionismo. Ao contrário, a igreja pregava a criação imediata e especial do homem. Hoje o homem já não é tão especial assim para a ciência.

Neste sentido, a astrofísica promoveu outro existencialismo ateu. O mito da criação científica não tem um criador. Espaço, tempo e matéria são a santíssima trindade científica. O universo surgiu por si mesmo. É a criação a partir do nada existencial. Não existe a causa primeira, como explicam as religiões para a existência do universo. Os cientistas não acreditam numa ordem por trás do aparente caos, nem num mundo metafísico. Não há um propósito na vida. A existência limita-se entre dois nada.

Assim sendo, para uma vertente conhecida como universo accidental, o universo é um acidente, a vida é um acidente e não existe um objetivo consciente por trás do que ocorre no mundo. Existimos em um cosmo despropositado, fruto de forças brutas. Somos um evento raro, não um ato premeditado, entre dois nada.

As questões metafísicas não fazem sentido para a ciência, pois ela nega o mundo metafísico. Assim uma resposta da química para a vida poderia ser assim: somos a reunião de cerca 55% de água, 23% de carbono, 2,6% de nitrogênio, 1,4% de cálcio e 0,8% de outros elementos. A biologia poderia responder assim: somos 10 trilhões de células e mais outros 100 trilhões de seres estranhos a nós (bactérias, vírus). A física poderia dizer: somos compostos de partículas atômicas e de um grande vazio, pois a eletrosfera do átomo é cerca 100.000 vezes maior que seu núcleo. A neurologia diria: somos sinais elétricos emitidos pelos 5 sentidos.

Para a ciência, a vida é mais fácil identificar do que definir. Não existe uma definição de vida universalmente aceita pelos cientistas. Há apenas algumas características comuns a toda vida, como reprodução e sobrevivência. As ciências físicas e biológicas, neste sentido, não ajudam a resolver as questões existências e, pior, acabam atrapalhando o pensamento.

Cientistas gostam de ver a vida como reações químicas. A biologia seria uma química viva. Mas eles não sabem como é esta passagem da química para a biologia. Esta passagem da vida talvez estivesse relacionada com eletricidade. Átomos e moléculas interagem eletricamente entre si. Forças químicas e físicas seriam responsáveis pela vida. Esta é uma perspectiva científica e mecanicista da vida. A vida é uma máquina.

A ciência e a sociedade se concentram nos 5 sentidos e acabam promovendo a ignorância metafísica. Não percebem o mundo metafísico após a morte biológica.

Não percebem o mundo metafísico da matemática. Não percebem o mundo metafísico dos sonhos.

A ciência transformou a vida numa máquina sem alma. Cabe à metafísica resgatar a alma, a consciência que habita um corpo.

Metafísica

Metafísica, junção do prefixo grego meta e da palavra grega física. A ciência física investiga a matéria e a energia no tempo-espaço. O prefixo meta significa uma posição posterior, além, depois. Logo a ideia de além da física leva a metafísica ou a uma transcendência.

O objeto de estudo da metafísica compreende a causa primeira, o sentido da vida e a finalidade de tudo e de todos. Ela inspirou os trabalhos de Platão em sua teoria das ideias. Esta aproxima de uma teologia. Aristóteles chamava a metafísica de filosofia primeira. Ele pregava que metafísico é o estudo da causa primeira, dos princípios primeiros de todos os seres ou de todas as essências.

Metafísica é o principal ramo da filosofia se considerarmos que os outros ramos da filosofia (ética, política, estética e lógica) são objetos de estudo também da ciência e da arte, no caso da estética. Alguns cientistas renomados menosprezam a filosofia, chamando-a de inútil, outros anunciam a sua morte. Mas a filosofia sempre foi, e ainda é, um relevante instrumento do saber.

Ciência é descrição analítica e filosofia é interpretação sintética. Ciência estuda particularidades, fragmentos. Metafísica estuda o todo através da razão. Estuda todas as coisas sob a perspectiva do conceito de ser absoluto e de causalidade, buscando a causa das causas, Deus, a causa suprema de todas as coisas. É a realidade máxima. Metafísica acaba sendo uma teologia natural. Melhor, uma teologia racional.

Para a nossa metafísica e nosso sistema, há uma harmonia perfeita no cosmo. Tudo é perfeito. O mundo é determinado pela causa e efeito, um mecanismo pedagógico de controle do todo. Para nosso sistema filosófico, consideramos metafísicos a matemática, a consciência, o sonho e o mundo post-mortem. A matemática, como fora explanado, é um instrumento metafísico a serviço de todas as ciências. Os sonhos, a matemática, a consciência e o mundo antes e depois da

morte, nós os consideramos de natureza metafísica em outra obra de nossa lavra, “Teoria do Tudo, via Metafísica”.

Existencialismo Metafísico

O existencialismo moderno ateu centra-se no sujeito pensador e descarta um criador. O pensamento do sujeito deve dar sentido a sua vida num mundo sem sentido e despropositado. Durante as duas grandes guerras é difícil ver um deus ou sentido na vida. No existencialismo cristão, deus dá o sentido e não o homem que busca o sentido. Este sistema prega um sujeito pensador e o Criador para dar sentido à vida.

Tais filosofias fazem eco com outros pensadores. Sócrates centrava o conhecimento também no sujeito pensador e pregava o autoconhecimento. Descartes centrava o pensamento no sujeito e disse: “penso, logo existo”.

O Existencialismo Metafísico também releva o sujeito, o “eu” como uma realidade inquestionável. Assevera um monismo absoluto de um lado, mas também advoga um “eu” coletivo, um todo, outro monismo absoluto doutro lado. Então existem duas realidades para todos nós, um mundo interno e outro externo. Para perceber e se integrar ao todo, o sujeito passa pelo dualismo existencial e dualismos efêmeros. O dualismo existencial envolve a negação e o dualismo efêmero se trata de uma infinidade de dualismos temporários, como luz e escuridão, certo e errado, criminoso e vítima, comerciante e freguês, entre outros.

Sócrates e Descartes não consideraram uma inteligência maior e buscavam o sentido racional da vida e não pessoal. O Existencialismo Metafísico vê sentido em tudo e a Inteligência suprema ou Deus, como quiserem. Esta inteligência, vamos chamá-la de “Eu-maior”, quando cria a vida, vamos individualizá-la em “eu-menor”, cria automaticamente um “não-eu”, ou seja, cria a negação. Esta negação é vital para o ser humano, para a matemática, para a linguagem, para a lógica e toda realidade.

O “eu-maior” cria os vários “eus” e, por causa da mesma origem, ele estão conectados entre si e com o eu-maior. Então a realidade sou “eu”, um “eu-menor”, em interação com outros “eus” e com o todo. A matemática, a lógica, a linguagem e a realidade é uma entidade (números, palavras, conceitos, pessoas) em interação com seus pares para formar um todo.

O Eu-maior, ao criar outro eu-menor, dividi a realidade em dois. Daí o dualismo existencial. Ao criar outro eu, ele cria outra identidade e a negação, o eu e não-eu respectivamente. Estes eus evoluem passando por regras e dualismos efêmeros rumo à integração com o todo. As interações têm regras que buscam o bem comum, a integração. Este fluxo do universo reflete na matemática, na lógica e na linguagem que buscam nas interações um resultado, uma verdade, um significado respectivamente.

Como o eu-maior, os eus menores são metafísicos. Como o ato de criação é um ato de vontade, nos também temos esta abertura, o livre-arbítrio. Igualmente a matemática, a lógica e a linguagem, nossa realidade tem como atributos a abstração (metafísica), a evolução, a negação e a abertura (livre-arbítrio).

A ciência não tem uma resposta para a origem da negação, evolução, vontade e da abstração (metafísica), ou dará uma resposta tangencial como o acaso e as coincidências para estas realidades. A ciência nunca ousou uma resposta para uma definição do pensamento, da lógica (conceitos em interações), da matemática (números em interações), da linguagem (palavras em interações) e da vida (eus em interação).

Negando o mundo metafísico, a ciência nunca terá uma resposta definitiva para o que é a vida, quando ela começa e termina. Nunca responderão por que a matéria inorgânica se tornou orgânica, pois estas searas não pertencem ao mundo físico e sim ao campo metafísico.

Outro imbróglio científico é a consciência. A ciência também não tem uma boa resposta para o que seja a consciência e a reduz ao materialismo. Para a biologia, ela pode ser considerada um posto de comando, localizado no cérebro, onde recebe informações (sinais elétricos) do sistema nervoso. Alguns estudiosos reduzirão a mente à base neurobiológica, outros a uma base cognitiva, outros ao pensamento. Para a ciência, temos uma consciência. Para nossa filosofia, somos consciência.

Vida em bases científicas sempre é reduzida a máquina, uma espécie de computador. O hardware seria o corpo, o software a consciência, o processador o cérebro, a memória RAM a memória de curto prazo, a memória ROM a memória de longo prazo, e com várias linguagens computacionais, HTML, JAVA, PHP, entre outras. O cinema pegou carona na onda científica, deu “consciência” às máquinas e

um sem fim cinematográfico: Robocop, O Exterminador do Futuro, O Homem bicentenário, Blade Runner, Chapie, Eu Robô, e muitos outros.

Em base física, todas as pessoas são iguais. Todas têm cérebro, coração, fígado, órgãos sexuais, dois braços, duas pernas, dois olhos. Excepcionalmente temos a ausência de alguns deles ou a substituição por outro artificial. A diferença física está apenas em detalhes genéticos. Mas em base psíquica, as diferenças entre as pessoas são extremas e a neurologia e a psicologia não tem uma boa explicação para isto. Temos corpos iguais e mentes diferentes. Então podemos afirmar um distanciamento entre corpo e consciência. Sem a possibilidade de explicação da consciência em base científica, o encargo sobra para a filosofia. Para o verdadeiro filósofo, a consciência envolve a identidade, o “eu”.

Agora vem a pergunta: onde está o “eu”? No cérebro, alguns dirão, mais especificamente na glândula pineal. Espiritualistas afirmam ser tal glândula o ponto de contato entre a alma ou consciência e o corpo, assim com uma função transcendente. Muito se discute sobre a função desta glândula, mas ela está sempre ligada ao sono. Como advogamos em nosso sistema, os sonhos também pertencem ao mundo metafísico.

Entretanto para a ciência, a questão da consciência será resolvida em um laboratório. A vida foi uma obra de sorte e o universo é despropositado. Não pensamos assim. A vida não pode ser um mero acidente, uma série de acasos. Nada faz sentido se não fomos planejados e com um universo sem propósito. Há um propósito cósmico do universo. A história é a execução de um plano natural que conduz a um progresso moral e político da humanidade. A história universal tem um propósito cosmopolita, como queria o filósofo Kant. O progresso da ciência está atrelado a supremos interesses.

Não somos água combinado com outros elementos. Não somos o conjunto de seres estranhos a nós mesmo. Não somos um vazio ou sinais elétricos. Somos um ser e gostamos de pensar em termos metafísicos, de consciência, alma, espírito. Somos seres espirituais superiores a matéria.

A origem única do universo convenceu as religiões, a ciência, filosofia e as artes. Tudo parece ter um começo, meio e fim. A sociedade registra o nascimento de todos os homens. Depois, sua maioridade, casamento, divórcio. No fim, o falecimento biológico. Cidades, países, animais, rios, mares, tudo tem uma história

como início, meio e fim. Bom, muitos ainda não tiveram um “fim”, mas chegarão lá com o tempo. Nosso fim será a integração com o todo e não a morte, conforme explanaremos na sequência do livro.

A diversidade do mundo natural tem origem única que a tudo engloba. Muitos têm uma convicção de que toda diversidade está interligada. Há uma teoria física que propõe a unificação do mundo material: a Teoria de Tudo. Outra teoria se prontificou a dar suporte à teoria final: a Teoria das Supercordas, tubos submicroscópicos de energia que vibram. Muitos cientistas defendem uma ordem por trás do aparente caos. A ordem natural permeia tudo.

A Criação foi um ato de escolha, de vontade, de liberdade. A Integração é um efeito determinista. Então qualquer existência é um ato de criação. Um carro não é um objeto incriado. Ele tem um criador. Uma flor não é algo incriado. Tudo tem um criador, seja Deus ou o homem.

Então o que somos?

A ciência acredita que somos uma máquina biológica, viemos do Nada para viver despropositadamente e voltar para o Nada. Forças cegas e sem propósito dirigem o mundo. O Existencialismo Metafísico vai discordar e responder as questões existenciais.

Quem sou eu? É questão de individualização e a negação vai nos separar do todo. Somos cidadãos comuns individualizados e cotidianamente dizemos: sou fulano, profissão tal e coisa, moro na rua x do bairro y, buscando separarmo-nos do eu-coletivo.

De onde eu vim? O que é sou? Para onde vou? São perguntas transcendentais e iguais para todos. Sou um ser metafísico, vindo da Criação e do mundo metafísico, usufrutuário da energia divina em evolução dentro do dualismo pedagógico, rumo à integração.

A ciência e as religiões não têm boas respostas para as questões existenciais, por isso usamos a metafísica para explicar a existência. A ideia da obra é oferecer respostas e tentar aproximar da realidade sem negar qualquer área do conhecimento, justificando a razão de existir graças à Criação.

Do ponto de vista antropológico, o homem precisa de um norte para sua vida, de sentido, de um caminho a seguir. Criação, Evolução e Integração. É possível vislumbrar tudo no universo com base nestas premissas. Do ponto de

vista da unicidade de existência, as premissas são criticáveis. Do ponto de vista metafísico e da existência das múltiplas vidas físicas, as premissas são perfeitas e inquestionáveis e fica fácil dar sentido a vida. Existem dois mundos, o físico e o metafísico, nas quais a existência alterna até completar a plena integração.

Para nosso sistema, há uma harmonia perfeita no cosmo. Tudo é perfeito. O mundo é determinado pela causa e efeito, mecanismo pedagógico e de controle do todo. Sem a Metafísica, o conhecimento nunca chegará a uma resposta satisfatória para o que é a vida e o universo. Nosso Existencialismo pode ajudar a solucionar dilemas filosóficos, éticos, psicológicos, como determinismo ou livre-arbítrio, inato ou adquirido, o bem e o mal, guerra e paz. Também pode ajudar a superar desafios étnicos, ter a convivência pacífica entre os diversos povos, superar o fundamentalismo religioso, conciliar lucros com as necessidades das pessoas ou até mesmo a fundar e desenvolver um novo comunismo.

O Existencialismo Metafísico advoga a Criação como causa primária do monismo, do dualismo, do pluralismo. Antes da Criação, apenas o Criador, um monismo. A inteligência maior passou pelo dualismo ao dividir a realidade. O conteúdo da nova realidade é pluralista. As entidades deste pluralismo, em caminho inverso, passam pelo dualismo para chegar ao monismo. A inteligência suprema ao dividir a realidade passa pelo dualismo, criando a diversidade. Em caminho simétrico e inverso, cada uma das entidades do pluralismo interage com as outras e passa pelo dualismo para chegar a integração.

Religiões, ciências e as filosofias não têm explicação para a dualidade natural. As religiões podem alegar que foi a vontade de deus sem uma razão plausível. As ciências vão atribuir o dualismo ao acaso, coincidências, natureza. O Existencialismo Metafísico explica o dualismo de forma plausível e interdependente do monismo e pluralismo.

Início, meio e fim. Criação, Evolução e Integração. Viemos de um mundo metafísico e ato de vontade, atravessamos o dualismo e desenvolvemos rumo à integração plena, alternando os mundos físico e metafísico.

Por fim, o Existencialismo Metafísico acaba sendo uma metamatemática e uma metanarrativa. Uma metamatemática porque vai até origem da matemática e encontra os axiomas primordiais. Uma metanarrativa porque abarca a história

humana e todo conhecimento em um único sistema. Assim ele é uma espécie de matemática primeira, filosofia primeira ou uma teologia natural.

8 - O Pensamento Científico

A construção do conhecimento retrata a realidade por meio de linguagens e métodos. A ciência busca o conhecimento da realidade basicamente através da experimentação; a filosofia, através da razão; a religião, através da revelação; e a arte, através da emoção.

As religiões, primeiro pensamento elaborado, tinha o monopólio do conhecimento, pois abarcava todas as searas de realidade. No entanto, as teologias infantis levaram vários campos do conhecimento a se libertarem das religiões. Filosofia, arte e ciência seguiram seus próprios caminhos. A história, a arqueologia, a filologia, a mitologia perceberam que os livros sagrados não são divinos e nem mesmo revelações divinas. É sim uma colcha de retalhos, onde culturas antigas forneceram fragmentos para outras culturas em formação.

Teólogos biblistas pregavam poucos milhares de anos de existência da vida e do mundo. Através da contagem das gerações dos patriarcas bíblicos, eles usaram a autoridade da Bíblia para demonstrar sua verdade. Porém a geologia asseverou que a terra tem milhões de anos de existência com base na observação de camadas da terra. Já a astrofísica data de bilhões de anos de existência da Terra e do universo. A física e a astronomia tiraram a Terra do centro do universo bíblico. A biologia tirou a criação especial do homem e inovou com o evolucionismo.

A filosofia foi o segundo sistema elaborado de conhecimento e o primeiro a questionar os mitos. A ciência saiu da filosofia e elaborou seu próprio sistema de conhecimento, mas sempre bebeu da fonte dos filósofos gregos. Platão e Ari desenvolveram conceitos como sujeito e objeto, identificaram o princípio da causalidade e desenvolveram métodos e raciocínios como a classificação, a dialética, o silogismo, o indutivo e o dedutivo. Dedução e indução estão no centro do procedimento metódico de construção do saber.

Depois do “milagre” filosófico grego, o império romano submeteu a Grécia, assumiu o poder e eliminaram o pensamento abstrato em favor do pragmatismo. Em seguida, a igreja assume o poder e o monopólio do conhecimento, unifica a Europa e adapta o pensamento filosófico a sua teologia. O Renascimento desloca o pensamento do teocentrismo para o antropocentrismo. O pensamento científico desenvolve com Copérnico, Galileu, Descartes e Newton. A observação empírica toma força. A realidade deve ser submetida à observação empírica e depois ser mensurada pela matemática. A experimentação permite a comprovação do conhecimento.

Neste sentido, a matemática toma posição central na ciência. Teorias científicas exigem linguagem matemática, apesar da natureza da matemática ser desconhecida pela ciência. Temos um paradoxo aqui. Estudiosos não entende como a matemática atinge até o mundo criado pela mente humana, como negócios e finanças. A ciência costuma dividir a realidade em natural e artificial, como se o homem não fizesse parte da natureza. Realmente o universo é regido pela matemática, até aquele produzido pela mente humana.

Em filosofia, este paradoxo nunca existiu. Platão e Pitágoras já exaltavam a matemática há milênios atrás. Pitágoras via números em tudo, em todos e os números regiam a harmonia do cosmo. Platão localizou a matemática no mundo das ideias eternas. A matemática, localizada no mundo metafísico e fora do tempo – espaço, é o conhecimento supremo da existência. $2 + 2 = 4$, independentemente do tempo, espaço e do mundo físico. Esta equação não é conhecimento empírico, mas sim abstrato e lógico. Logo a matemática pertence a algum mundo metafísico. Ela não é uma ciência autônoma como pensam alguns, mas o instrumento de todas as ciências.

Mesmo entre cientistas, a matemática ganhou lugar especial no mundo metafísico. Galileu acreditava que ela era uma espécie de linguagem de Deus. Para entender o universo e Deus, era só entender a matemática. A autoria divina da matemática chocou com a ideia de autoria divina da Bíblia, pois equações matemáticas retiraram a Terra do centro do universo. Galileu teve que desdizer o que disse para não ser queimado.

Na mesma época deste italiano só que na França, Descartes une álgebra e geometria e alarga o poder da matemática. Cientistas, estatísticos e economistas

hodiernos trabalham com a geometria analítica. Tal ideia possibilitou a aplicação da matemática em quase tudo. Newton embarcou nesta ideia, equacionou as leis basilares da mecânica e descreveu o movimento dos planetas. Ele ligou a Terra com o universo e colocou os dois sobre a autoridade da matemática. A ciência ganhou autonomia e separou da filosofia, apesar da filosofia sempre estar lado a lado com a matemática.

O triunfo da matemática nas ciências físicas permitiu seu emprego nas ciências biológicas, humanas e sociais. Estatística e probabilidade foram os instrumentos para as novas ciências lutar contra o acaso e calcular as possibilidades de resultado. A economia, o esporte e outras atividades sociais têm base nestes dois entes matemáticos. Isto leva a ideia de quantidade para as ciências sociais. A matemática seria a linguagem da natureza e também a linguagem do homem.

Nesta esteira, o conhecimento científico passa exigir objetividade. O sujeito do conhecimento deve se afastar e controlar o objeto do conhecimento para não influenciar a pesquisa. Esta deve permitir a prova de experimentação, possibilitando teste posterior que demonstre a precisão. Ou seja, a ciência tem que ser quantitativa para que experiências posteriores nas mesmas condições possam reproduzir a mesma quantidade. As leis estão inscritas na natureza, o conhecimento positivo é determinista.

Adicionado a isto, a metodologia científica exige um caminho para resultado. Inicia com a hipótese, uma suposição preliminar sobre uma série de observações. Ela é criada inicialmente para explicar um fenômeno. Posteriormente ela deve ser testada em condições controladas para confirmar ou confrontar a hipótese. Para embasar uma teoria sólida, os resultados matemáticos destes testes devem ser os mesmos depois de repetidas vezes.

Enraizada no conhecimento, a ciência atinge a glória no século XIX com o positivismo e o evolucionismo. As ciências naturais passam a ter aplicação na prática. A filosofia perdeu a supremacia e passou ser um anexo da ciência. Quase todos os objetos de estudo tradicionalmente da filosofia transmigraram para as ciências como a política, a ética, a psique, liberdade, igualdade, entre outros. O idealismo e até mesmo o racionalismo perderam força para o empirismo e realismo numa disputa ideológica e estéril.

Todavia o pensamento positivista enfraqueceu no século passado. As ciências humanas tiveram dificuldade com seu objeto de estudo, possuidor de consciência e subjetividade. Da mesma forma em todas as ciências, perceberam que o sujeito do conhecimento é um ator no cenário do conhecimento e submete sua pesquisa a seu pensamento. Esta subjetividade acaba influenciando sua pesquisa. Passa a se falar em objetivação da subjetividade. A ideia de lei e determinismo perde força nas ciências humanas que podem apenas falar em tendências.

Depois das ciências humanas, a física também passou por uma mudança de paradigma ao perceber sua limitação. Havia a teoria do átomo, apesar do mesmo não poder ser visto e não poder ser experimentado, mas conhecia-se a sua natureza. Em seguida as teorias do caos e da incerteza enfraquecem o determinismo e a ideia de lei. A física quântica desconsidera o determinismo (causa e efeito) para empregar a probabilidade. A física moderna demonstrou que é impossível prever o resultado de todo experimento.

Esta é uma preliminar e uma síntese do pensamento científico, mas quais são as respostas científicas para as questões existenciais? De onde viemos? A ciência astrofísica encarregou de responder tais questionamentos e tornou-se existencial.

Para ela, toda a matéria do universo estava no big-bang. Há cerca de 13,7 bilhões de anos, tudo era energia condensada em um espaço mínimo. Neste momento surge a trindade científica: tempo-espaço-energia. Antes da grande explosão era o Nada, pois não havia tempo-espaço-energia. Foi desta explosão do Nada que veio o tudo, inclusive o amigo leitor, seu pai, sua mãe, seu cachorro, seu pé de cajá e tudo que há no universo. Por que o Nada entediou e explodiu não se sabe.

Desta explosão, o hidrogênio é o primeiro átomo a ser formar. Ele é o elemento mais simples da tabela periódica, composto de um elétron, um próton e um nêutron. Em seguida surgiu o hélio e depois o lítio. No big bang, somente estes três elementos foram formados. Os outros elementos também foram formados por outras explosões, mas desta vez no interior das estrelas, chamadas de supernovas.

A gravidade explode as estrelas, mas também produz outros elementos e planetas. Estes orbitam as estrelas que um dia vão explodir. Num destes planetas, a

Terra, surgiu a vida cerca de 3 bilhões de anos depois. Nosso planeta, por “acaso” estava no lugar certo para surgir a vida. Sua distância do Sol é favorável ao estado líquido de água. A Lua e Júpiter, por “sorte”, também estão a uma distância certinha da Terra. Júpiter protege a Terra dos asteroides e a Lua faz contrapeso da Terra, permitindo a rotação da Terra e uma climatização favorável.

Em seguida há cerca 500 milhões de anos, animais e plantas se espalham pela Terra. Numa evolução magnífica a cerca de 3 milhões de anos, surge o homem. Há cerca de 180 anos, de uma linhagem não muito clara, surge os Homo Sapiens, seres humanos anatomicamente modernos. O homem passa pela aprendizagem coletiva, pela revolução agrícola e pela revolução industrial. Hoje estamos aqui noutra revolução, a tecnológica.

Para a ciência oficial, estamos aqui depois inúmeros “golpes de sorte”. Alguns estudiosos chamam de limiares. Após a explosão inicial de sorte do universo, segue outras explosões estelares de sorte. Desta série de explosões estelares, fez surgir uma estrela, o Sol, mas que tem um planeta de sorte, por estar a uma distância de sorte do Sol, Júpiter e da Lua. Neste planeta, surge um oceano que contém um “sopão” de sorte, donde surgiu a vida. A vida espalhou pela terra, evoluiu e surgiu o homem por sorte, depois que uma catástrofe atingiu o planeta.

Entre um limiar e outro, há uma infinidade de acasos. A vida vem desta grande quantidade de “golpes de sorte”, mas a ciência não explica como uma substância inanimada de repente se transforma em uma coisa viva. Também não explica a expansão da vida de forma prodigiosa, há cerca de 500 milhões de anos atrás.

Passando para outra questão existencial, para onde vamos? O Sol tem 5 bilhões de anos de vida e está se tornando mais quente. Em um bilhão de anos, o Sol estará tão quente que os oceanos estarão secos e não haverá mais a vida. Teremos um final apocalíptico.

O que somos para a ciência? Uma máquina comandada pelo cérebro. Este é visto como usina de energia, uma máquina elétrica e química. Após o estudo de comportamentos diversos, observa-se a atividade elétrica dos neurônios. Vale dizer, estudar o cérebro pela neurociência é implantar eletrodos na cabeça humana e mapear o cérebro, conforme registre atividade elétrica em comportamentos produzidos.

Cientificamente podemos sintetizar que viemos de uma explosão depois do Nada. Somos uma máquina biológica. O Sol irá aquecer a Terra e vida deixará de existir. Voltaremos para o Nada. Numa frase: a vida é uma máquina biológica entre dois nadas. Ah, a ciência não é nada romântica. Oferece forças cegas em troca da fé cega das religiões!

9 – Cientificismo

Numa disputa ideológica estéril, a ciência se colocou no topo da hierarquia dos saberes, menosprezando a filosofia e a religião. Depois desta arrogância, algumas ciências inovam com outra hierarquia de saberes dentro das ciências.

A neurobiologia tenta subordinar algumas ciências e a filosofia a seu paradigma. A biologia tenta subordinar as ciências humanas e sociais a seu paradigma. A física tenta subordinar a química e todas as outras ciências a seu paradigma, pois acredita (ciência também tem fé) que seu trabalho com os elementos fundamentais da matéria poderia identificar padrões e prever o futuro de qualquer sistema.

Cientificismo questiona a ideologia da ciência, a crença excessiva no método científico. Este neologismo critica o reducionismo e excessos científicos. Ela é uma palavra pejorativa usada por filósofos e humanistas para criticar algumas ciências como a física, a biologia, a neurologia que acreditam reduzir tudo a sua ciência. Tais ciências desumanizam as pessoas ao tentar reduzir tudo a átomos, a células e a sinais elétricos do cérebro.

A abordagem científica e sua quantificação é um fantástico instrumento do conhecimento. Mas negar outras formas de conhecimento, negar o pensamento racional, negar o mundo metafísico é ignorância. A ideia de uma inteligência maior sempre esteve presente, certamente há uma matemática poderosa que pode quantificar isto, mas nós não precisamos dela para racionalizar que esta inteligência existe.

O mundo metafísico sempre esteve presente nas religiões sem limite de tempo-espaco. Em todos os lugares, dos aborígenes na Austrália as tribos

indígenas da Amazônia, e em todas as épocas, dos primitivos humanos aos dias de hoje, o homem sempre uniu o mundo metafísico ao mundo físico.

Esta ideia do homem como máquina o desumaniza e prejudica o pensamento da humanidade. Prejudica a busca pelo bem e o afastamento do mal. Prejudica a busca do ideal. As massas acabam por buscar a fé cega das religiões. O estudo pleno da consciência ajuda-nos a livrar do pensamento mecanicista científico e a explicar nossa existência, nossa alma.

A direção da vida é da matéria para a abstração, da representação física para representação virtual, da física para a metafísica. Palavras, números, conceitos e suas interações são abstrações, são entidades metafísicas não presentes no mundo “natural”. Hoje o mundo digital é o grande exemplo da abstração. Igualmente os seres humanos e suas interações são metafísicos. Não só os seres humanos, mas toda a vida é metafísica.

Desde as cavernas, o homem já utilizava a representação simbólica, demonstrada pelas pinturas rupestres. Isto superou os instintos e preparou o homem para o pensamento mitológico. Em torno das narrativas mitológicas e do mundo metafísico, o homem criou instituições religiosas. Filósofos perceberam que as mitologias são culturais e regionais, desvincularam das religiões e adotaram o pensamento racional. Mas eles não abandonaram a metafísica.

Quando estudiosos descobrem a matemática e o empirismo, nasce a ciência. Esta abandona a filosofia e a metafísica. A ciência saiu da filosofia e da metafísica, mas a metafísica nunca saiu da ciência. A matemática é um instrumento metafísico e está em todas as ciências.

Em síntese, o pensamento atual e histórico pode ser dividido entre os pensamentos físico e metafísico. O pensamento físico ficou a cargo da ciência e o metafísico a cargo das religiões. Hodiernamente a filosofia segue a ciência e se distancia da metafísica. A arte não possui um conhecimento elaborado e se diverte com todos os pensamentos.

O ensino religioso é o mesmo pensamento mitológico de milênios atrás. As teologias vencidas ainda reinam em pleno século XXI, convivendo com modernas tecnologias. Dogmas são estáticos e não permitem a evolução do pensamento. Isto levou a ciência a ridicularizar o pensamento religioso. As infantis teologias

apropriaram do metafísico, mas seu pensamento estático está vencido. Entretanto os seguidores das ciências não superaram os fieis das religiões.

O pensamento pode estudar o objeto ou o sujeito. Sócrates centrou no sujeito, buscava o autoconhecimento, o conheça-te a ti mesmo. Descartes também pregava o autoconhecimento a partir do sujeito: Penso, logo existo. Para eles, a filosofia deveria começar pelo sujeito. A revolução industrial, o positivismo, o pragmatismo levaram o pensamento para o objeto, para as coisas materiais e o consumismo extremo. O existencialismo ateu em nada ajudou o estudo do sujeito. O idealismo perde força para o realismo. A vida passa a ser vista como uma máquina.

Neste sentido, a teoria da evolução unificou mente e corpo e enfatizou a luta pela sobrevivência. Ela inspirou pensamentos materialistas e pragmáticos. Positivistas passaram a pregar a vida em termos biológicos e não metafísicos. O pensamento pragmático busca resultados, utiliza objetos e tecnologia para isto. O utilitarismo avalia os bens pelos números de usos. A teoria de Darwin enfatiza a luta pela vida, o mais apto é quem sobrevive. Mecanicistas acreditam em apenas uma base mecânica e material de todo evento mental.

A psicologia sem a base mecânica seria vista como uma literatura. Amor, paixão, empatia, felicidade deixam de serem sentimentos para serem hormônios como serotonina e dopamina. Com base nestas ideias, cientistas acreditam numa possibilidade de fabricar hormônios sintéticos para criar o amor, a felicidade. Esta é a moderna psicologia. Não têm interesse existencial.

Nesta esteira, a neurociência colocou eletrodos na cabeça das pessoas, percebeu uma movimentação elétrica e, pronto! Acreditou que conseguiu desvendar a consciência com um mapeamento desta eletricidade no cérebro de acordo com determinados comportamentos.

Mas cientistas perceberam uma propriedade do cérebro. A plasticidade. Acidentes em que pacientes perderam parte do cérebro demonstraram que tal mapeamento não é absoluto. Determinada parte do cérebro não danificada recebia atividades elétricas que antes cabiam à parte danificada. A divisão tradicional do cérebro, sendo o lado esquerdo ligado à razão e o direito ligado à emoção, deve ser reconsiderada devido à versatilidade cerebral.

Os modernos instrumentos neurológicos, como ressonância magnética e tomografia computadorizada, não acessam o conteúdo da consciência, somente acessível ao “dono” dela. Se acessarmos a consciência a partir da mesma consciência, contraria métodos científicos consagrados e, assim, não tem como explicar cientificamente a consciência. Esta é transcendental e limita a ciência mecanicista. Imbróglis científicos, como este e como a natureza da matemática, acontecem todas as vezes que a ciência investiga a metafísica, a vida.

Com esteio no pensamento científico, se o cérebro em uma evolução mecânica cresceu e criou a inteligência, então cérebros maiores deveriam ser mais inteligentes. Seguindo esta premissa, elefantes, baleias e até golfinhos deveriam ser mais inteligentes que os humanos. Sabemos que não é assim. Ainda se alegarem a proporcionalidade entre o peso do corpo e o peso do cérebro, também haveria exceção na natureza. O corvo da Nova Caledônia tem o cérebro proporcionalmente maior que o do homem mediano.

Freud também estudou a consciência e adotou o termo subconsciência para determinar o local onde estariam os desejos reprimidos. Ele usou a metáfora do iceberg para dizer que a consciência era a parte visível do iceberg e o subconsciente era a parte submersa do iceberg. Ocorre que a ciência ainda não sabe nem mesmo onde fica a superfície do iceberg na mente. A ciência não sabe onde está a consciência muito menos o subconsciente.

A tecnologia evoluiu de forma excepcional. Primeiro o eletroencefalograma, depois ressonância magnética, em seguida a tomografia computadorizada. Mas a ciência ainda não sabe onde fica a consciência e nem o que ela é. Desconsiderando a metafísica, fica difícil defender o cérebro como sendo a própria consciência.

As teorias materialistas do século XX tiveram sua importância, mas ficaram limitadas e erraram em ser reducionistas. Elas tentam explicar a mente por princípios físicos, descartar o “fantasma” operando o cérebro e criar uma inteligência artificial. O filósofo Thomas Nagel contestou tais teorias, pois elas queriam solucionar objetivamente o problema sem levar em consideração o caráter subjetivo da experiência mental. Isto passou a ser chamado de “hard problem”, o problema da consciência. Ou seja, querem resolver a questão fisicamente, mas utilizam o caráter subjetivo. As experiências da consciência são em primeira pessoa, inacessíveis do prisma da terceira pessoa.

Dentre destas teorias materialistas, temos a da evolução. O evolucionismo salta os olhos. Einstein dizia que não há nada instantâneo no universo. Tudo demanda um processo, diriam os advogados. Você, caro leitor, nasceu a partir de uma célula-ovo. No processo fantástico de evolução, transitou pela vida intrauterina, pela infância, adolescência, até chegar à vida adulta. A vida na Terra começou há alguns bilhões de anos a partir de uma célula. Sim, a vida começou de seres unicelulares, transitou pelo vegetal e animal até chegar ao homem moderno. Isto é ciência verdadeira e deve ser ensinado em todas as escolas independente de crenças religiosas.

Para nós, não há contradições e exclusões entre a Criação e a Evolução. Agora, quando a religião prega o imediatismo, ou melhor, a criação sem evolução, nós temos contradições e exclusões. Quando a ciência tenta encadear a história da vida em processos aleatórios e conclui que a vida e o universo foram feitos por si, do Nada, teremos contradições e exclusões. Dizer que o universo e a vida é produto do Nada não faz sentido. Como o Todo veio do Nada? Como o Nada pode produzir a evolução? Se a vida e o universo não têm propósito de Integração, a moral acaba. Pois se deve viver intensamente, custe o que custar.

E a responsabilidade? Se formos máquinas deterministas, não faz sentido regras, moral, ética para nortear determinismos. Como iremos punir máquinas? Sem ética ou moral para as máquinas, tudo está justificado. Estupros, vícios, homicídios, genocídios estão justificados numa existência única e mecânica. Passaria a valer o aproveitamento máximo da vida. O vale tudo pelo prazer extremo. Crimes e paixões são justificados se o universo não tem propósito. A busca pelo poder ilimitado e Hitler estão justificados. Pedofilia está justificada num universo sem finalidade. A vida tem propósito e a criação foi em termos de evolução e de mérito, não pronto e acabado como quer a gênese bíblica.

A ciência defende a vida e o universo como produtos do acaso, do nada, da sorte, da coincidência. Não de um ato de vontade como querem as religiões. O universo surgiu por si mesmo. É a criação a partir do Nada. A ciência oficial passa pelos laboratórios que trabalham com espaço, tempo e a matéria. Mas como pode o todo vir do nada, sem uma causa, sem a causa primeira?

O que é o real? Se é ouvir, cheirar, degustar, tatear, ver, como quer parte da ciência, então a realidade é simplesmente sinais elétricos interpretados pelo

cérebro. Será? Ou somos feitos do que aprendemos e ensinamos, dos livros que lemos, dos filmes que vemos, das ações e orações, das coisas que gostamos, do nosso estudo e profissão?

As sensações se transformam em sinais elétricos e levam as informações ao cérebro. A neurologia não vê imagens ou equações brotarem no cérebro, pois não somos máquinas. Toda máquina, seja biológica ou mecânica, tem um ser por trás. Para a metafísica e as religiões, temos um princípio vital que manipula as forças físico-químicas. Além do corpo há um princípio vital. O vitalismo, doutrina metafísica, assevera um princípio, alma, espírito, consciência além das forças físico-químicas do corpo. O princípio vital tem muitos nomes em diversas culturas e estudos: prana (Índia), ki (Japão), élan vital (Bergson), magnetismo animal (Mesmer).

Apesar da universalidade, a ciência desconhece o fluído vital. A ciência pode chamar este princípio universal de mito, mas ela também é um mito. Ela era absoluta quando Newton estabeleceu as leis físicas. Seriam leis universais e absolutas. Mas Einstein relativizou tais leis. O mundo científico perdeu a objetividade, perdeu o mundo regido por leis absolutas. Surgem filosofias científicas da desconstrução. O físico Thomas Kuhn investiga a história da ciência e observa que ela alterna normalidade e crise, momento que surge um novo sistema teórico, uma mudança de paradigma. O filósofo da ciência Paul Feyerabend, em sua obra “Contra o Método”, limitou a ciência. Ele entendia que não há um método científico e que ciência e mito se sobrepõem de muitas maneiras.

O objeto de estudo da ciência é o todo, a totalidade da realidade para compreender todo o universo. Mas a ciência nega o mundo metafísico. Apesar de ser, digamos, embaçado este universo metafísico, as religiões o pregaram em todos os tempos e espaços. Assim podemos dizer que ele é universal, pois existe em todos os tempos e lugares. Sendo universal, não estaria a ciência negando a realidade?

A ciência, então, não estuda o todo. Por que ela não estuda o todo? Porque o método científico é voltado para o exterior do mundo e não para o interior do sujeito. A própria ciência dividiu a realidade em sujeito e objeto: aquele que

conhece e aquilo que é conhecido. O método empírico científico busca o conhecimento do mundo físico e exterior, mas não do mundo interior, da alma.

Neste sentido, a psicologia baseou equivocadamente no método científico ao estudar a psique, a alma, o “eu” ou sujeito do conhecimento. Embora Sócrates dissesse há quase 2.500 anos “conheça-te a ti mesmo”, assim com ênfase pleonástica no “eu”, a humanidade não resolveu a questão existencial. A observação do mundo exterior tem a autoridade da ciência. Todavia o mundo interior não está nos sentidos, no sistema nervoso, e nem mesmo no cérebro.

Imagine um carro: ele tem vários sistemas: de freio, de aceleração, de energia, refrigeração, segurança. Mas quem comanda ele, tenha ele uma central de computador ou não, é o homem. É algo externo a ele que é apenas um instrumento. Da mesma forma, o corpo é apenas um instrumento a serviço do “eu”, do espírito ou qualquer nome que o leitor quiser dar.

O método empírico pode localizar um objeto no tempo e no espaço para medi-lo, quantificá-lo, ou observá-lo em interação com outros elementos. Um exemplo básico, você pode medir o tempo que um objeto ou um veículo leva para percorrer um espaço. Mas não se pode medir ou quantificar sentimentos ou a consciência no tempo-espaço. E toda interação dela com o ambiente repercutirá em seu interior e exterior. Mas são duas searas diferentes. Uma no mundo físico e outra no universo metafísico.

Com base neste raciocínio, o método científico é imprestável para compreender a consciência, localizada num mundo metafísico. Filósofo e jurista, Raimundo Farias de Brito defendia um método introspectivo para o estudo do “eu”. A psicologia, em vez de seguir uma carreira solo, adotou o método das ciências naturais. Ficou com medo de ser taxada de não científica e o sucesso do behaviorismo (estímulo e resposta) durou pouco.

A ciência busca descrever a natureza e daí resulta o princípio natural. Ou seja, a ciência busca verdades em processos naturais. Com isto ela quer dizer que o sobrenatural não interfere na natureza. Realmente mito e religiões exageraram em narrativas de intervenções divinas diretas na vida das pessoas. Até hoje as pessoas rezam para seu time de futebol ganhar uma partida ou um campeonato e agradecem a um deus. Não há uma intervenção cósmica na vida das pessoas, pois a Criação é perfeita e não precisa de reparos ou emendas.

Neste sentido é até compreensível a ciência negar o sobrenatural. Mas o mundo metafísico também não seria natural? Não será ele mais “real” que o mundo físico?

Da mesma forma infantil, cientistas atribuem determinados fenômenos religiosos a sentimentos e sensações, como o medo, a imaginação e a alucinação mesmo sem evidências empíricas. Mas atribuir o medo e a superstição como origem de todas as religiões, em todos os tempos e espaços, seriam negar o que é universal, seria negar a realidade. O medo não pode afetar a todos, o tempo todo em todos os cantos. Nunca será provado o medo como origem das religiões em todos os tempos e espaços. A transcendência é inata, está em todos em qualquer tempo-espaço. A alternância entre os mundos físico e metafísico explica a espiritualidade e não o medo.

A ciência não aceita a origem da vida a partir de uma inteligência. Para ela, os ingredientes da vida são apenas matéria, energia, leis naturais, acasos, golpes de sorte e acidentes. O materialismo científico descarta o design inteligente na origem da vida.

Entretanto explicações científicas como seleção natural, auto-organização, moléculas ingênuas não conseguiram explicar a origem da vida. Uma explicação a partir de uma evolução química é cega. A ciência não tem uma solução material para origem da vida. Muitos químicos acreditam que a vida surgiu espontaneamente, ao acaso, golpe de sorte, a partir de misturas de moléculas na terra pré-biológica. Como, eles não fazem a menor ideia, já que a matemática e as suas probabilidades não são favoráveis.

A probabilidade surgiu para acabar com o acaso e é que ela faz com o materialismo científico. Ela nega uma possibilidade do acaso como agente criativo da vida. As chances de uma química cega formar uma única proteína é de $1/10$ elevado a 164 (1 seguido de 164 zeros). Para os matemáticos, qualquer acontecimento que tenha uma probabilidade maior que 10 elevado a 50 é rejeitado e considerado improvável. Vale dizer, é impossível. A improbabilidade aumenta muito mais quando se considera que uma célula bem simples tem mais de 300 tipos de proteína. Ainda tem o DNA com cálculos estatísticos improváveis para o acaso.

A estatística é o estudo do passado pelo presente para calcular a probabilidade do futuro. A probabilidade do acaso como agente criativo da vida é 0. A matemática não gosta de acaso, mas os cientistas sim.

A vida não pode ser um mero acidente, uma série de acasos como quer a ciência. Nada faz sentido se não fomos planejados e com um universo sem propósito. Há um propósito cósmico de Integração no universo. As perguntas existenciais ainda continuam para filósofos, cientistas, artistas e religiosos. Eles continuam tentando explicar o enigma da existência.

10 – Epistemologia

Etimologicamente, epistemologia contém dois radicais gregos: episteme (conhecimento, verdadeiro) e logia (logos, razão, estudo). Também chamada de teoria do conhecimento, a epistemologia é o ramo da filosofia ocupada com a natureza, origem, métodos do conhecimento.

Há uma polêmica científico-filosófica em torno dos métodos para se adquirir o conhecimento. Como podemos saber o que sabemos? Desde a Grécia antiga, duas correntes se formaram: racionalistas e empiristas. Este dualismo de escolas filosóficas começou com Platão e Aristóteles, atravessou a história e até hoje não encontrou uma síntese.

Platão divide a realidade em duas: a do mundo das ideias e a mundo dos sentidos. O mundo das ideias seria um mundo perfeito, onde estariam figuras geométricas perfeitas, animais perfeitos, objetos perfeitos, um cavalo perfeito. O mundo dos sentidos era um mundo imperfeito, cópias imperfeitas das ideias perfeitas. Platão usa a alegoria da caverna para demonstrar que o mundo material era um mundo ilusório, o mundo de sombras.

Ele colocou a matemática no mundo das ideias, pois a matemática tem um certo absolutismo. $3 + 3 = 6$ em qualquer tempo-espço. Este conhecimento é racional e não experimental. O amigo leitor não precisa de um laboratório para isto. Basta pensar. O mundo das ideias seria nossa verdadeira realidade. Para ele, a razão mora em nossa alma, enquanto os sentidos percebe apenas o mundo

material. Após a morte, nossa alma retorna ao mundo das ideias. Então sentenciou que o verdadeiro conhecimento vem da razão e não dos sentidos.

Platão defendia a reencarnação das almas, ou seja, ele advogava a preexistência da alma em algum mundo metafísico. Quando nasce, o humano já teria passado pelo mundo das ideias, morada das almas. Nesta nova vida, o humano teria reminiscências de um passado, donde surge a teoria das ideias inatas para corroborar o pensamento racionalista.

Em sentido contrário, Aristóteles gostava de estudar o mundo natural, o mundo dos sentidos. Ele classificou o mundo animal, utilizando os sentidos para observar características particulares de cada espécie. Estudiosos acreditam que o uso dos sentidos por Ari foi contra a ideia racionalista de Platão. Para alguns, apenas as experiências nos levam a enxergar o mundo qual ele é. Existem características particulares de cada raça de cavalo, mas existem características comuns que permitem dizer que é um cavalo. Nossa visão percebe evidências materiais da realidade material sem acesso a razão pura.

Ari fundou o empirismo. O conhecimento deve vir dos sentidos e do mundo ao nosso redor em oposição ao racionalismo platônico. Este desacerto de ideias criou duas correntes de pensamento que atravessam a história da filosofia e da ciência.

História dos racionalistas.

Os racionalistas pregam que o conhecimento vem por meio da razão. A matemática é puramente racional e isto a aproximou de filósofos de todos os tempos. Outra ideia central do racionalismo são as ideias inatas para se chegar à razão.

O primeiro filósofo ocidental, Tales de Mileto, parece ter tido envolvimento com a matemática. Pouco depois dele, Pitágoras santificou a matemática. Ele procurou explicar o mundo em termos de matemática. A música seria produto de relações matemáticas para produzir relações sonoras agradáveis. Para ele, todo o cosmo deveria ser governado pela matemática e os números podem ser usados para explicar a estrutura do cosmo. Nosso sistema entende que pluralismo, dualismo e monismos são números, uma metamatemática que explica a estrutura, a origem e o funcionamento do Universo.

Como o pensamento matemático é abstrato, Pitágoras defendia que o pensamento abstrato é superior à evidência dos sentidos. O pensamento filosófico deveria seguir o padrão matemático.

Heráclito e Parmênides, conterrâneos de Pitágoras, também deixaram traços de racionalismo na história. Heráclito acreditava que o cosmos era governado por um logos, uma espécie de lei universal que mantém o equilíbrio. Inspirado em Pitágoras, Parmênides emprega o método dedutivo em seus estudos. O conhecimento vai do geral para o particular.

Durante a Idade Média, a igreja suprime a investigação filosófica-racional e eleva as escrituras sagradas como verdade absoluta. Entretanto, teólogos medievais como Santo Agostinho e São Tomé de Aquino buscaram conciliar razão e fé, utilizando estudos de Platão e Aristóteles. De certa forma, eles também eram racionalistas.

O francês René Descartes era racionalista. Ficou famosa sua máxima pop: Penso, logo existo. Descartes sacramenta e amplia o poder da matemática com a geometria analítica. O sistema cartesiano é uma homenagem a Descartes. Este sistema contém duas linhas retas que se cruzam e nos fornece um sistema referencial. Álgebra e geometria eram ramos separados e Descartes as uniram. O x e o y do sistema são funções. Racionalistas sempre estiveram perto da matemática, pois ela é puramente racional.

Esta geometria analítica pode monitorar quase tudo como consumo de combustível e gasto de uma economia pessoal ou empresarial. Todos os dados podem ser representados por funções. Atualmente, este sistema é empregado rotineiramente por analistas, economistas, cientistas, estatísticos e muitos outros. O sistema de coordenadas cartesiano permite a matematização de quase tudo. Esta ideia aproximou a matemática de Deus.

Descartes buscou um método filosófico similar ao método matemático. A razão utilizada na matemática seria empregada num sistema filosófico coerente. Nosso sistema filosófico percebe a matemática em uma estrutura cósmica (um pluralismo de números e suas interações) e vê seu funcionamento passando pelo dualismo até o resultado.

Newton apoiou na matemática de Descartes e a uniu com a física. Com o uso da matemática, Newton descreveu os movimentos dos planetas. A mecânica que

funciona na Terra, também funciona no céu, ou melhor, em todo universo. Lei matemáticas e/ou Deus governa (m) o universo.

Outro filósofo racionalista digno de mencionar é Gottfried Leibniz. Ele defendia que as individualidades de todo o universo está todo conectado e cada unidade continha uma representação completa de todo universo. Uma reflexão racional permitiria conectar todas as unidades do universo. Nosso sistema pensa igual. Cada unidade dos “eus” é reflexo do universo inteiro. O eu menor é reflexo do eu maior. O Eu-maior passa pelo dualismo ao criar o eu-menor que também passa pelo dualismo ao se integrar ao todo. Isto ocorrerá de forma clara quando o ser perceber sua integração com o todo. Doutrinas orientais pregam o fenômeno de expansão da consciência em que o “eu” se senti uno com o universo.

De forma mais ampla, o Iluminismo foi um movimento racionalista. Como na antiguidade, os filósofos iluministas tinham uma crença inabalável na razão humana. A nova ciência natural deixava claro que tudo era racional. Estes filósofos diziam que somente a razão e o conhecimento difundido entre todos fariam grandes progressos da humanidade. Era uma questão de tempo para que desaparecessem a irracionalidade e a ignorância e surgisse uma humanidade iluminada. “De volta à natureza”, era a palavra de ordem e crítica à civilização e a Igreja. Natureza e razão era quase a mesma coisa para eles.

Tais filósofos buscavam uma religião natural em sintonia com a razão natural. Pois eles achavam irracional um mundo sem Deus. O mundo era racional demais e Newton defendia o mesmo ponto de vista. Os filósofos iluministas argumentavam que a questão da alma imortal do homem era mais uma questão da razão do que da fé. Os filósofos queriam se libertar dos muitos dogmas e princípios religiosos irracionais.

Em razão disto, surge o deísmo, uma espécie de religião que prega o Deus da Razão. Esta ideia pregava que Deus nunca se revelou ao homem de forma sobrenatural. Diferentemente a verdadeira revelação de Deus era através da natureza e de suas leis. Este “Deus filosófico” nos lembra de Aristóteles. Para este, Deus era a causa primeira, o impulsor do universo. De quebra, os iluministas divulgaram a ideia dos direitos humanos, uma herança para a humanidade e muito cara aos juristas de hoje.

Igualmente o Existencialismo Metafísico também advoga a ideia de um Deus racional. Nosso sistema vê racionalidade na estrutura e no funcionamento cósmico, conforme demonstrado ao longo deste livro.

Empiristas.

Enquanto a Europa continental nos brindou com os racionalistas, a Inglaterra foi terreno fértil para o empirismo e o EUA inovou com o pragmatismo. Francis Bacon entendia que ciência dependia de leis e reforçou a valor da experiência no método científico. John Locke nega o racionalismo e afirma que todo conhecimento vem da experiência. A mente seria uma tábula rasa, ou seja, uma folha em branco no nascimento. À medida que o ser vai tendo experiências, ele vai preenchendo a folha.

David Hume dividiu as verdades em demonstrativas e prováveis. As demonstrativas eram auto-evidentes como a matemática e a lógica. Estas são verdades que não precisam de experiências. As verdades prováveis dependiam de provas ou experiências para serem confirmadas. Ao dizer que houve um acidente de trânsito em determinada rua, nós precisamos ir até ao local, ou ir até a delegacia para constatar a verdade.

Alguns empiristas e fisicalistas, como Thomas Hobbes, negavam o dualismo corpo e alma. Ele asseverava que nada podia existir sem substância. Então o corpo seria uma máquina biológica. Ele negou a metafísica, mas sempre que a ciência nega a metafísica ela entra numa sinuca de bico. Confrontado com a questão da responsabilidade, ele ficou sem resposta. Como penalizar uma máquina biológica sem uma mente por trás com poder para escolher entre o bem e o mal.

O empirismo inglês originou a pragmatismo americano. Charles Sanders Peirce é o fundador do pragmatismo. O significado de um conceito é ligado ao resultado. Willian James, outro americano, defendeu esta ideia, o pragmatismo espalhou pela EUA e tornou-se algo de fato original. Para eles, não adquirimos conhecimento apenas observando, mas fazendo. Este conhecimento deve ser útil, senão o substituímos.

Para o pragmatismo, o propósito da filosofia não é mostrar a realidade, mas sim a maneira mais eficaz dentro dela. Não importa o que as coisas são, mas sim quais as implicações práticas delas.

Karl Popper, filósofo austríaco, adicionou a falseabilidade ao método científico. Seu raciocínio era: ciência usa a indução (trabalhar com observações seriadas) para chegar a leis gerais; mas estas leis não podem ser comprovadas, apenas refutadas. A realidade deve ser falseável. Ele mirou as religiões que não tem como ser falseadas. Deus, anjos, céu, inferno não tem como ser falseados.

O empirismo tem críticos internos. O americano Thomas Kuhn, físico e historiador da ciência, em 1962, publicou a obra “A Estrutura das Revoluções Científicas”. Nesta obra, o autor defende que a ciência vive entre a normalidade e as crises. A ciência vive uma fase de normalidade, mas vai alcançando resultados diversos até chegar um ponto de crise. Este ponto de crise e mudança para um novo sistema teórico é chamado de mudança de paradigma. É uma espécie de dialética científica em que uma tese entra em conflito com uma antítese e surge a síntese, a mudança de paradigma. A evolução científica não é apenas gradual, mas também se move por saltos.

O austríaco Paul Feyerabend, fazendo eco com Thomas Kuhn, foi além. Para ele, não haveria o chamado método científico, em razão da mudança de termos, conceitos e sistemas científicos. Sua obra “Contra o Método”, publicada em 1975, cunhou o termo “anarquia epistemológica” para retratar os limites das metodologias científicas. Ele chegou a relacionar mito e ciência.

Além da crítica dos empiristas, o racionalismo foi criticado também pela arte. Artistas surrealistas também criticaram o racionalismo. Eles queriam se libertar da razão e da lógica para expressar sonhos e o inconsciente freudiano. Freud inovou com o inconsciente ou subconsciente. Para ele, nem sempre é a razão que governa nossas ações. O homem não é apenas um ser racional tão defendido pelos racionalistas do sec XVIII. Com frequência impulsos irracionais determinam nossos pensamentos, nossos sonhos, e nossas ações. Todavia a moderna ciência não sabe o que é a consciência e nem onde ela se encontra. O que dirá do inconsciente?

Observação, experimentação, utilidade, todos estes valores do empirismo e pragmatismo são possíveis de vislumbrar intuitivamente em animais. Um predador observa sua presa ir uma, duas, três vezes ao rio beber água. Desta observação, ele levanta a hipótese: sua comida vai diariamente ao rio beber água. Com fome, o predador vai ao rio e elabora sua estratégia para o ataque. Se sua

experiência falhar, o predador vai fazer novas experiências em outros ataques. Se tiver êxito, ele fará novos ataques com a mesma experiência bem sucedida. Se o predador passa a adquirir comida por outro meio, como por meios dos humanos, seu ataque preciso não será mais necessário.

Os empiristas tentaram melhorar o método científico acrescentando a indução. Ainda assim, o método é intuitivamente animal, mas sem dúvida se trata de aprendizado. Uma criança encosta uma vez no fogo e sente sua pele queimar. Encosta outra vez e novamente sente sua mão queimar. A razão assume e ela não precisa experimentar novamente para sentir sua mão queimar. Então a diferença entre tais métodos será de grau. Ou seja, o empirismo seria um aprendizado *a priori* e o racionalismo seria um aprendizado *a posteriori*.

O método racionalista e matemático é um método superior, pois apresenta a estrutura e o funcionamento cósmico, conforme defende o Existencialismo Metafísico. A lógica, a linguagem, a matemática e todo conhecimento contém esta estrutura e funcionamento. Começa com uma premissa dentre inúmeras outras. Desenvolve-a dentro de um dualismo para chegar a uma conclusão, um resultado, um monismo. Isto fica bem demonstrado neste livro.

A própria linguagem científica tem base nesta estrutura e funcionamento. Introdução, desenvolvimento e conclusão. Nós afirmamos algo na introdução como uma premissa dentre milhares de afirmações possíveis na diversidade. No desenvolvimento, encadeamos raciocínios e os polarizamos, pois o argumento tem a negação, os contra-argumentos. Vislumbramos o dualismo. Então chegamos à conclusão, ao resultado, um monismo de finalidade.

O método científico também tem esta estrutura. Após observações preliminares de um fenômeno dentre vários outros, a metodologia científica inicia com uma hipótese. Posteriormente ela deve ser testada por um dualismo. Tal experiência será confirmada ou refutada pela hipótese e, assim, chegar a um resultado.

Em ressonância com o exposto, valores empiristas como experimentação, observação e pragmatismo são primários, encontrados até em animais. Todavia até o método científico utiliza a estrutura cósmica percebida pela razão e pelo nosso sistema. Até mesmo a ciência precisa de evolução. Nos últimos tempos, fala-se

muito em uma nova era. Fala-se em mudança de paradigma novamente. Vamos a defender nossa estrutura universal para oferecer outro paradigma.

11 - Pluralismo

Para descrever a natureza fundamental do universo, pensadores, matemáticos e cientistas buscam padrões. A simples leitura de padrões numéricos da natureza pode descrever uma realidade do universo. Ciência, filosofia, arte e religião são os sistemas elaborados de conhecimento mais comum. A ciência usa a experimentação, a filosofia a razão, arte usa as emoções e a religião a fé. Todavia existem outros 3 sistemas de pensamento usados para explicar a realidade. Pelos padrões numéricos da natureza, pensadores elaboram sistemas monistas, dualistas, ou pluralistas em suas filosofias.

A pluralidade natural é fácil defender. Eu, você, eles, a vida animal e vegetal. A diversidade é inegável. Igualmente fácil defender é um dualismo natural. Vida e morte, paz e guerra, dia e noite, homem e mulher, certo e errado, sim e não. Ao lado deste dualismo e pluralismo natural, temos o monismo natural. De modo simples, nós podemos afirmar que somos um e estamos inseridos em uma família, uma cidade, uma nação, um planeta, enfim, em vários monismos. Vale dizer, o “eu” é um e está inserido em vários sistemas monistas. Temos filosofias, ciências, artes, religiões que vêem o universo como unidade.

Como exceção, alguns pensadores defendem outros sistemas de pensamento com outros padrões numéricos como o 3, o 7, entre outros. Entretanto tais sistemas não estão na natureza e teólogos fazem malabarismos teológicos para darem a tais sistemas consistência que não existem. Como exemplo temos a trindade cristã e dos vedas. Tais trindades nos levam a politeísmos insustentáveis sem reflexo na natureza. A criação mitológica do mundo em 7 dias originou os dias da semana e outros sistemas de pensamento como os 7 pecados capitais. Vale ressaltar, tais sistemas não são naturais, não são encontrados na natureza, não temos sábados e domingos na natureza. Existem os ciclos monistas de dias

(rotação) e anos (translação) que são os movimentos do planeta. Não existem ciclos de semana e mês na natureza. Estes são produtos do homem.

Tais sistemas numéricos padrões são fáceis de ver até na ciência física. Nós temos uma quantidade imensurável de átomos. Eles possuem energia própria. Logo temos um pluralismo energético. Este pluralismo energético passa pelo dualismo de energia, positivo e negativo. Mas este pluralismo e dualismo estão submetidos num monismo, a gravidade. Esta envolve todo o dualismo e pluralismo. A física quântica trabalha com o pluralismo atômico, o eletromagnetismo envolve uma polarização (dualismo) e a gravidade é um monismo que submete o dualismo e o pluralismo.

Aqui advogaremos uma harmonia entre estas três ideias numéricas diferentes. Trabalhando estes conceitos, vamos buscar a origem destas ideias. Vimos que no estudo dos conceitos, temos que aprofundá-lo com sua história e seu surgimento. O homem quer saber de onde veio a vida e o universo. Então qual a origem destas três ideias? De onde veio a pluralidade, dualidade e o monismo? Em uma única questão, de onde veio tudo?

Existem 4 possibilidades de explicação para o começo do universo: 1) o universo não teve começo, ele existe desde sempre; 2) o universo começou por si (do nada); 3) ele começou com muitos criadores (deuses); 4) ele começou com apenas um criador (deus). Uma visão filosófica, outra científica, outra politeísta e a monoteísta respectivamente. Fica difícil vislumbrar outra possibilidade além destas. Então vamos explorá-las.

1) Para a negação do começo, há uma teoria dizendo que o mundo existe desde sempre. Aristóteles pregava tal doutrina. Porém hoje, tal teoria tornou-se indefensável frente à teoria do big bang. Além disto, a existência do universo desde sempre não merece credibilidade, pois tudo parece ter uma história e, assim, um começo. Eu nasci e cresci. Minha linda vizinha também, meu cachorro, meu pé de caju. A vida neste planeta e também este planeta, nossa galáxia e nosso universo. Tudo tem uma história, um começo e também uma origem única. Bom, há outras teorias, como a do multiverso (vários universos), a da gravidade quântica em loop, a da flecha do tempo, mas elas não tiram a ideia do início do nosso universo e o fato de tudo ter um começo.

O dia, a noite, o ano, o verão, a faculdade, enfim, tudo tem um início. A vida surgiu na terra em algum momento, cerca de alguns poucos bilhões de anos. Nosso planeta também surgiu antes da vida. O universo também tem um começo. Tudo parece evoluir a partir de um princípio. Há consenso religioso, filosófico e científico do início da existência. Não nos parece mais creditável a existência do universo desde sempre.

Descartado a improvável existência desde sempre, vamos à teoria científica, o início pelo fato bruto, o Nada criativo.

2) A trilogia da ciência física, tempo-espaco-energia, começou a existir com o big-bang ao acaso. Como eles não existiam antes da explosão inicial, apenas o Nada existia antes deles.

Após as primeiras fusões nucleares, explosões posteriores, supernovas, tudo ao acaso, surge nosso planeta. Após resfriamento e tempestades, criaram-se condições para gerar a vida ao acaso. Numa evolução magnífica ao acaso, chegamos ao homem moderno, uma máquina biológica movimentada pelas forças físico-químicas. Esta mesma evolução desenvolve nossa personalidade e inteligência, produtos da causa e efeito dentro de mecanismos biológicos e neurais do cérebro. Enfim o Nada, forças cegas e o acaso são responsáveis pelo universo e pela vida. Não existem equações para isto, mas é a ciência quem está dizendo.

Para a ciência oficial, a vida e o cosmo estavam aglomerados no big bang. Nosso planeta, incluindo todas as vidas, e todas as galáxias surgiram desta explosão inicial, ocorrida há cerca de 13,7 bilhões de anos. Nesta oportunidade, surge a energia, o tempo e o espaço. Sem a trindade científica, o Nada impera. Por que isto aconteceu é mistério científico. Aliás, a ciência tem problema com os porquês. Ela responde apenas como, onde e quando as coisas acontecem. Mas isto não é mistério para as religiões.

3) As religiões politeístas pregam a existência muitos deuses: deuses do trovão, outros deuses da água, outros deuses da guerra, deuses interiores e outros milhares de deuses a depender de cada cultura. Como os antigos não podiam entender raios e trovões, eles atribuíram a divindades. Viram a plantaço crescer do nada, então eles atribuíram à deusa da fertilidade.

A maioria das religiões politeístas, a despeito de cultuar muitos deuses, tem sempre um deus-criador, um criador de outros deuses. A religião hindu possui uma

trindade de deuses, Vishnu, Shiva, Brama. Este último é uma espécie de força criadora. Na mitologia cristã, temos a trindade de deuses: o Pai, o Filho e o Espírito santo. O Pai (Deus) é criador de tudo e de todos. Na mitologia grega, Zeus é o pai dos deuses, governava o monte Olimpo, a morada dos deuses.

Como as religiões monoteístas, a ciência nos leva a nossa origem única. Então para as religiões, a origem única implica em ato único, em uma vontade única. Não há um deus que criou o sol, outro que criou a terra, outro a tempestade, pois tudo teve origem única. Logo devemos rejeitar o politeísmo na criação.

Os deuses do politeísmo foram confundidos com assessores divinos, anjos, espíritos de escol, ou qualquer outra terminologia teológica que quiserem. Este equívoco metafísico tem origem nos sonhos e na alternância entre os mundos físico e metafísico. O infantil conhecimento do mundo metafísico produziu deuses diversos.

4) Início a partir de um ato de vontade, de um criador, de um deus, de uma inteligência. Este início seria a partir de um mundo metafísico, já que o mundo físico não existia para ser criado. Dentro do mundo material é difícil enxergar o mundo metafísico, então os antigos tentaram explicar o mundo metafísico com as mitologias.

As religiões monoteístas utilizam as narrativas mitológicas para pregar a origem única do cosmo e da vida a partir de um deus. Elas buscam explicar o surgimento do homem, do mundo e tudo que existe nele. As narrativas de criação do mundo variam, dependem da cultura de cada povo ou tribo. Para o ocidente e com base na teologia hebraica, a criação do mundo veio da palavra do Criador.

Influenciado por outras culturas, o povo hebreu elaborou sua narrativa mitológica, registrada no Torá. Esta gerou outras teologias, a cristã e a islâmica. Apesar de ser uma teologia tribal do povo hebreu, influenciou todo o ocidente. Javé, Deus ou Alá criou tudo e todos. Os mitos não ligam para contradições, para a fantasia e nem se importa com o incompreensível, mas tiveram relevância pedagógica no passado. Hoje tais teologias estão vencidas apesar da insistência de biblistas, ortodoxos e fundamentalistas.

Os pensamentos simbólico e mitológico despertam junto com a consciência humana. Trata-se de um pensamento infantil feito por meio de fantasias. As crianças também desejam saber de onde vieram. No passado, a explicação

“mitológica” era dizer para a criança que veio de uma cegonha. Hodiernamente ninguém arrisca esta explicação mítica para seus filhos. Da mesma forma, não necessitamos de explicação mitológica para o surgimento da vida e do cosmo.

Não podemos negar o mérito de pregar a origem única das religiões monoteístas, quando a astrofísica diz que viemos de uma origem única do big bang. Ou seja, viemos de um ponto único, de uma origem única como prega o monoteísmo cristão. Até o papa Francisco defendeu a teoria do big bang, mas como ato do Criador.

A filosofia também se ocupou da criação. A metafísica refletiu sobre o conhecimento das causas e princípios primeiros. O Existencialismo Metafísico promove o estudo de todas as coisas sob a perspectiva do conceito de causalidade e de uma inteligência maior. Busca a causa das causas, o Criador, a causa suprema de todas as coisas, a realidade máxima. Nossa metafísica acaba sendo uma espécie de teologia natural.

Como defendido anteriormente, a matemática é metafísica, não existe no tempo-espaço e explica o universo. Newton usou a matemática para elaborar um sistema de leis físicas que valem para terra e para o universo inteiro. Então nós devemos projetá-la para antes do big bang. Como a matemática não tem vontade própria, alguém, um criador, um deus, uma inteligência usou a matemática antes do big bang para construir o universo. A matemática tem um efeito inteligente e logicamente tem um causa inteligente, uma inteligência primária, uma inteligência maior.

Aristóteles, considerado pai da ciência, também era metafísico. Defendeu a Metafísica como estudo da causa primeira e dos princípios primeiros de todos e de tudo. Todos os outros estudos deveriam vir depois do estudo da Metafísica. Para ele, a investigação filosófica é acima de tudo uma investigação sobre as causas das coisas. Classificou as causas em quatro diferentes tipos: material; eficiente; formal; e a final.

A causa material é a substância com a qual é feita alguma coisa, como o aço. A causa formal se trata da coisa em si, como um carro. A causa eficiente é a procedência do processo em que a coisa surge, como as máquinas e o homem que fazem o carro. A causa final é aquilo para o qual a coisa é feita, no nosso caso, o transporte de pessoas. Isto vale para toda a natureza.

Além destas causas posteriores, existe a causa primeira. O Criador seria a causa primordial de todos os movimentos dos corpos celestiais e por consequência dos movimentos da natureza. Há uma harmonia perfeita no cosmo. Tudo é perfeito. O mundo é determinado pela causa e efeito, mecanismo pedagógico de controle do todo.

Na esteira de Aristóteles, Tomaz de Aquino também adotou a ideia de Deus como causa primeira. Seguindo uma cadeia inumerável de causa e efeito, chegaríamos a Deus. Ele é o primeiro movimentador, não movido por nada antes. Aquino acreditava que a existência de Deus era autoevidente.

Parmênides dizia que nada pode surgir do nada e que nada pode se transformar em nada. O Tudo não pode vir do Nada. Alguns filósofos gregos pregavam o racionalismo. Um racionalista é aquele que tem convicção na razão como origem do conhecimento. Heráclito confiava numa razão universal, ou lei universal para todos. As transformações da natureza, ele via como unidade, um todo. Esta razão cósmica ele chamava de Deus ou logos, palavra grega que significa razão. Empédocles chamava de inteligência a força responsável pela ordem e pela criação de tudo.

Além destes argumentos, nosso sistema defende o ato da criação por uma inteligência maior com outros três argumentos e evidências ou provas: o dualismo, a simetria e a negação. Quando a inteligência cria um eu, ela divide a realidade e passa pelo dualismo existencial. Costumamos usar a metáfora do lar para explicar esta ideia, quando uma pessoa divide o lar com outra pessoa, ela divide a realidade. Simetricamente este eu também passa pelo dualismo para chegar a um monismo final. Quando da criação do eu, cria-se automaticamente o não-eu, a negação. O dualismo, a simetria e a negação são reflexos do ato de criação.

Agora podemos afirmar: somos produtos da criação. A existência do universo e de nossa vida veio da criação, ou seja, veio de uma realidade além-física ou metafísica. O universo material em si não tem autoexplicação, pois viemos além dele. Vale dizer, somos de origem metafísica.

A matemática, instrumento metafísico, ainda é inexplicável pelo conhecimento científico que usa e abusa dela. Ela nos deu a ideia de um mundo ordenado, previsível e determinado. Porém a ciência acredita que tal mundo é uma máquina. A astrofísica preconiza que viemos de uma explosão. Antes desta, existia

o Nada. Mas como o Nada utilizou a matemática e criou o Todo? Em lógica é impossível o todo vir do nada. Logo o todo só pode vir de um Criador metafísico e matemático.

Em harmonia com o exposto, agora eu afirmo a existência divina, pois a razão me diz. Ao contrário das religiões, a existência divina existe em mim, de dentro para fora. Para as religiões, ainda, Deus é uma questão de crença numa autoridade eclesiástica, num livro preto que apela pela crença numa divindade. Vale dizer, a existência divina para os fiéis vem de fora para dentro.

De onde viemos? As religiões querem a crença da origem divina com o apelo a uma fé cega, segundo seu mito da criação. A ciência dita oficial nega a existência divina, a vida foi produto de vários fatores sorte como a distância precisa entre o Sol e a Terra. O homem foi resultado de acidentes cósmico como o meteoro que caiu na Terra, eliminou os dinossauros e deu oportunidade aos mamíferos. Roedores que viviam debaixo da Terra subiram e, numa evolução fantástica, resultou nos primatas e, por fim, no homem. Tudo ao acaso.

Desta apertada síntese científica, podemos concluir: o entediado Nada encontrou com a Sorte e com o Acaso; este encontro explosivo criou tudo. O universo e o amigo leitor são produto do Nada, do Acaso, da Sorte e de acidentes cósmicos. Foi do Nada que viemos. Os ateus fazem coro com a ciência. São deuses da ciência e dos ateus: o Nada, o Acaso e a Sorte.

Mas indaguemos a ciência: como o Todo veio do Nada? O absurdo lógico deve ser negado pela razão. Assim, por exclusão e pela lógica devemos afirmar que somos produto da Criação e não do nada ou de muitos deuses.

A física e a astrofísica só tem autoridade para se pronunciar até o big bang, oportunidade do surgimento da matéria, o tempo e o espaço. Antes não havia nenhum destes e tais ciências não têm mais autoridade para falar de algo sem matéria, tempo e espaço. A física e o empirismo perdem autoridade para falar disto. Então sai a física e entra a Metafísica com o método racional.

No pré-universo, o Criador existe como causa primária do nosso universo. A premissa da causalidade costuma promover a pergunta: qual a causa de Deus? Não discutiremos aqui se o Criador tem causa em si ou não. Nosso conhecimento é ainda limitado, mas o ato criativo é nossa causa apenas.

Em ressonância com o exposto, agora afirmamos a existência de uma inteligência primária. Dispensam-se a ciência e suas forças cegas; dispensam-se as religiões e sua fé cega.

Oportuno salientar que a ciência já dá sinais de luz. Há o princípio científico antrópico oriundo da cosmologia: o universo foi feito para a vida. A coordenação de forças físicas e seus “ajustes fino” não foram obra do acaso e sim de um poder criador.

De cajá em cajá, surgem princípios e cientistas tentando uma conexão entre o Criador, o mundo metafísico e a ciência, principalmente na seara da física quântica. Mas acadêmicos de plantão, em nome da ciência dita oficial, correm para negarem qualquer relação, negar o mundo metafísico e negar o Criador. Acabam prejudicando o pensamento.

Da mesma forma, as diversas religiões acabam atrapalhando o pensamento da humanidade. Deus é apenas um, mas as teologias são muitas. Como as religiões não podem unificar seu discurso por causa de seus dogmas, cabe a Metafísica a unificação do discurso. Retira-se todo entulho teológico para ficar com princípios unificadores das religiões: existência do Criador, existência da alma e sua imortalidade.

O poder criador inspirou várias religiões. O discurso teológico varia de religião para religião. Então devemos pensar em termos de Metafísica, uma espécie de teologia racional. Tanto nas religiões como na filosofia, podemos ver teorias de um criador, causa primeira de todas as coisas.

Metafísica, religião, arte e ciência são conhecimentos que se completam. O exclusivismo de um conhecimento o acaba mitificando. A ciência se ocupa das causas próximas (visão curta), enquanto a Metafísica transcende para as causas primeiras (ou últimas, visão longa) ou Deus. Após encadeamento das causas (por quê? por quê? por quê?) chega-se as respostas existenciais: quem somos e de onde viemos?

Vamos completar o pensamento de Descartes. O grande pensador ensinava que todos deveriam duvidar de tudo. Da fé cega, da ciência e de tudo o que se tinha ouvido ou lido. Ao pensar, chegaria à primeira verdade absoluta: a existência. Como esta não pode vir do Nada e nem de muitos criadores, podemos concluir: penso, existo, logo tenho um Criador. Esta seria a segunda verdade absoluta e

responderia a pergunta dos filósofos materialistas: por que existe o universo e não o nada?

Alguns efeitos da Criação.

A criação é pluralista, contínua, infinita e conectada pela origem. A matemática reflete a criação e contém uma infinidade de números conectados. A lógica contém inúmeros conceitos e continua aumentando. A linguagem contém inúmeras palavras e continua crescendo. A vida contém inúmeros seres conectados e continua crescendo rumo ao infinito e além.

O ato da criação foi um ato de vontade. Assim a causa primeira do livre-arbítrio foi o ato de criação. Deste ato surge a ideia de liberdade. A evolução da humanidade foi e ainda é uma busca pela liberdade. Este ato não foi um ato inconsequente, ele foi compromissado com a responsabilidade do efeito da criação. Esta abertura replicou no homem, na linguagem, na lógica e na matemática.

Percebam que esta leitura da natureza só é possível com o ato de criação. A ideia de liberdade tem reflexa apenas no ato de vontade da criação. O nada científico não tem este poder de escolha. A existência desde sempre não tem explicação para a liberdade. De onde surgiu a ideia de justiça no homem? Do ato de criação, somos efeitos da causa primária. A ideia da arte só tem reflexo no ato da criação. Não existe um nada criativo e a existência desde sempre não tem leitura da arte na natureza.

Então somos produto de um ato de vontade. A inteligência maior, digamos, Eu-maior, cria uma inteligência menor, digamos, o eu-menor. Ora, quando o Eu-maior cria o eu-menor, também cria a negação, o não-eu e, por consequência, cria um dualismo existencial. Eis a origem da negação e do dualismo existencial. Eles estão intrinsecamente conectados. Por isto a negação e o dualismo são importantes para a matemática, a lógica, a linguagem, para nós e para todo conhecimento. Este ato da criação gerou instantaneamente a matemática, números, dualismo, pluralismo, a negação e a identidade, vários eus e não-eus.

O “Eu-maior” ao criar os “eus menores”, automaticamente ele cria a negação (não-eu), criando a identidade. Esta identidade é individual e coletiva a um só tempo. O ser desenvolve sua identidade e muitas vezes o egoísmo parece contrariar o todo, mas à medida que ele vai percebendo a interconexão coletiva, vai

diluindo o egoísmo. Este então vai moldando a identidade do indivíduo. À medida que o ser vai passando pelos grupos, ele vai diluindo o egoísmo. Ele passa pela família, clãs, tribos, bairros, cidades, escolas, igrejas, estados, países e planetas até se sentir um cidadão cósmico, um eu-coletivo integrado pelo todo. As diferenças se aplicam ao eu-menor, enquanto as semelhanças se aplicam ao eu-coletivo.

Esta criação foi pluralista, rica, perfeita. Como a origem foi única, os vários eus estão interligados e interagem entre si. O ato da criação promoveu a existência de entidades em interação e refletiu na matemática, na lógica, na linguagem e em todo conhecimento.

Como nossa origem é metafísica, todos eus são metafísicos. Igualmente abstratos são a matemática, a lógica, a linguagem. A matemática tem abstração plena, pois não tem existência no tempo-espço. A linguagem humana é uma abstração, mas não plena, pois tem existência no tempo-espço. Os advérbios de tempo e espaço, as conjugações verbais de tempo nos leva a uma relatividade. A lógica é uma tentativa de levar a linguagem humana a uma verdade absoluta como na matemática.

Ser ou não ser: eis a questão! Agora com o dualismo existencial fica fácil ver a inteligência desta reflexão de Shakespeare. Nós temos uma afirmação e uma negação. A importância da afirmação é muito comum e inquestionável. Esta importância da afirmação acaba menosprezando a importância da negação. A negação cria a identidade da entidade, separando-a do todo. Este é o menor monismo. Mas esta entidade está inserida no todo, monismo último, com o qual interage. Assim podemos falar em eu pessoal e eu coletivo.

É importante ressaltar que a negação não está na natureza física. Ou seja, ela é pura abstração. A negação só pode ser encontrada em nossa mente. Mas o “não” é imprescindível na linguagem, talvez a sua essência. Em algum momento da evolução, ele deve ter sido a passagem de nível do homem primitivo. Ele foi uma vantagem evolutiva que o diferenciava na caça.

O “não” é essencial à linguagem. Nós podemos eliminar interjeições, preposições, artigos e conjunções, mas não a palavra “não” da gramática e da linguagem. A imensa maioria das frases ou são afirmativas ou negativas. A revolução da ideia de negação na linguagem foi tão importante quanto à ideia do zero na matemática.

Os indianos revolucionaram a ideia de contar coisas. O número zero foi ideia deles. Com o zero pode-se criar números infinitamente grandes ou pequenos e isto ajudou a estudar as ciências especialmente a astronomia. O sistema arábico (na verdade indiano) decimal superou o imperial sistema romano justamente por causa do zero, por causa da ideia de negação. Os indianos inventaram um número para representar o nada. O zero permitiu a evolução da aritmética e, por consequência, das ciências e tecnologias.

Do mesmo modo que o zero revolucionou a matemática, o “não” revolucionou a linguagem. A questão é por quê? Uma resposta da ciência poderia ser o acaso. Uma resposta da religião poderia ser porque deus quis. O Existencialismo Metafísico vai até a filosofia primeira, o ato da criação. Quando o Eu-maior cria o pluralismo, os eus menores, ele também cria instantaneamente o não-eu. O desenvolvimento da identidade é inspirado neste ato da criação com a ideia do não-eu.

O dualismo, simetria e a negação serão objeto de mais reflexão no próximo capítulo.

12 – Evolução passa pelo Dualismo Existencial

Como toda realidade e como todo conhecimento, a matemática passa pelo dualismo existencial, o ser ou não-ser. $2 + 2 = 4$; $2 + 2 \neq 5$. A negação é relevante na matemática. Para a negação, usamos $\neq$ (NÃO é igual). Assim qualquer alteração nos números da equação pode gerar a negação da equação. A negação fortalece a identidade individual ou coletiva dos números.

Além do dualismo existencial, a matemática tem outro dualismo ao passar pelas equações que invariavelmente passa por duas colunas. Em nosso primeiro exemplo, temos dois mais dois de um lado e quatro do outro lado. Se colocarmos mais colunas, sempre poderemos reduzi-las a um dualismo. Este padrão é visto em toda matemática. Então nós ousamos definir matemática como números em interação que passam por regras e pelo dualismo para chegar a um resultado. Uma

pluralidade de números passa pelo dualismo existencial para chegar a um resultado.

Assim a infinita quantidade de números se interage, passa pelas equações matemáticas para se obter um resultado. Ao separar dois lados, as equações matemáticas apresentam o dualismo. $3 + 2 = 5$; $4 + 3 \neq 8$; $a^2 + b^2 = c^2$; $V = d \cdot t$; $x = \frac{-b \pm \sqrt{b^2 - 4ac}}{2a}$, fórmula quadrática; $e^x = 1 + x/1! + x^2/2! + x^3/3! + \dots$, $-\infty < x < \infty$, expansão de Taylor; $(x+a)^n = \sum_{k=0}^n \binom{n}{k} x^k a^{n-k}$, teorema binominal; $A = \pi r^2$; área do círculo. As fórmulas mais estranhas estão no Word.

Notem que as equações matemáticas descrevem a física e também passam pelo dualismo. Assim, a física também passa pelo dualismo. Alguns exemplos: energia $E = mc^2$ (E energia, m massa, c velocidade da luz); movimento retilíneo uniforme $s = s_0 + v \cdot t$ {s: posição final (m), s_0 : posição inicial (m), v: velocidade (m/s), t: intervalo de tempo (s)}; eletricidade $U = R \cdot i$ {U: diferença de potencial (V), R: resistência elétrica (Ω), i: corrente (A)}. Todas equações da física passam pelo dualismo, seja para descrever a gravidade, temperatura, pressão, força, potência, ótica, movimento ou qualquer outro ramo da física. Uma enorme variedade de dados passa por equações matemáticas que apresentam o dualismo e um resultado.

O incrível poder da matemática pode ser percebido com uma equação simples como a da força gravitacional. Esta equação descreve fenômenos na terra e em qualquer lugar do universo. $F_g = G \frac{m_1 m_2}{d^2}$ (F_g = força gravitacional entre dois objetos, G = constante universal da gravitação, m_1 = massa do primeiro objeto, m_2 = massa do segundo objeto, d = distância entre os centros de massa dos objetos).

Igualmente a lógica contém uma enorme variedade de proposições que interagem entre si e passam pelo dualismo. Exemplo: toda máquina precisa de energia. Carro é máquina. Logo carro precisa de energia. A lógica trabalha com relações entre proposições (conceitos) e suas interações, o processo que leva a uma inferência verdadeira. Premissas verdadeiras conduzem uma conclusão verdadeira. Se a segunda proposição fosse colher ao invés de carro, usaremos a negação. Colher NÃO é máquina. Logo colher NÃO precisa de energia. Se a segunda premissa for falsa (colher é máquina), não chegaremos a uma inferência válida.

As palavras e a linguagem também passam pelo dualismo. Depois de conceituadas, as palavras interagem racionalmente. Definida a palavra mesa que representa a ideia de um quadrado de madeira, vidro, ou qualquer outro material, onde se põem pratos, copos, talheres, entre outros, ela passa a interagir com outras racionalmente. A palavra cadeira é uma não-mesa e representa a ideia de outro objeto.

A linguagem ocorre similarmente. Vejam o mesmo exemplo. A cadeira não é mesa. Esta ideia é verdadeira e ela não pode ser falsa a um só tempo. É a lei de não contradição da lógica. A frase-exemplo também é negativa. Todas as linguagens pressupõem as palavras e suas interações. Estas interações nos levam a frases afirmativas ou negativas.

Igualmente nosso sistema filosófico advoga a ideia que seres humanos são entidades e suas interações. Similarmente estas interações passam por dualismos para chegar ao monismo de finalidade.

Esta estrutura e funcionamento cósmicos estão basicamente em outras searas da vida e do conhecimento. Elas nem sempre são claras, mas nós podemos vislumbrá-las. O corpo é um pluralismo de órgãos em interações. Estas interações passam por regras e dualismos como saudável e não saudável para chegar a um todo, a uma homeostase. Uma máquina é um pluralismo de peças que passam por regras matemáticas, sincronicidade e dualismos funcionais para chegar a um todo, a uma sinergia.

Como observado, o dualismo está presente em toda realidade. Os sistemas de pensamento passam geralmente pela doutrina dualista e/ou também pelas doutrinas monistas ou pluralistas. Da mesma forma que há filosofias destes sistemas numéricos, há também ciências e religiões que navegam pelos três sistemas de pensamento. Alguns pensadores costumam ver o pluralismo e/ou o dualismo em oposição ao monismo. Não visualizamos oposição entre tais doutrinas, mas sim uma harmonia entre elas. Aqui tais sistemas foram separados para observação didática.

A aversão entre monismo e pluralismo é infeliz, pois as diversas searas do conhecimento permeiam estes sistemas de pensamento. Nossa ideia é retratar a realidade sem oposições e com pluralismos, dualismos e monismos, efêmeros e absolutos. A origem única da criação pode nos levar a enfatizar o monismo em

desfavor do dualismo e pluralismo. Entretanto estes nunca deixaram de ser realidade. Ou seja, são realidades absolutas.

A força criadora dividiu a realidade em duas, por assim dizer, com seu ato de criação: Criador e Criação. De um lado a unicidade criativa, o princípio criativo, o Criador, Javé, Deus, Alá, o Grande Tupã, ou a Natureza, ao gosto do amigo leitor; doutro lado a diversidade criativa, a vida, eu, você, os alienígenas e o universo (ou multiverso). Micro e macro, sujeito e objeto, “eu” e “não-eu”, “ser ou não-ser” são polarizações para o dualismo existencial. Deste dualismo primário, desta divisão da realidade, também originou as doutrinas dualistas efêmeras, dia e noite, gosto e não gosto, bonito e feio, quente e frio, devagar e rápido.

O dualismo não tem conflito com a diversidade, com ideias pluralistas, pois sempre poderemos polarizar tudo em razão do princípio criativo. O ato da criação foi dualista (quando dividi a realidade), mas também foi pluralista quanto ao conteúdo, ou seja, muitas criações, muitas minerais, animais e plantas. Esta diversidade não impede as polarizações.

Para sedimentar a ideia, façamos uma analogia. Imagine o leitor morando em um apartamento sozinho. Teríamos uma realidade única neste apartamento, a do leitor. Entretanto imagine esta realidade, ou apartamento, com um novo morador, uma namorada, ou um bebê. A realidade será dividida em duas. Teremos duas visões de mundo no apartamento. Críticos poderão tentar desconstruir tal exemplo com 3, 4 ou mais pessoas no mesmo apartamento. Mas sempre haverá um dualismo existencial e sempre poderemos polarizar a realidade no “eu” e o todo. Logo, ainda assim, teremos sempre teremos duas realidades.

Outro exemplo, agora macro: o Brasil tem diversidade de partidos políticos. São 33 partidos políticos registrados no site TSE, ano-base (2019). Podemos polarizar facilmente estes partidos em situação ou oposição, apesar do país ser um só. Por outro lado, o monismo atua no resultado. Então temos o pluralismo (pluripartidarismo), dualismo (oposição e situação) e o monismo (resultado ou governo), convivendo na mesma realidade brasileira. Este sistema é facilmente projetado para o resto dos países democráticos. Ditaduras não permitem este sistema e, assim, são contra a natureza. O inegável pluralismo da vida se junta, agora, ao igualmente inegável dualismo.

De fato o cosmo parece ser dual. Vida e morte, homem e mulher, luz e trevas, quente e frio, forte e fraco, belo e feio, alto e baixo, guerra e paz, justo e injusto, verdade e mentira. Outras polarizações comuns: não e sim, dia e noite, certo e errado, positivo e negativo, ação e reação, causa e efeito, bem e o mal, paz e guerra, cooperação e competição.

Oriente e ocidente (outro dualismo) tiveram pensadores dualistas. O dualismo no ocidente teve interesse dos gregos. Para Sócrates, o diálogo vivo era o que mais importava. Platão usou o dualismo em sua escrita. Seus livros foram escritos em forma de diálogos entre Sócrates e interlocutores. Platão era racionalista. Ele acreditava que razão viria de um debate de ideias, ou seja, a razão e racionalismo viriam de um dualismo. O diálogo foi a forma utilizada por Platão para registrar por escrito sua filosofia.

Ainda no dualismo, Platão repartiu a realidade em duas: a do mundo dos sentidos, onde temos apenas um conhecimento imperfeito através dos sentidos, onde tudo flui, desaparece; a do mundo das ideias onde temos um conhecimento seguro, através da razão. Platão separa de um lado aquilo que flui, é efêmero, cotidiano, e de outro lado àquilo que é eterno e imutável. Aquilo que flui é percebido pelos sentidos. O que é eterno é percebido pela razão. Ficou equivocadamente conhecido como dualista neste ponto, mas ele advogou uma alma imortal e um mundo metafísico, nossa verdadeira morada. Assim, em análise última, era mais monista que dualista.

Estudiosos atribuíram o dualismo indevidamente a outro grande pensador, René Descartes. Realmente ele estabeleceu uma nítida linha divisória entre a realidade material e espiritual. No que se refere à realidade material, era mecanicista. Mas a alma era a própria razão: Penso, logo existo. A capacidade de pensar do ser é a única certeza que temos. O pensamento existe e não pode separar do ser. Em análise última, ele também era monista, pois o “eu” pensante é mais real que o mundo físico. O verdadeiro conhecimento vem da metafísica.

O filósofo Hegel ficou conhecido com a dialética histórica. Para ele, a razão, a verdade, o conhecimento vêm do contexto histórico. Não havia verdades eternas, pois o conhecimento evoluía de geração para geração. A verdade era um processo, chamado de evolução dialética, no qual a tese é atacada pela antítese e resulta numa síntese. A tese tem prazo de validade até a nova antítese surgir. Este

dualismo histórico ou evolução busca uma espécie de monismo hegeliano, chamado geist, palavra alemã traduzida como espírito ou mente. Este dualismo inspirou a doutrina materialista dialética de Karl Marx.

Marx distorceu o dualismo de Hegel e defendia que o pensamento era ditado pelas condições materiais de vida numa sociedade. Isto determinava a evolução histórica através da tensão dos opostos. Enquanto Hegel pregava a direção da história da humanidade para “razão universal”, Marx afirmava que o cego materialismo da vida guiava nossa história. A história da luta de classes era denominada materialismo dialético. Karl pregava o fim do capitalismo, substituído pela ditadura dos trabalhadores para depois surgir o comunismo sem classes sociais. A história registrou o resultado desta teoria. O socialismo transformou velhas ditaduras em novas ditaduras.

Reforçando o dualismo político, Marx polarizou a política em direita e esquerda. Politicamente sempre teremos governo de um lado e oposição do outro, como nos EUA temos republicanos e democratas. Mesmo o pluripartidarismo, como ocorre no Brasil com dezenas de partidos políticos, temos polarizações do tipo situação e oposição. Vivemos num mundo dual. Mas sempre teremos apenas um resultado, um governo na prática.

No islamismo, o filósofo Avicena contribuiu com o dualismo, separando alma e corpo. A alma continua após a morte do corpo. Criou a parábola do homem voador para ensinar sua ideia: se eu apenas voasse, não saberia que tinha um corpo, mas ainda assim saberia que eu existo. Nossa existência era garantida pela consciência. Inspirou Descartes.

Também nas tradições orientais temos dualismos. A obra milenar dos chineses, “I Ching”, chamado de “Livro das Mutações”, trata de uma combinação de 8 trigramas e 64 hexagramas num sistema binário. Escrito em 3.000 a C, ele seria a chave do conhecimento, um sistema binário num mundo de constante transformação.

O “I Ching” costuma ser comparado com a física quântica. Esta percebeu as partículas que compõem a matéria em constante transformação. O universo não é algo estático, mas uma massa de energia em constante transformação. Bohr, um dos pais da física quântica, ajudou a derrubar a noção de leis que regem o cosmo são independentes da matéria.

O taoísmo, também originário da China, possui um dualismo e ficou pop no ocidente: Yin e Yang. O seu símbolo, igualmente pop, é um círculo dividido ao meio pelas cores branca e preta, contendo um contraponto em cada lado. Esta dualidade universal seriam as duas forças fundamentais opostas e complementares: o yin é o princípio feminino, a água, a passividade, escuridão e absorção; o yang é o princípio masculino, o fogo, a luz e atividade.

Quando comparado à física, a carga elétrica positiva seria o yang e o yin seria a carga elétrica negativa, similar aos elétrons e prótons. São os opostos que se completam, positivo não é bom ou mau, é apenas o oposto complementar de negativo. Junto a estas duas forças soma outra, o Tao. Este pode ser interpretado como o caminho de uma força criadora de todas coisas e para onde elas se destinam.

Similarmente pregamos uma força criadora (1ª premissa) de tudo e todos, um caminho através do dualismo (a evolução) para o todo ou para a força criadora (a integração). Não gostamos de ver os fatos em termos de bom ou mal, mas em termos de caminho. Temos o livre-arbítrio, escolhemos um caminho; este desemboca no todo. “Errado ou certo”, a causa e efeito ou o carma nos ensinará o caminho para o todo.

Então somos produto de um ato de vontade. Quando esta inteligência maior, este Eu-maior cria uma inteligência menor, o eu-menor, também cria a negação, o não-eu e, assim, cria o dualismo existencial. Eis a origem da negação e do dualismo universais. Eles estão intrinsecamente conectados. Por isto a negação e o dualismo são importantes para a matemática, a lógica, a linguagem, para nós e para todo conhecimento.

Várias vertentes.

Metafisicamente, a causa primeira ou criação transforma-se em duas realidades, duas existências na falta de expressão melhor: a do Criador e a da vida. Desta divisão da realidade, surge o dualismo existencial: eu e o todo, o mundo interior e exterior.

Este dualismo primário replicou em várias vertentes e em todas searas do conhecimento. O dualismo científico dividiu a realidade em sujeito (aquele que conhece) e objeto (aquilo que é conhecido). O religioso dividiu a realidade no

Criador e na criação. O filósofo dividiu a realidade no todo e nas partes, ou melhor, no micro e no macro. O dualismo artístico, no “eu” e “não-eu”.

Doutrinas metafísicas costumam pregar a existência de dois tipos de estruturas distintas: material e espiritual. A substância material é definida pela física, pode ser entendida como a realidade do mundo empírico, percebida pelos nossos sentidos e medida por instrumentos. O mundo espiritual é descrito como não-físico, não-material, chamado psicológico, mental ou espiritual. Enquanto a realidade da primeira é efêmera, a da segunda é eterna, pois ela não é submetida a trilogia física, tempo-espaco-matéria.

Em administração, este dualismo primordial também promove dualidades que resultam em organização e classificação: chefe e subordinado (hierarquia), administrador e administrado (administração), rei e súdito, governo e cidadão.

Em Direito, o ícone da balança representa o dualismo jurídico. Temos outros inúmeros dualismos como: justo e injusto, vítima e criminoso, autor e réu, recorrente e recorrido, agravante e agravado, impetrante e impetrado, agressor e agredido, entre outras inúmeras terminologias jurídicas. Em Direito Internacional, temos a doutrina dualista em oposição à doutrina monista. O dualismo jurídico defende dois sistemas autônomos e independentes. A dualista entende haver dois sistemas jurídicos (um interno e outro externo) e a monista apenas um sistema jurídico, englobando os sistemas de direito nacional e internacional.

Em contabilidade, temos o ativo e passivo e a balança (patrimonial) também parece ser um símbolo dualista para representar o equilíbrio.

Em economia, vislumbram-se dualidades da compra e venda, oferta e procura, micro e macroeconomia.

Em matemática, existem sistemas numéricos pluralistas, como o decimal e romano (por causa dos dez dedos), mas são substituídos eficazmente pelo sistema binário. O mundo digital popularizou o sistema binário. Cores, sons, mensagens, conversas, vídeos, textos, gráficos, tudo pode ser representado pelo sistema binário dos computadores.

Ainda em matemática, mas com reflexo na arquitetura, engenharia, arte, entre outras, temos a simetria, outra espécie de dualismo. Ela expõe a igualdade de lados ou a igualdade do Criador (patente, evidente) e da criatura (latente, oculta). O Eu-maior passa pelo dualismo ao criar o eu-menor. Este faz o caminho inverso,

passa pelo dualismo para chegar ao monismo de finalidade e produz uma espécie de simetria inversa.

Na arquitetura e na engenharia, precisa-se de uma relação de paridade em entre altura, largura e comprimento das partes necessárias para compor um todo. Assim a simetria é necessária para a beleza de uma construção ou para a beleza da figura humana. Ela nos mostra que sempre há dois lados iguais, apesar da simetria nem sempre ser perfeita em razão do dualismo relativo. No entanto há o dualismo eterno e perfeito de um lado e doutro seu reflexo, o Todo.

Podemos ver dualismos também no futebol. Dois times lutam pela vitória. Todos jogos de equipe tem dualismos.

Até mesmo nosso cotidiano é repleto de dualismo. Uma receita pode ter ou não ter sal. Ter ou não alho. Ter ou não ter cebola. Se tiver cebola na receita, podemos vislumbrar mais dualismo matemático na cebola. Pouca cebola ou muita cebola.

O dualismo provoca muitas complicações. Muitas questões surgem com promoção de dualismos equivocados nas searas científicas, filosóficas e religiosas: homem ou mulher, evolução ou criacionismo, determinismo ou livre-arbítrio, certo ou errado, inato ou adquirido.

O dualismo muito comum é do homem e mulher. Do ponto de vista da evolução biológica não tem sentido tal dualismo. A biologia não tem uma boa definição para a vida, mas ela tem certeza que um de seus atributos é a reprodução. Esta, de forma genérica, pode ser assexuada ou sexuada. A reprodução assexuada dispensa outro ser e tem a vantagem evolutiva da independência. A sexuada necessita de outro ser e surgiu depois da assexuada. Esta transição não faz sentido para a evolução biológica, pois dificultou a reprodução. Do ponto de vista integralista e dualista, ela faz sentido, pois integra os seres com a evolução em conjunto.

Da mesma forma, o dualismo tem outras incompreensões. Em religião, o dualismo complicou o pensamento teológico, o qual criou uma força antagônica ao Criador. Demônio, capeta, diabo, Lúcifer são algumas denominações vulgares do opositor divino. Muitas religiões têm dificuldades com o pensamento dualístico e enxergam dualismo onde não existe. Tais doutrinas não resistem a menor crítica em desfavor dos atributos divinos (bondade, perfeição, onisciência, onipresença e

onipotência). Se Deus criou tudo perfeito e ele é onisciente, onipotente e onipresente, como pôde errar na criação do mal? Se ele é onipotente por que não acaba com ele? Como pode deus estar no mal? Estes questionamentos levaram ao chamado Paradoxo de Epicuro.

As complicações teológicas com a questão do mal e da dor ocorrem com a maioria das religiões ocidentais. Elas pregam a unicidade de existência e a pós-existência da vida, mas sem a pré-existência. Uma criança que nasce com deficiência física, cega ou surda, é uma questão insolúvel com o mal gratuito dado pelo Criador. A unicidade de existência pregada pelas grandes religiões não permite tal solução. Como pode alguém, principalmente uma criança, sofrer um mal sem culpa? Não há um Deus bondoso que faria isto a suas criaturas? Este problema é aparente insolúvel. Do ponto de vista da perfeição ou cósmico, a solução só pode ter explicação com a pré-existência da alma para solucionar tal questão, resolvida facilmente pela doutrina oriental da reencarnação.

O dualismo, ainda, levou a polarizações indevidas como determinismo e livre-arbítrio, cooperação e competição, evolução e criação.

Para a ciência, o mundo é determinado em termo macrocósmico (em termos atômicos não há determinismo). Apoiada na neurociência, boa parte da ciência advoga o incompatibilismo entre livre-arbítrio e determinismo. Ao utilizar eletrodos, ressonância magnética, tomografia, eletroencefalograma, esta novata ciência mapeou o cérebro e acredita que desvendou o processador humano.

Para este pensamento, somos determinados por forças físico-químicas sem livre-arbítrio. Para eles, numa palavra, somos máquina, desprovida de alma. Este pensamento entra numa rua sem saída. Se somos máquinas sem liberdade de escolha, como responsabilizar crimes? Porque a ideia da liberdade é forte na vida da humanidade? Como a ideia de liberdade veio de fatos brutos ou do nada? Este pensamento contraria o ato de vontade da criação. A liberdade reflete este ato de vontade na criação.

Em verdade o determinismo atua apenas no efeito e não na causa, onde reina o livre-arbítrio. Convém registrar que a escolha do “mal” implica outros mecanismos cósmicos, como reaprendizado, vitimização para reconduzir o ser ao bem, ao todo. Nestes termos, temos determinismo divino, um fluxo do universo. Como a colheita é obrigatória, o ser reaprenderá ou sofrerá um processo de

vitimização e vislumbrará que colherá o mal que plantou; sua razão o reconduzirá a escolher o plantio do bem numa nova oportunidade.

Em matemática, se o resultado não veio, volta-se para reaprender as regras e equação. Em lógica, se a conclusão é falsa, volta-se para reaprender as regras e as premissas. Em gramática, se não houve a interpretação semântica, volta-se para as regras da sintaxe. No Existencialismo Metafísico, se não houve integração do ser com o todo, volta-se a um dualismo invertido do ser. Ou seja, ao invés de algoz, o ser pode voltar na condição de vítima. Assim terá um aprendizado pela dor que causou em outrem.

Outra polarização mal compreendida é a cooperação x competição. A competição é forte no início da existência. Mas a direção da vida é sem dúvida da competição para a cooperação. As guerras já foram a regra, hoje elas são as exceções.

A luta entre predadores e presas repete-se desde o início da existência da vida. Os predadores aprimoram suas estratégias de caçar, enquanto as presas precisam aprimorar suas defesas. Ambos estão presos a uma relação intensa que os forçam a mudar, pois não podem ficar em desvantagem. Os fracos morrem para os fortes sobreviverem. Essa corrida evolutiva mudou as vidas e os corpos de praticamente todos os seres que existem hoje.

Estas duas forças estão presentes também no mundo vegetal, animal e em nossas relações, conscientemente ou inconscientemente. O futebol pode representar bem essas duas forças. De um lado temos uma equipe, fundada na cooperação, doutro lado temos o time adversário para competir e lutar. Daí o fascínio das pessoas pelo futebol, pois ele representa a vida, ainda que de uma forma efêmera.

Outra grande polêmica é polarização do criacionismo x evolucionismo da religião x ciência. Mas também é indevida, pois elas são doutrinas complementares e não se excluem.

O cristianismo existe há cerca de 2.000 anos. Enraizou em todo ocidente. O evolucionismo científico existe somente há cerca de 150 anos. Muitos entendem que as duas doutrinas são excludentes, mas elas são compatíveis. A evolução não é algo estranho a Deus e ao homem que já foi um ovo, depois embrião, feto, criança e adulto. O que é isto senão evolução? Temos contradições se você explica o

criacionismo de forma fixista e em termos mitológicos do tipo que: deus fez o mundo em 6 dias; Adão e Eva foram os primeiros seres humanos e criados prontos; Noé fez uma arca e abrigou todas espécies de animais.

Apesar de um fundo de verdade em todo mito, teremos contradições do criacionismo não só contra o evolucionismo, mas também contra todas outras doutrinas religiosas, como a oriental, indígena, tribal, pois todas têm o mito da criação. Todas têm uma explicação para o início do mundo a partir de uma entidade criadora. Deus, Maomé, Jeová, Jah, Tupã, Grande Espírito e deuses africanos.

O evolucionismo esta em tudo. Até o papa Francisco defende o evolucionismo e sua compatibilidade com o criacionismo. Tudo demanda um processo. Você, caro leitor, nasceu a partir de uma célula. No processo fantástico de evolução transitou pela vida intrauterina, pela infância, adolescência, até chegar à vida adulta. A vida na Terra começou há cerca de três bilhões de anos a partir de uma célula. Sim, a vida começou de seres unicelulares, transitou pelo vegetal e animal até chegar ao homem. Para nós não há contradições e exclusões entre Criação e Evolução.

Noutro sentido, quando a ciência tenta encadear a história da vida em processos aleatórios e conclui que o universo fora feito per si, do Nada, teremos contradições e exclusões. Forças cegas moveriam o universo. Dizer que o universo e a vida é produto do Nada não faz sentido. Como o Nada pode produzir a evolução?

A evolução não é uma força cega, uma luta pela vida. Se a vida e o universo não têm propósito, a moral acaba. Pois se deve viver intensamente e crimes e paixões são justificados se o universo não tem propósito. Hitler está justificado. Pedofilia está justificada num universo sem propósito.

A evolução visa à Integração e não adaptação ou luta pela sobrevivência, como pensam alguns evolucionistas. A adaptação e a sobrevivência são forças evolutivas assim como as necessidades e o trabalho. Mas a evolução supera os dualismos provisórios para chegar ao integralismo. A evolução é uma força metafísica rumo à união do todo. O criacionismo de forma fixista e estática não vê o dualismo efêmero em movimento. Assim não enxergam a evolução.

Estudiosos costumam atribuir à matemática a característica da evolução. Mas na verdade, a matemática é apenas descoberta, pois ela é atemporal. Agora se descobrir é evoluir, tal característica faz sentido.

As polarizações efêmeras e o evolucionismo inspiraram o realismo, o mais forte, a seleção natural. Inspirou também doutrinas nefastas de filósofos, como Maquiavel, Sartre, Nietzsche, e inspiraram má interpretação da evolução de Darwin. O realismo é materialista, empírico, fatalista, cético, pessimista, sensacionalista, atribuindo todo conhecimento a sensação.

As ciências não explicam o porquê dos dualismos ou os atribuem a fatos brutos como a Natureza, o Acaso, a Sorte, a Coincidência. Estes deuses da ciência reduzem tudo a causas físicas. O reducionismo minimiza nossa personalidade a causas cerebrais. Todavia a evolução superará o dualismo efêmero, as contradições, a dor, as guerras. O dualismo pedagógico está na natureza para educar o homem. Como saber o que é a paz sem a guerra, a cura sem a dor?

Porém não se pode eternizar guerras, injustiças e a dor. Para atravessar o dualismo efêmero, o certo e o errado, o justo e o injusto, a paz e a guerra, temos a Evolução rumo a Integração. Todos os outros dualismos serão também diluídos com a evolução. O dualismo efêmero tem função pedagógica. Ele filtra o ser para a integração. O dualismo eterno é a separação “eu” do todo, pois não perdemos nossa identidade e a diversidade (pluralismo) não deixa de existir.

Vale ainda dizer, a vida numa única existência não é suficiente para diluir os muitos dualismos efêmeros. Existência única também seria incompleta e injusta para muitos que não tiveram oportunidade. Somente com a pluralidade de existências físicas poderemos ter justiça e plenitude. Tal alternância, física e metafísica, permite aprendizado por longas existências. Assim, do ponto de vista cósmico, da causa e efeito, do carma, seria uma sublime justiça uma “criança” nascer deficiente, em virtude de erros graves em outras existências nas quais infringiu direitos alheios. Esta deficiência funciona pedagogicamente.

Então a pluralidade de existências soluciona a questão do livre-arbítrio, a questão da dor, concordando com a sabedoria bíblica: Você colhe o que você planta. Plante arroz e colha arroz. Plante o bem e colha o bem. Plante o mal e colha o mal. A semeadura é livre, mas a colheita é obrigatória. Assim a dor funciona de

forma pedagógica. Aprendemos com o mal. Veja que a evolução passa pelo dualismo, bem e mal.

O Criador de um lado e a diversidade de existência de outro. O dualismo efêmero é onipresente e reflete esta divisão primária da realidade, do dualismo absoluto. Criação e Criador nos leva a ideia de hierarquia. Por isto nos temos pais, chefes, diretores, governadores, reis, presidentes. Esta hierarquia onipresente na humanidade reflete a hierarquia primária. Eu-maior e eus menores.

Este dualismo faz coro com outros: dia e noite, sujeito e objeto, subjetivo e objetivo, gosto e não gosto; rico e pobre; preto e branco; bonito e feio; inteligente e ignorante, médico e paciente. Podemos encher folhas e folhas de dualismo. Ainda vivemos dualismos efêmeros que desenvolvem as ideias primárias de beleza, justiça, liberdade, causa e efeito, hierarquia, igualdade.

Vale ressaltar, a evolução passa pelo dualismo e tem um propósito. Tudo isto tem uma direção e a evolução ocorre com todos, individualmente e coletivamente. Este mecanismo nos direciona ao monismo de finalidade, alvo do próximo capítulo.

13 – Monismo

A matemática tem um pluralismo infinito de números. Eles interagem entre si ao passar dualismo equacional. Depois de passar por este dualismo, chega-se a um resultado matematicamente falando. O dualismo leva os números à integração, um monismo metafisicamente afirmando.

A lógica tem diversidade de premissas e elas em suas interações passam pelo dualismo lógico. Este dualismo nos leva a conclusão, logicamente falando. Ou nos leva a integração, um monismo metafisicamente asseverando.

A linguagem possui uma infinidade de palavras e estas interagem ao passar por dualismos. Este dualismo nos leva ao sentido, à interpretação, linguisticamente falando. O dualismo nos leva a integração, um monismo metafisicamente falando.

A diversidade da vida interage e nesta interação também passa por dualismos efêmeros como é ou não é, certo ou errado, justo ou injusto. Estes

dualismos nos leva a integração. Uma espécie de monismo de finalidade metafisicamente dizendo.

Como demonstrado anteriormente, a simples divisão Criador-Criação gerou as diversas formas de pensamento. Desta causa primeira, partem os sistemas de pensamento numéricos. Estes adotam ora a percepção pluralista, ora dualista, ora monista.

De forma simples, monismo é a doutrina da unidade. Tudo é um. Não há mais dúvida da origem única da vida e do universo. A origem única já é uma espécie de monismo. Tudo tem origem única. Assim tudo é regido por um princípio único. Esta é a causa, cujo efeito é a integração plena do todo. O monismo filosófico busca unidade em seu sistema. Podem ser de substância (energia), de origem das leis (Deus), de forma (geometria).

Há até uma piada judaica que exemplifica o monismo com humor. Historicamente haveria 5 monistas judeus que tentavam definir o mundo: para Moisés, tudo é a lei; para Jesus, tudo é amor; para Marx, tudo é dinheiro; para Freud, tudo é sexo; para Einstein, tudo é relativo.

Alguns pensadores vêm o monismo em oposição ao dualismo e ao pluralismo. Como o dualismo que admite a existência de duas entidades independentes na criação (espírito e matéria). O pluralismo adota a diversidade de fundamentos e de substâncias para se explicar o universo.

Monismo não se opõe ao dualismo e ao pluralismo, apesar de reduzir as relações a um princípio único que tudo explica. Como já dito, não vemos oposição em tais sistemas, desde que sejam perspectivas didáticas e visem à explicação da realidade. No ato da criação há um tipo eterno de monismo, outro de dualismo e outro de pluralismo. Temos um dualismo absoluto quando a realidade é dividida em duas, de um lado o Criador e do outro a criatura também eterna.

Enquanto o monismo existencial relaciona com a origem e a finalidade da existência, o dualismo eterno conecta com a divisão da realidade e a negação. O pluralismo absoluto funda-se no conteúdo.

O universo originou-se de um princípio único, um monismo. Ao dividir a realidade, o criador passa pelo dualismo. Em caminho inverso, cada entidade do pluralismo passa pelo dualismo. Tais entidades passam pelo dualismo para chegar à integração, ao monismo de finalidade.

Desta premissa absoluta surgem diversas teorias monistas efêmeras e efeitos práticos. Rumamos à finalidade única, à integralidade. Um aperto de mão, o sexo, um abraço, um beijo, os neurônios, a linguagem, as redes sociais e neurais, as redes de computadores são sinais claros de atividades em direção à integração, ao monismo de finalidade. A evolução vai mostrando a integração da criação de tudo e de todos. O caráter e a moral vão desenvolvendo a integração das pessoas e o conhecimento vai integrando as pessoas às coisas.

Há vários monismos: tudo é números, ou lei, ou forma, ou substância, ou tem a mesma origem ou finalidade. Existem até mesmo monismos materialistas que reduzem a mente ao cérebro. Mas todos são inspiração da origem única da criação e da direção única (a integração com o todo), depois de passar pelo dualismo provisório e pedagógico.

Do ponto de vista da substância, o monismo pode ser materialista ou idealista. Estas duas vertentes demonstram nítida oposição. O monismo materialista reduz tudo à matéria, enquanto o monismo idealista reduz tudo à alma. Para o primeiro, a vida e a consciência se tratam de fenômenos físico-químicos, enquanto para o monismo idealista a vida se trata de algo metafísico, além da matéria.

O monismo também produz confusões. A doutrina panteísta, Deus é tudo, produziu uma percepção da presença divina no cerne de tudo o que existe. Os problemas do panteísmo é identificar o infinito com a soma dos finitos e a dissolução da alma no todo após a vida.

A doutrina panteísta pura é difícil de defender. Para eliminar tal problema, criaram a expressão Pananteísmo. Significa Deus está em tudo, e ainda continua acima de tudo e além de tudo. Este foi um esforço de produzir um conceito mais elaborado de panteísmo. Realmente, a destruição da identidade e sua dissolução no todo são inconcebíveis. O ser leva uma enorme quantidade de tempo para ter sua identidade para depois ela ser dissolvida? Não há razão para isto.

A identidade e a negação surgem com o ato de criação. Ela se desenvolve em direção do todo. Para isto, existem muitas forças monistas e integradoras: a família, a escola, a igreja, amigos. Porém o maior agente integrador é o estado.

Uma nação é uma comunidade estável, constituída por um agregado de indivíduos com base num território, numa língua e com aspirações materiais e

espirituais comuns. O Direito dá estabilidade à nação. O Direito, sistema integrado de leis, tem uma lei superior. Constituição, Carta Magna, Lei Maior são vários nomes para o principal código de leis de um país. De um lado temos o indivíduo, doutro temos o Estado. Filosoficamente o micro e o macro, leis que de um lado protegem o indivíduo e que doutro defendem o todo.

Tal Constituição garante de um lado os direitos fundamentais e humanos como a vida, a integridade física, a liberdade, a igualdade e doutro lado os direitos sociais como segurança, educação, saúde, trabalho, meio ambiente, paz, para integrar a todos. De um lado, tais direitos visam proteger a identidade, a individualidade do ser e, doutro lado, visam promover a integração do indivíduo com o todo.

A história do Direito é a história da luta do bem comum e pelo bem individual. Vale dizer, a luta pelo todo como a justiça e pelas pessoas como os direitos a liberdade, igualdade.

A política internacional visa uma integração maior dos países deste planeta. Questões de violência, saúde, meio ambiente não devem ser combatidas isoladamente, mas sim em todo orbe sob pena de espalharem a outros lugares.

História.

Há muitos monismos na história. Religiões, ciências, filosofias e artes também têm doutrinas, artistas e pensadores monistas. Encontram-se concepções monistas na filosofia hindu, no pensamento chinês, na filosofia grega e até os dias de hoje. Vamos citar alguns para ilustrar o quanto é comum o pensamento monista.

O monismo é muito forte nas religiões orientais que têm uma forte proximidade de deus (es). Ao contrário para as religiões de origem hebraica (judaísmo, cristianismo, islamismo), Deus está muito além e muito acima deste mundo. No budismo, hinduísmo e na religião chinesa, há uma fusão com Deus, o espírito cósmico. “Namastê” é uma saudação comum na Ásia que afirma a existência de deuses dentro das pessoas: “o deus que habita no meu coração, saúda o deus que habita no seu coração”. O objetivo da vida seria purificar a alma pelo processo de transmigração dela. Religião, cultura e filosofia se misturam no oriente como um grande monismo.

O taoísmo, antiga cultura chinesa, acredita numa fonte ou força motriz de tudo. Para atravessar a dualidade oposta (yin e yang), usamos o Tao (o caminho), voltando para a força criadora de todas coisas. Neste aspecto, vislumbra-se similaridade com nosso sistema filosófico. O taoísmo prega uma fonte criadora de tudo (a Criação), mas a existência tem que passar pelo dualismo yin- yang. Para isto, eles usam o Tao (a Evolução) e voltam à fonte criadora (a Integração).

Os Vedas, antigas escrituras da Índia, interpretam que Brahma (o deus criador da trindade de deuses indiana) é tudo, substância das almas e do universo.

Na filosofia grega, o monismo invadia o pensamento dos principais filósofos. Eles tentavam compreender a diversidade de todas as coisas a partir de uma única matéria-prima. Na busca pela substância fundamental, alguns acreditavam que era água, outros o ar, outros a terra, outros o fogo. Estes pensamentos juntos ficaram conhecidos como os 4 elementos. Houve quem acreditasse que as misturas dos 4 elementos explicasse a diversidade do mundo, dando um toque pluralista ao pensamento monista.

O filósofo grego Heráclito confiava numa razão universal, ou lei universal para todos, chamada por ele de logos ou Deus. A natureza e suas transformações eram uma unidade. Empédocles chamava de inteligência a força responsável pela ordem e pela criação de tudo. Pitágoras, diferentemente, tinha um monismo matemático. Tudo são números. Ele conseguiu estabelecer uma relação matemática até com a música.

O grego materialista Demócrito inovou com o monismo atomista, base da realidade física. Deu nome de átomo para as menores partículas da matéria. O átomo seria invisível, imutável e eterno, pois não poderia ter vindo do nada e em nada se transformar. Ele não acreditava numa inteligência que pudesse intervir no processo natural. Não acreditava no acaso, mas sim nas leis inalteráveis da natureza. Hoje se sabe que o átomo é divisível, pois tem partículas menores.

Em Atenas, por volta de 300 a C, surgiram os estoicos e também pregavam a origem das pessoas por uma razão universal. As pessoas seriam um mundo encurtado, um microcosmo, espelho do macrocosmo. Assim não teria diferenças entre o indivíduo e o universo. Neste sentido, nosso sistema filosófico advoga uma igualdade entre o indivíduo e o universo, o eu-menor e o Eu-maior. Simetricamente ambos passam pelo dualismo existencial.

Plotino, o sucessor do idealismo platônico, defendeu o monismo idealista. Este filósofo egípcio viveu entre os anos 205 e 270 d.C. e desenvolveu a escola denominada neoplatonismo. Esta defendia ser a realidade última (ou primeira) do universo a inteligência pura, incognoscível, infinita e perfeita da qual tudo derivava. Plotino utilizou do mesmo termo apregoado por Anaxágoras, “noûs”, como a essência universal consubstanciada no Uno para compor o seu monismo idealista. No período medieval, Plotino foi seguido por outros pensadores, especialmente Santo Agostinho. Este pregou a trindade da igreja, através da qual o Uno se consubstanciava no Todo.

O holandês Baruch Spinoza, filósofo monista por excelência, advogava a existência de uma única substância da qual tudo o mais são modos. Para ele, espírito e corpo são atributos da substância divina, sendo Deus e a natureza a mesma coisa. Spinoza era crítico do biblismo e contestava a autoria divina da Bíblia. Foi o primeiro a aplicar a interpretação histórico-crítica da Bíblia. Era o contexto da época da escrita bíblica a ser analisado e não as palavras bíblicas descontextualizadas. Sob o prisma da eternidade, Spinoza fundamentou sua filosofia. Deus e a sua criação são iguais. Tudo é um.

Para o filósofo Hegel, a verdade é um processo que passa pelo dualismo para chegar a um monismo efêmero. A tese e antítese é um dualismo que busca a verdade até chegar à síntese. Esta vira tese até tornar-se uma nova antítese e, em seguida, uma nova síntese. Esta concatenação de pensamentos, Hegel chamava de evolução dialética. Mas esta evolução não era força cega. Ela ia à direção do espírito universal ou razão universal, uma força que impele a história para frente. Como isto, ele aproximou do nosso monismo de finalidade.

Depois do Renascimento, o italiano Giordano Bruno pregou um monismo religioso. Deus seria a suprema unidade de todas as coisas e se confundia com a natureza. Foi queimado por seu pensamento monista.

No século XX, inspirados no pensamento evolucionista de Darwin (a luta pela vida), pensadores sem a noção do Tao, sem a visão da integração, tentaram explicar a vida, a consciência e o universo segundo um monismo materialista.

Ernst Haeckel, biólogo alemão, com um monismo biológico explicou a vida, o universo e a própria consciência a partir da evolução de Darwin. Há uma certa beleza em parte de seu pensamento mecanicista. Ele buscou um princípio

unificador para reger a evolução, chamado lei biogenética. Segundo este princípio, cada animal percorre, a partir da fase embrionária, todas as etapas evolutivas que o levaram a ocupar o seu lugar na ordem natural. Na embriogênese, nosso corpo reprisa a evolução de toda a vida neste planeta, passando pelos traços dos peixes, répteis, aves, mamíferos até a forma atual do homem.

A ontogenia é o desenvolvimento embrionário individual e a filogenia é a desenvolvimento evolutivo da origem das espécies. Tal ideia foi adotada pelo pensamento espiritualista moderno. Alguns pensadores espiritualistas uniram a lei biogenética de Haeckel com a reencarnação. Tentaram unificar a evolução biológica com o espiritualismo e adotaram o princípio espiritual como a unidade da vida. No livro “O Sistema”, Pietro Ubaldi defendeu o telefinalismo da evolução e das mutações genéticas, antes consideradas acaso pela ciência, agora um evolucionismo espiritualista.

O filósofo francês, Henri Bergson, outro evolucionista espiritualista, em sua obra “A Evolução Criadora” criticou o cego mecanismo de luta pela vida de Darwin. A vida não é uma máquina biológica e tem um propósito em tudo.

No século passado e no atual, um monismo quântico busca uma integração da física relativista à física quântica com a moderna teoria das cordas. Esta busca pela grande teoria unificada da ciência de nossos dias procura por um monismo substancial que satisfaça o natural anseio humano por unicidade.

Esta aspiração monista sempre moveu não só os pensadores, mas também os artistas de todas as épocas, demonstrando-nos que a unidade é um modelo divino que impera em toda a criação.

Desde a inicial arte rupestre, a transcendência sempre foi um aspecto artístico. Apesar de modernamente os ricos comprarem pinturas para preencherem o vazio de suas vidas, ou o vazio de suas paredes, a arte ainda trás este espiritualismo.

Na arte, temos vários fragmentos monistas. A música Gitã, composição de Paulo Coelho e Raul Seixas, foi inspirada em textos sagrados monistas do hinduísmo. Uma bela fusão de arte ocidental e filosofia oriental.

Teleologia: Integração como Força.

Muitas doutrinas religiosas e filosóficas debruçaram sobre a teleologia, objetivo último da existência. Elas buscam a finalidade da vida, pois tudo tem um fim ou propósito para o qual foi criado. Numa analogia barata, temos um exemplo: o homem, antes mesmo de produzir um sapato, sabe que é para calçar o pé. Este é o objetivo da criação do sapato. Da mesma forma, a vida e o universo tem uma finalidade. Nós advogamos que esta causa final é a Integração de tudo e de todos.

O Criador, um monista por assim dizer, passa pelo dualismo com a criação de cada entidade do pluralismo. Inversamente, cada entidade do pluralismo passa pelo dualismo para chegar à integração, ao monismo novamente. Então temos a 1ª premissa: somos frutos da Criação, de um ato inteligente, de uma vontade; esta Criação foi pluralista. A 2ª premissa também vem desta divisão. No ato da Criação, a realidade é dividida, o Criador divide sua realidade com seu ato. Este dualismo absoluto replica em dualismos efêmeros, reproduz simetrias e explica aparentes contradições existentes. Estas distorções não são eternas e a Evolução (2ª premissa) irá diluí-las rumo a uma Integração plena, nossa 3ª premissa. A Integração é a última instância da evolução, da causa e efeito, ou do carma, como quiserem.

Tudo parece rumar a Integração do todo. Um aperto de mão, um abraço, um beijo, o sexo, as redes sociais, a família, a escola, a igreja, o estado, os movimentos pacifistas e até mesmo as guerras. Pode soar estranho, mas as guerras? Vamos refletir. Historicamente as guerras existem desde a formação tribal da humanidade. Uma tribo guerreava com outra tribo vizinha e as unificava. A vencedora submetia a outra, incorporava o melhor dela, seja a cultura, seja a tecnologia. Estas guerras desenvolveram as tribos até chegar às grandes civilizações. Estas guerreavam e fizeram impérios. Sem as guerras para integrar o homem, seríamos seres tribais até os dias de hoje.

Exemplo de demonstração de integração de cultura pela guerra: hoje, os brasileiros falam o português, cuja origem vem da língua latina, originada há mais de 2 mil anos, transmitida pelos soldados do império romano. O império romano guerreou com inúmeros povos da península ibérica. O latim virou português. Portugal submeteu o Brasil que passou a ter língua portuguesa como oficial. Quando houve invasão portuguesa na América, nossos índios eram ágrafos (sem escrita). Se não fossem os portugueses, nossos índios não teriam a escrita ainda.

Se não fossem as guerras, seríamos ainda seres tribais, muito provavelmente sem o alfabeto, sem a escrita, sem a tecnologia moderna. Para ilustrar ainda mais, a internet e os computadores são produtos da guerra. As guerras tiveram suas razões de existir. Hoje elas perderam por completo sua razão de existir. A tecnologia e a integração do homem seguem caminhos próprios sem necessidade de guerras. A cooperação supera gradativamente a competição.

Voltemos à teleologia. Criação foi um ato de vontade e pluralista quanto à obra. O dualismo pedagógico filtra as criaturas até chegar a Integração. Daí surgem todas doutrinas idealistas. As religiões ocidentais chamam a ideia de Integração de “religare”; palavra latina de origem da palavra religião e significa religar ao criador. As ideias unicistas sempre ventilaram as concepções humanas e são encontradas em todas as épocas do desenvolvimento de nossa história.

Na filosofia, vários pensadores elaboraram suas teleologias. Aristóteles elaborou as quatro causas, já citadas nesta obra. A última causa trata da finalidade das coisas, da vida e do cosmo. Hegel defendia que o processo histórico rumo a uma finalidade de realização plena do espírito humano.

Leibniz elaborou o princípio de razão suficiente, segundo o qual tudo o que acontece tem uma razão suficiente para ser de uma forma e não de outra. Tudo tem uma auto-explicação, autossuficiente. Leibniz afirmou que toda mente é uma mônada e contém uma representação completa do universo. As partes vão agregando ao todo cada vez maiores. O ser nasce numa família, depois vai para escola e toma consciência de grupos maiores. Morador de uma cidade, contida em um estado, contido em um país num planeta globalizado.

Na filosofia oriental, Sidarta Gautama, o Buda, alegava que o sofrimento tinha origem no desejo das coisas materiais. Somente o desapego delas levava a pessoa para o todo e se tornaria uno com o eterno. Você se integra ao todo, mas não se dissolve no todo. Para Buda, não há um “eu” que não faça parte do todo, o “não-eu”.

Na política, sob a ótica integralista fica fácil entender o comunismo. Valor universal como a igualdade fica fácil de gostar. A evolução também ocorre em grupo, pois a política visa o bem comum. Ou seja, o todo integralista. A igualdade é uma virtude suprema. O comunismo e o socialismo vislumbram este ideal e romantizam as pessoas e os intelectuais. Porém a disputa pelo poder efêmero

desvirtua seu objetivo. A ideologia marxista busca o poder, custe o que custar, e atinge outra virtude suprema. A liberdade.

A ditadura proletária não faz sentido hoje. Marx nem sequer imaginou a automação da indústria, os trabalhadores informais, os freelancers, empreendedorismo dos pequenos, profissionais liberais e nem outras complicações econômicas. Mas sem dúvida a doutrina marxista fez um contraponto ao capitalismo. O que é positivo, pois o liberalismo extremo prejudica o todo.

O monismo como força gera muitos princípios econômicos e políticos: democracia, comunismo, socialismo, globalização. A globalização e a internet são integralistas. Em nível de planeta, temos ainda blocos econômicos, organismos internacionais, entre eles a ONU que visam uma integração ainda que de forma limitada.

Em religião e moral, temos forças integralistas que produzem sentimentos como a solidariedade, a fraternidade, a bondade, o amor, o perdão, a amizade, a caridade.

No cotidiano humano, temos integrações com saudações e gentilezas diversas como bom dia, boa noite, obrigado, com licença, desculpe, entre outras. Existem diversos comportamentos do homem que demonstram a busca da integração. Abraço, beijo, aperto de mão, sexo, casamento, amizade.

Em literatura, os livros infantis têm muitos personagens e começam com “era uma vez”. Surge o drama dualístico e o bem vence o mal. E os heróis vivem felizes para sempre, em integração plena. A literatura (contos e romance) tem uma pluralidade de personagens e sempre leva o enredo a um dualismo, pois o personagem, e também a humanidade, vivem em conflito existencial. Os conflitos podem ser de interesses entre personagens e o mundo. Num primeiro momento, entre o eu e os outros, no segundo, existencial. Os conflitos humanos até a solução da questão existencial movem o homem no tempo e no espaço.

Percebamos uma sintonia com nosso sistema filosófico. A literatura, o teatro e o cinema possuem um autor (criador) que cria muitos personagens (pluralismo); um protagonista com o qual o leitor ou telespectador se identifica (o eu dentro do todo) passa por um conflito (dualismo) entre o bem e o mal para chegar a um resultado, a integração com o todo (monismo). Por isto, as artes narrativas atraem

as pessoas. Tais artes representam a vida. Elas são um microcosmo e o nosso sistema filosófico um macrocosmo. Esta visão pode ser percebida em todas as aéreas do conhecimento e da existência.

Empresarialmente e teleologicamente, as companhias visam unidade, o bem comum da empresa e de seus trabalhadores. Um pluralismo de proprietários e empregados passam por dualismos (trabalho e salário, ativo e passivo, receita e despesa, prestação e contraprestação) até chegar a um resultado, o bem da empresa. Em análise última, é o bem de todos, proprietários e empregados.

Uma cidade tem muitos cidadãos e o governo dela visa à integração de seus moradores. O bem da cidade acaba sendo o bem de todos. Da mesma forma, um país. O bem coletivo atravessa dualismos (situação e oposição, governo e cidadãos) para o bem comum.

Além do dualismo no futebol, podemos vislumbrar o monismo e o pluralismo nele. Não só no futebol, como todos os jogos em geral. Temos um público inumerável, *in loco* e *on line*, vários atletas, dois times e um resultado.

Padronização, unificação, monismo são outras palavras para a Integração. Sem as forças monistas, a luta cega de Darwin levaria a extinção de tudo. As espécies viveriam em luta permanente para sobreviverem até a eliminação total das outras pela mais forte e, assim, a eliminação de si mesma. Ao redor da vida, tudo seria uma guerra civil, contra os outros e contra as adversidades.

Com base nesta interpretação equivocada da evolução, muitos filósofos e pensadores advogam a necessidade de força e não de humildade, de orgulho e de altruísmo. Assim, igualdade e democracia seriam contra a natureza, contra a seleção natural. Precisaríamos do poder e não da justiça, do gênio e não das massas.

É preciso lembrar, a Integração com o todo não significa o fim da existência ou a dissolução no todo. Nosso “eu” é o menor monismo. O todo é o maior monismo. Entre estes dois monismos, temos outros monismos efêmeros. Uma família, uma escola, uma cidade. Não se perde a identidade diante de outros monismos. Entretanto se um membro da família, da escola, da cidade não se integrar ao todo, este fica prejudicado. Um membro da família, usuário de drogas, prejudica toda a família. Um criminoso cruel pode prejudicar toda uma cidade.

No mesmo sentido, uma peça quebrada do automóvel pode prejudicar o veículo por inteiro. Um órgão doente do corpo humano pode prejudicar todo o corpo. O perfeito funcionamento de todos os órgãos do corpo humano tem o nome de homeostase na medicina. O perfeito ajuste de todas as peças de uma máquina tem o nome de sinergia. Igualmente a evolução tem que ser coletiva rumo à integração. O eu-menor depende do eu-coletivo.

A integração com o todo significa o fim do dualismo pedagógico. Tal dualismo levou as religiões a doutrinar um opositor ao Criador: satã, demônio, capeta são denominações vulgares, opositores ao Criador. Em verdade o mal é apenas pedagógico. É um fluxo contrário ao universo, mas o mecanismo cósmico da causa e efeito levará seus infratores a voltarem ao fluxo da integração. Os infratores deverão passar por reaprendizagem que pode ser um processo de vitimização. As forças monistas como o direito, a moral e as religiões regulam todo comportamento e podem ajudar o infrator a voltar em direção a Integração.

Para exemplificar a questão do todo e da parte, façamos uma analogia para vislumbrar a ideia. Imagine um palco enorme, com luzes, sons e uma banda. Imagine todos em cartasse cantando com o vocalista. Aí nós temos uma perfeita integração, mas cada um com sua individualidade sem dissolvê-la no todo. Da mesma forma, podemos ver diariamente um pastor ou padre em uma palestra, ou em uma oração, em que todos comungam do mesmo espírito. Assim, só há um espírito ali. O mesmo ocorre com o discurso de político ou a aula de um professor, um filme ou teatro.

Mas ainda vale ressaltar, sem a preexistência da alma, sem a pluralidade de existências, fica difícil pregar a Integração plena do ser e do todo. A negação da preexistência do espírito, a negação do passado deixa o mundo ininteligível. O sentido da vida é a Integração de tudo (passado, presente e futuro) e de todos, através de inter-relação com o próximo e do estudo das ciências fisicalistas.

Para o Existencialismo Metafísico, a criação de tudo evolui no dualismo para chegar à integração, o monismo de finalidade. Enfim, tudo visa uma unificação de espírito dentro da diversidade.

14 - Linguagem, Lógica, Matemática e Existencialismo Metafísico.

Como exposto ao longo da obra, a matemática, a lógica, a linguagem e nós, seres humanos, temos uma origem e finalidade comum (monismo), estrutura comum (entidades em interações), fluxo comum (somos monistas, viemos do monismo, passamos por regras integralistas e pelo dualismo para voltar ao monismo) e atributos comuns como abstração, negação, evolução e abertura.

A base do pensamento são conceitos (objetos e ideias) e suas interações. Os conceitos estão conectados em rede e interagem entre si como uma rede neural. Esta rede biológica trabalha com neurônios e suas conexões. O homem criou redes neurais na ciência da computação. As redes artificiais têm modelo matemático, inspirado nas redes naturais, e permite o aprendizado pelas máquinas. As redes de computadores são outro exemplo pertinente de entidades em interações.

Então nós temos padrões naturais e artificiais de entidades em interações. A gramática, a lógica, a programação seriam padrões artificiais, enquanto a matemática e as redes neurais biológicas seriam padrões naturais.

A base da gramática é o vocabulário e a sintaxe. Esta é regras que regulam as interações, enquanto o vocabulário trabalha a conceituação de pessoas, objetos, ideias. A sintaxe trata da inter-relação destes conceitos. Regras de ordem direta da frase, concordâncias nominais e verbais, concordâncias de gênero, número e grau, regências verbais entre outras regulam as interações das palavras e promovem o sentido da comunicação. Se a comunicação não tiver sentido, não puder ser interpretada, volta-se ao reaprendizado, às regras.

Igualmente a matemática funciona com números e suas conexões. Todos os ramos da matemática trabalham com interações de números, até mesmo o estudo da geometria que tem que quantificar lados de figuras, ângulos, raios e diâmetros de círculos, entre outros. As equações produzem um dualismo com o símbolo (=) e se ao final surgir o símbolo-ideia ($\neq$), volta-se as regras matemáticas, volta-se ao reaprendizado.

A lógica trabalha proposições e suas interações. Este processo leva a uma inferência verdadeira. Premissas verdadeiras conduzem uma conclusão verdadeira. A lógica trabalha similar a matemática que têm números em

interações. Depois de conceituados, as interações entre palavras, conceitos e números são lógicas. Se a conclusão for falsa, volta-se a reflexão das premissas para integrá-las a conclusão.

Igualmente, a nossa realidade são os seres humanos estão em permanentes interações. Estas interações visam ao bem comum, visam à integração. Se alguém contraria este fluxo cósmico, ele terá que reaprender, será advertido ou punido pela lei humana. O infrator pode até menosprezar e fugir das leis humanas, mas a lei de causa e efeito é uma lei universal e o infrator será submetido a um reaprendizado ou mesmo uma lei do carma.

Em dissertações e pesquisas, nós observamos um objeto a ser estudado. Depois conceituamos e delimitamos tal objeto a ser estudado dentre vários. Aprofundamos a pesquisa com a origem do conceito do objeto, sua etimologia, sua história. Depois de esgotado as delimitações do objeto, passamos a interação dele conceitos similares e com o mundo. Analogias, comparações, diferenciações, análises, sínteses, hipóteses, inferências, refutações são algumas técnicas da ciência e da filosofia que visam descrever a interação do conceito com outros conceitos e o mundo.

A negação vai ajudar a delimitar este objeto de estudo e conceitos correlatos a ele. A negação é um atributo relevante na matemática, na lógica, na linguagem e em nossa realidade. A negação tem a função de identificar e diferenciar palavras, conceitos, números e seres.

Na programação, a lógica é um dado vital que trabalha com os valores verdadeiro e o falso. Pau é pau (afirmação verdadeira). Pau não é pedra (afirmação verdadeira). Pau é pedra (afirmação falsa). O universo computacional também convive com outro dualismo que tem a negação. O sistema digital trabalha com o sistema binário "0" e "1". Na computação, o zero significa ausência de corrente elétrica e o um significa presença de corrente elétrica. Mas também poderia ser uma pedra e ausência de uma pedra, um ovo, ausência de um ovo. Vale dizer, de um lado temos algo, doutro lado a negação de algo.

Lógica e informática estão conectadas com a matemática. Esta também possui um sistema de negação. Três não é igual a quatro. Em matemática, $3 \neq 4$. Em teoria dos conjuntos, $3 \notin B$, sendo B = conjunto de números pares. Notem que a negação em matemática serve para a identificação do número, conforme o uso do

sinal $\neq$. Também serve para classificação, conforme o sinal ζ . Então temos em primeiro lugar a separação de um número dentro do todo. Num segundo momento, temos a participação de um número individualizado dentro de grupos.

Esta ideia matemática permite uma analogia com a lógica e com a linguística. Vejamos o exemplo clássico da lógica. Todo homem é mortal (classificação, grupo). Sócrates é homem (individualização dentro do grupo). Logo Sócrates é mortal (conclusão lógica). Em linguagem, quando se define o nome Sócrates para um homem, ele passa a exercer relações lógicas para com o mundo. Sócrates é Sócrates e não Platão.

Uma visão para a questão Shakespeariana (ser ou não-ser) é a relevância da individualização dentro do todo. Individualizou José, este não é João, não é Maria, não é mais ninguém dentro do todo. A identificação nos leva a classificação. Como sintetizar as semelhanças e as diferenças dentro do grupo. Semelhanças levam a essência ao coletivo, enquanto as diferenças nos levam a individualização. Sócrates tem 2 braços, duas pernas, uma cabeça pensante que o leva ao grupo dos homens. As diferenças levam a individualização, como a cor da pele, sua digital, sua íris e seu pensamento único. Semelhantemente somos iguais. Contudo diferentemente, somos individualizados.

A importância da individualização e, conseqüentemente, a negação permeia todo conhecimento. A identificação das pessoas, das palavras, dos números gera uma interação lógica com seus respectivos grupos conforme foi advogado. Da mesma forma, a identificação de objetos e ideias tem sua relevância e eles interagem com grupos de objetos e ideias pertinentes. Individualizou algo, cria-se a negação e as diferenças, mas ele interage com um todo onde atuam as semelhanças.

A negação é uma abstração, pois existe apenas na mente humana. Números, palavras e conceitos são convenções abstratas. Eles também não existem na natureza, existem na mente humana. Nós podemos usar os números para contar os dedos, as estrelas, grãos de areia. Os números não estão nos dedos, nem nas estrelas e nem na praia. Eles estão na mente humana.

A palavra cadeira não é o objeto em si, a “cadeira” que realmente sentamos, mas apenas sua representação. Esta palavra é apenas uma abstração e pode significar outras coisas como uma carreira acadêmica, um encosto. Os conceitos

são a tentativa de identificar um objeto ou ideia, delimitá-los. Isto é outra abstração humana. Neste sentido, lógica, língua e matemática se cruzam.

Igualmente estas abstrações, os seres humanos são abstrações, melhor, são seres metafísicos. O nome Sócrates é uma abstração que identifica o personagem da Grécia antiga. Mas se considerarmos a pluralidade de existências e nossa eternidade, aquela entidade de nome Sócrates deve ter mudado de nomes várias vezes, inclusive com nomes femininos.

As interações entre números, palavras, conceitos seguem determinadas regras e assim uma abertura sem fim. Estabelecida uma regra ela permite abertura para um sem fim de equações, frases, sistemas. Estabelecido a ordem direta das palavras - primeiro sujeito, depois verbo, em seguida objeto - tem-se uma infinidade de frases. A equação do triângulo reto de Pitágoras, $a^2 + b^2 = c^2$ permite ter uma infinidade de triângulos. Igualmente as poucas premissas de nosso sistema filosófico permitem submeter um sem fim de ciências, religiões, filosofias e artes.

Nosso sistema defende a ideia do livre-arbítrio e uma abertura para nosso comportamento perante os incontáveis dualismos efêmeros. Esta abertura atua no processo de livre escolha. Aqui temos liberdade, mas com tomada a decisão o efeito é determinístico.

Além desta abertura, os estudiosos costumam atribuir a evolução como uma característica em comum entre a linguagem, a lógica e a matemática. Na matemática, nós discordamos, pois a matemática é plena desde a origem. Mas se descobrir é evoluir, achamos que faz sentido.

Exposto estas ideias e suas interações, vamos vislumbrar a origem delas dentro do Existencialismo Metafísico.

O Eu-maior ao criar o eu-menor, cria automaticamente a negação e divide a realidade em dois. Eu de um lado e o todo doutro, estando o “eu” inserido no todo. Como a origem dos vários “eus” é comum, nossa realidade é o “eu” em interação com outros “eus”, com o todo. Notem que nossa realidade é a mesma da inteligência primária. Eu e não-eu.

Assim entidades em interações são reflexos do ato criativo primário para nosso sistema. O dualismo é universal e está presente na vida. O ser, o “eu”, a entidade metafísica, é uma parte da realidade inquestionável. Os vários eus (o

pluralismo) tiveram origem comum de um Eu-maior, por assim dizer. Assim todos estão interconectados como uma rede neural e interagimos entre os vários eus. Estes percebem o mundo através dos sentidos, principalmente pela visão e audição com os quais interagem com a realidade física.

Em análise similar ao longo do livro, entidades em interação foram vislumbradas na linguagem, na lógica, na matemática, na vida e em tudo. O que é a engenharia de um motor senão as peças em interação? Em medicina, nós definimos o que é coração, células, sangue, pulmão, o resto do conhecimento é a interação entre eles. Em engenharia, você definiu rodas, volante, combustível, motor, o próximo é definir a interação entre eles. Em filosofia e mitologia, nos conceituamos o físico e o metafísico, o resto é a interação entre eles.

Tudo isto é reflexo do ato criativo. A origem desta ideia está na metafísica. O ato criativo explica facilmente esta ideia universal.

Então a linguagem, a lógica, a matemática e a vida têm uma estrutura comum, entidades em interação. A origem destas entidades também é comum. A gramática, a lógica, a matemática e a vida são entidades metafísicas. A metafísica unifica tais entidades. Nós defendemos que tais disciplinas, igualmente os seres humanos e toda vida, são metafísicas, pois tem origem metafísica. Tais entidades têm interações que contêm regras integralistas, dualismos que levam a um sem fim de frases, equações e sistemas.

A negação também tem origem comum. O Eu-maior, ao criar cada um dos eus menores, automaticamente ele cria uma negação (não-eu), promovendo a identidade. Quando o homem cria uma palavra ou número, ele cria automaticamente a negação. A identidade é individual e coletiva a um só tempo, quando as diferenças individualizam e as semelhanças coletivizam.

O ser desenvolve sua identidade e muitas vezes o egoísmo parece contrariar o todo, mas à medida que ele desenvolve a identidade coletiva, vai diluindo o egoísmo. Este vai moldando a identidade do indivíduo. À medida que o ser vai passando pelos grupos vai diluindo o egoísmo. O ser passa pela família, clãs, tribos, bairros, cidades, escolas, igrejas, estados, países e planetas até se sentir um cidadão cósmico, integrado pelo todo.

Como a origem de tudo é metafísica, então a matemática, a lógica, a linguagem e a vida são metafísicas. Elas não existem no mundo “natural”. Tais

abstrações são reflexos do ato criativo. Para nós, as estruturas do conhecimento e dos seres humanos são o mesmo. O “eu”, as palavras, conceitos e números em interações seguem regras integralistas que permitem uma abertura. Assim a abertura é uma característica comum. Da mesma forma, a negação e abstração são características em comum.

15 – Uma Síntese entre Antítese e Tese.

A luta ideológica entre a religião e a ciência é um diagnóstico para o conhecimento atual da humanidade. De um lado a religião pregando um Criador e um mundo metafísico com base na fé cega. Doutro lado a ciência negando o mundo metafísico e pregando uma evolução com base em forças cegas.

Com um olhar em Hegel, asseveramos que as religiões promoveram a tese com a metafísica e a fé cega. Sua antítese é a ciência que nega o mundo metafísico e prega uma evolução cega. Apesar da ciência negar o mundo metafísico, é justamente o metafísico que unifica a ciência com a religião. A matemática é um instrumento metafísico utilizado por todas as ciências. Assim sendo precisamos de uma síntese para conciliar os dois.

O Existencialismo Metafísico advoga uma existência de tudo como um ato da criação, um ato metafísico. A inteligência suprema promove o dualismo existencial ao dividir a realidade e criar a pluralismo absoluto. O Eu-maior, ao criar o eu-menor, cria o não-eu para os dois. A evolução passa por este dualismo rumo à integração.

Nesta pequena introdução de nosso sistema, já vemos a estrutura e funcionamento cósmico. O pluralismo, o dualismo e o monismo estão presentes na matemática, na lógica, na linguagem, na vida e em todo conhecimento. Entidades em interações que passam pelas regras e pelo dualismo para chegar à integração. Esta definição retrata, sintetiza e unifica todo conhecimento e toda realidade.

A defesa da nossa simetria com uma inteligência primeira é plausível e explica o funcionamento cósmico. O Eu-maior, um monismo inicial, passa pelo

dualismo para criar o eu-menor. Igualmente cada uma das entidades do pluralismo também passa pelo dualismo para chegar a uma unidade, o eu-coletivo.

Esta teoria explica a origem da simetria, do dualismo e da negação. O dualismo e a negação estão presentes na matemática, na lógica, na linguagem, em todo conhecimento e na vida. A teoria acaba explicando a origem da matemática, da lógica, da linguagem e da vida.

O ato de criação foi um ato de vontade. Eis a origem do livre-arbítrio, da liberdade. O efeito da vontade divina foi a criação pluralista e perfeita. A evolução da humanidade é uma busca continua pela liberdade que passa por dualismos. Esta abertura refletiu no homem, na linguagem, na lógica e na matemática.

A criação tem origem única. Assim os vários eus estão interligados e interagem entre si. O ato da criação promoveu a existência de entidades conectadas e em continua interação, refletindo na matemática, na lógica, na linguagem, em todo conhecimento e na vida.

Notem que a matemática, a lógica, a linguagem são abstrações. Vale dizer, elas são entes metafísicos. Nós somos seres metafísicos. A direção da vida é da matéria para as abstrações. Vejam o mundo virtual e digital. Ele não é palpável.

O ato da criação foi um ato metafísico. Então somos seres metafísicos. Não somos um corpo de carne e ossos. A visão materialista da ciência de explicar a existência da vida como um corpo entre dois nada, nos leva a uma irracionalidade, a imoralidade, a lei do mais forte ao menosprezo pelas minorias.

As religiões ocidentais promovem outra irracionalidade. Elas enfrentam a questão da dor e do mal há milênios. Este problema foi alvo de reflexão do filósofo Epicuro e ele deixou as religiões ocidentais num beco sem saída. O resultado do paradoxo é que o mal é inconciliável com um Deus bondoso, onipotente, onisciente e onipresente. As religiões ocidentais nunca terão uma solução para esta questão, pois lidam com efeito sem causa. Mas as religiões orientais têm a solução metafísica para a questão.

Enquanto as religiões ocidentais pregam apenas uma vida póstuma ao falecimento do corpo, as religiões orientais também pregam uma vida metafísica preexistente ao corpo. As religiões cristãs pregam um Criador e uma vida póstuma. Esta tem início na concepção intrauterina. Antes desta concepção, uma espécie de

nada religioso. As religiões ocidentais adotaram a mitologia hebraica e pregam uma vida póstuma, mas sem a preexistência da alma.

Entretanto as milenares religiões orientais pregam a existência da vida antes da concepção intrauterina e também depois da morte biológica. Elas pregam, além da vida póstuma, uma vida metafísica anterior à concepção. Com esta doutrina oriental, podemos sistematizar um Cosmo perfeito. Devemos apenas retirar a metempsicose, uma espécie de reencarnação que contraria a lei da evolução.

Com esta ideia da preexistência do ser, nós solucionamos a questão da dor, do mal, da justiça e do efeito sem causa. Uma existência anterior justificaria o mal e a dor de crianças que nascem deficientes fisicamente e mentalmente. Nestes casos o mal pode funcionar de forma pedagógica. A doutrina oriental, chamada de carma, não se trata de punição, mas de reeducação. Somente com esta doutrina podemos ver justiça cósmica com causa e efeito. Mas em nenhuma hipótese teremos justiça na unicidade de existência com efeito sem causa. O mal e a dor são o efeito de uma causa e não uma arbitrariedade divina.

Nós nascemos biologicamente e intelectualmente desiguais. Isto é bastante claro. Assim a desigualdade é regra na unicidade de existência. Enquanto alguns nascem pobres, deficientes, outras nascem ricas, algumas com uma genialidade predisposta. Isto seria extremamente injusto, seria efeito sem causa em uma única existência. A solução deste problema é a pluralidade de existências. O dualismo do bem e do mal é para todos. Todos terão oportunidades de ser rico, mas também passarão por privações.

A questão da dor em nosso sistema cósmico tem apenas uma função pedagógica. O universo material é uma escola para a vida desenvolver valores metafísicos como a igualdade, a liberdade e a justiça. Filósofos, políticos e juristas vêm defendendo tais valores há milênios que, em verdade, existem em todos de forma latente. O que fazemos nesta existência e todas as outras é desenvolvê-los. Logo este planeta é apenas uma escola.

Voltando a questão da igualdade é preciso fazer outras considerações. A inteligência maior está sempre promovendo a criação. Vale dizer, a igualdade dos seres é na origem. Da mesma forma que temos seres inferiores a nós, temos seres superiores em razão da evolução. A evolução é para todos. Se vislumbrarmos a

eternidade, perceberemos que até os animais evoluirão. Nestes termos, a igualdade é absoluta, mas nunca do ponto de vista da unicidade de existência. A justiça do homem busca a igualdade relativa reflexa daquela igualdade absoluta da origem.

A reencarnação promove igualdade e justiça a todos. Ocorre que para os cristãos tal doutrina é uma heresia. Mas a própria bíblia contém indícios da reencarnação. Há falas atribuídas a Jesus que levam a reencarnação, como no diálogo com Nicodemos. Jesus diz que é preciso nascer de novo para ver o reino dos céus. A interpretação deve ser literal, mas os biblistas usam metáforas para atender seus interesses. Noutra, Jesus fala que os personagens bíblicos de época diferentes, João e Elias, eram os mesmos. Isto já é um clichê espiritualista e não entraremos em minúcias.

Historicamente a igreja e os seus primeiros pensadores eram reencarnacionistas. Orígenes de Alexandria (185 à 253 dC), Clemente de Alexandria (150-215 dC), entre outros estavam entre os pensadores que defenderem a reencarnação.

Todas as culturas de forma universal (no tempo e no espaço) tem sua própria mitologia. Cada cultura sempre utilizou sua própria mitologia como instrumento para explicar tudo. As religiões apropriaram das mitologias e até hoje temos as teologias tribais. Estas várias teologias são geográficas, culturais e são criticadas em razão da diversidade. A partir de escrituras tribais utilizam a técnica do papagaio (eterna repetição – espécie de lavagem cerebral) e o argumento de círculo: Deus criou o mundo por que está na bíblia. A bíblia é a palavra de deus. Por isto deus criou o mundo. Os biblismos e os dogmas engessam o pensamento teológico.

O contraponto da reencarnação é o entulho teológico chamado de ressurreição. Para substituir a doutrina da reencarnação, a igreja insiste nesta doutrina materialista. A igreja ainda é muito apegada à matéria, acha que nosso corpo é tudo. Acreditam que na eternidade iram defecar eternamente, além de rastejar eternamente, dentro de uma prisão eterna, o corpo. Haja falta de imaginação, cadê a inspiração da Criação! Poxa, vocês não conseguem pensar menos em matéria e mais em um corpo sutil (alma). Com este poder atravessar galáxias com o poder do pensamento sem um corpo denso para impedir.

A igreja cometeu dois grandes erros históricos: um foi juntar o velho e novo testamento, duas teologias flagrantemente opostas (deus guerreiro x deus do amor); outro foi rejeitar a reencarnação e aceitar a ressurreição.

Muito já se falou disto, mas a reencarnação será sempre negada pela igreja com interpretações em metáforas bíblicas, pois é de seu interesse ideológico e doutrinário. Entretanto a igreja nunca conseguiu e nunca conseguirá resolver a questão do mal e da dor. Como pode algumas crianças nascerem pobres e outras ricas, algumas doentes, outras cegas, paráliticas, outras morrem em tenra idade? Mesmo com a infeliz doutrina do purgatório, é totalmente questionável um deus que fizesse tamanha arbitrariedade. É inimaginável um deus grandioso que ofereça dor e o mal gratuitos.

Noutro polo, a ciência dita oficial e dogmática nega a reencarnação até com uma certa razão, pois seus laboratórios ainda não detectam as forma sutis de energia e nem mesmo o mundo metafísico. Mas estudos e experiências iniciam o próximo nível da humanidade. A técnica da Terapia de Vidas Passadas (TVP) promove a recordações de vidas passadas dos pacientes através da hipnose. Há também catalogação médica de cicatrizes, marcas de nascença em pessoas sem explicação na sua existência atual, mas com explicação em existências anteriores. Apesar da utilidade destas técnicas na investigação da realidade, não é “confiável” do ponto de vista científico.

Tese e antítese se contrapõem. De um lado, temos as religiões defendendo um mundo metafísico, o Criador, o absoluto. Mas para defendê-los utiliza fé cega em escrituras sagradas questionáveis e autoridades eclesiásticas, porta vozes divinos sem procuração. Doutro lado, temos a ciência negando o mundo metafísico, o Criador, o absoluto, porém defendendo a vida e o universo com base em forças cegas, acasos e o nada.

Nossa síntese defende que a vida tem origem metafísica em um ato de vontade. Ela evolui rumo à integração com o todo. A ciência nega o mundo metafísico, mas utiliza a matemática, um instrumento metafísico em sua metodologia. Além deste paradoxo, pregam uma evolução cega rumo ao nada. Isto é irracional. Contradições devem ser descartadas em um conjunto probatório.

As religiões ocidentais pregam uma vida póstuma. Mas nunca resolveram a questão da dor, do mal, da justiça e da desigualdade. As religiões orientais pregam

uma preexistência do ser e uma pluralidade de vidas físicas. Elas resolvem questões da dor, do mal, da justiça, mas desconsideram a evolução em adotarem a teoria da metempsicose. Neste ponto, elas falham em explicar a nossa existência.

Longe de uma resposta satisfatória para a existência da vida, a ciência prega que a vida é uma existência entre 2 nada. Após o Big Bang, a trindade física (tempo-espaco-matéria) passou a existir. Antes apenas o “nada” existia. No final, a ciência apresenta outro nada. Primeiro o sol irá superaquecer e a vida na terra será inviável. Depois será a vez do universo se transformar em outro nada.

As ciências, as religiões, as filosofias buscam uma simplificação, uma unificação, uma descrição compacta da diversidade de fenômenos naturais, do pluralismo. Com apenas princípios básicos podemos descrever o universo. A ciência busca generalizações para alcançar leis e o progresso. Quanto mais uma descoberta generaliza, mais é elegante, atraente. Newton unificou o céu e a terra.

A estrutura cósmica é bem visível na estrutura da matemática, da lógica, da linguagem. Nosso sistema advoga a mesma ideia para a vida. Nós somos seres em interações. Estas interações permitem a evolução dentro de um dualismo rumo à integração ao todo.

Esta estrutura está presente na vida das pessoas, nas artes, na literatura, nas ciências, nas religiões, na política, na justiça, na ética, nas filosofias. Apesar da complexidade destes temas, é possível vislumbrar a estrutura e o funcionamento do cosmo em tudo.

Nosso sistema tem sintonia com doutrinas do passado e do presente. Doutrinas milenares e orientais como “I Ching” e taoísmo pregam um sistema universal e binário em constante transformação. Pregam um dualismo universal, duas forças fundamentais opostas e complementares. Estas duas forças combinam a outra, o Tao. Este é o caminho de uma força criadora de todas coisas e para onde elas se destinam. Igualmente nosso sistema tem uma força criadora de tudo e todos, a evolução através do dualismo para chegar a integração.

Modernamente a doutrina do estruturalismo se replicou em várias ciências. De um lado o estruturalismo trabalha com as identidades e suas diferenças, doutro lado trabalha com as semelhanças e o todo. O estruturalismo busca as generalizações e parece ser uma metanarrativa. Estas são reflexões que abarcam todo conhecimento e toda história humana. Isto gerou críticas do pós-

estruturalismo que criticavam as generalizações em oposição à diversidade. O pós-estruturalismo era cético com as metanarrativas.

Criação, Evolução e Integração, estas premissas funcionam em harmonia com o axioma da causa e efeito. Esta pode até ser outra premissa não menos importante, mas que também tem origem no ato inicial e resulta na integração. A Criação é a causa e o efeito é a integração. Nós atuamos na causa. Então é um debate estéril se Deus é incriado, ou há causa anterior a ele.

A causa primeira foi um ato de vontade e justifica a liberdade de escolha. O efeito determinístico é a integração. Todos temos o livre-arbítrio, todos podemos atuar na causa, mas não no efeito. Se a sua escolha foi contra a integração, contra o fluxo do universo, os efeitos que colherá farão com que numa escolha futura volte para o caminho da Integração.

A vida começa do zero, por assim dizer, igualmente para todos, segue uma série inumerável de causa e efeito até sua integração ao todo. Dentro desta jornada, surge a liberdade de escolher. Esta liberdade atua na causa, mas nunca no efeito. Esta liberdade gera a responsabilidade. Em nossa sociedade, se você comete um crime, o efeito é a restrição de sua liberdade. Em alguns países, o efeito é o aniquilamento da própria vida biológica do criminoso.

O ato da criação inspirou o livre-arbítrio, já que fora um ato de vontade. Esta liberdade não surge de imediato, mas sim com o despertar da consciência. Os instintos, os mitos, a fé, as emoções, as experiências são degraus da evolução até chegar ao pensamento racional pleno. O pensamento é o maior poder do homem, superou sua animalidade e rumo a integração plena com o todo.

Do ponto de vista metafísico, o universo é plenamente perfeito. Então utilizamos uma metodologia própria neste livro. Usamos nossa hipótese que é a perfeição do Cosmo. Pois uma única imperfeição, uma única injustiça, nós não teríamos uma inteligência suprema. Isto abriria espaço para um pensamento superior, ou um cargo cósmico para deus. Assim tentamos sistematizar nosso universo perfeito, a prova de críticas, elaborado por uma inteligência suprema.

As religiões sempre tiveram o poder de angariar mais adeptos que a ciência, a filosofia e a arte. Isto é natural, pois o mundo metafísico é o nosso mundo primitivo e natural. Além disto, o homem vive uma alternância diária entre o físico e o metafísico, entre a vigília e os sonhos. Também acessa o metafísico nas

experiências quase-morte. Há também aqueles que possuem clarividência, outros que possuem para-psiquismos diversos e, assim, interagem com o metafísico.

O habitat científico gera certo ceticismo metafísico e até com certa razão, pois ainda não detectam o mundo metafísico. Porém mesmo entre cientistas, há aqueles que, mesmo seguidores do empirismo, têm uma espiritualidade em seu íntimo, mas não sabem explicá-la. Como cientistas, com seus métodos acadêmicos, não podem defender conceitos sem experiências, o que é compreensível.

A ciência domina o mundo físico, descarta a metafísica. Mas a ciência utiliza um instrumento metafísico em sua metodologia, a matemática, e esta não tem existência física. Para dar credibilidade as ciências, necessário se faz incluir a matemática. A presença da matemática em tudo nos leva a defender um mundo inteligente e não aleatório. Seja um ato inteligente da natureza, como gosta a ciência, seja um ato divino, como quer as religiões.

Em síntese, de um lado temos a diversidade mitológica-religiosa que em comum têm a universalidade metafísica. Doutro lado, temos uma diversidade científica que usa a universalidade matemática. Esta é metafísica. Então a metafísica unifica as ciências. Em razão do conjunto probatório, descartamos a tese da diversidade religiosa e a antítese da diversidade científica. Por fim, a Metafísica unifica religião e ciência e promove a síntese entre a tese e a antítese.

Assim temos a unificação científica e religiosa de forma lógica. É a Metafísica que unifica as religiões. É a Metafísica que unifica as ciências. É a Metafísica que unifica ciência e religião.

O conhecimento de todas as coisas, uma teoria de todo o funcionamento do mundo que abrangesse todo universo, sempre envolveu o pensamento religioso, filosófico e científico. Filósofos devem procurar a unificação e não a fragmentação.

Modernamente, a astrofísica busca a teoria do tudo. Uma equação para integrar todas forças do cosmo. Tivemos até um candidato a tal façanha. Stephen Hawking, físico inglês, declarou a morte da filosofia, mas não chegou a nenhuma equação do tudo e nem do nada.

Para a física, o universo é construído com as mesmas partículas básicas, como quarks e elétrons. A partir destas partículas básicas, concluem que podem obter um total entendimento do universo. Então acreditam que a sua ciência é mais especial entre as ciências, por ter a generalização máxima e, assim, submeter ao

seu paradigma todas as ciências e todas outras áreas do conhecimento (filosofia, arte e religião).

Eles acreditam na física fundamental e numa grande teoria unificada por ela, que irá prever a evolução de qualquer sistema, sejam estrelas, seja a vida, seja a consciência. Acreditam que apenas os físicos podem chegar a esta generalização máxima, pois o seu objeto de estudo compreende o universo inteiro, dos pequeninos átomos até as enormes galáxias. Eles descartam a alma e a consciência, pois nós seríamos apenas um amontoado de átomos. Assim eles submeteriam a biologia, psicologia, neurobiologia e todas as ciências humanas e sociais.

Reduzir tudo a física, reduzir tudo a átomos estranha a todos. A vida parece muito mais que um amontoado de átomos ou células. O ser transcende átomos, células, órgãos e carne. Sempre que estudiosos e espiritualistas buscam conectar a ciência com a Metafísica, a Academia corre para negar tal conexão. Casos como as teorias do princípio Antrópico e o Biocentrismo, proprietários da ciência estão sempre de plantão para negar a Metafísica. Virou ideologia.

Einstein passou boa parte de sua vida tentando unificar as forças físicas do universo. São elas: a força nuclear fraca; a força nuclear forte; a força eletromagnética; e a força gravitacional.

As forças nucleares forte e fraca são contidas nos invisíveis e inumeráveis átomos.

A força eletromagnética se refere às forças do imã e da eletricidade que são polarizadas (positivo e negativo, atração e repulsão).

A força gravitacional é uma força grandiosa e única, envolve todos os átomos, planetas, estrelas e galáxias existem, devido a sua força de atração. Ela mantém toda a matéria aglutinada.

Os físicos conseguiram integrar as forças nucleares à força eletromagnética. Falta integrar estas com a gravidade, ou melhor, a física quântica com a teoria da relatividade geral. Há uma teoria física, chamada de Teoria das Cordas, candidata a solucionar esta unificação.

Agora façamos uma analogia das forças metafísicas com as forças físicas: Podemos comparar as forças atômicas com a força da diversidade criativa. Tanto a vida como os átomos são incontáveis e individuais. Os átomos não são deterministas, segundo a física quântica, o que sugere uma individualidade, um

princípio existencial, como a vida; a polarização eletromagnética é perfeitamente comparável ao dualismo da vida; e a gravidade, a única responsável pela atração de tudo no cosmo, não é senão uma força integradora.

Como a origem de tudo é metafísica, as forças físicas nada são senão mero reflexo das forças metafísicas. Neste sentido, a física, a química, a biologia e todas as ciências humanas e sociais estariam submetidas ao paradigma metafísico.

As religiões têm um conhecimento superficial, intuitivo e distorcido do mundo metafísico. Atualmente quem melhor conhece o mundo metafísico é a religião Espírita e a ciência Conscienciologia. O espiritismo originou-se de uma revelação. Daí seu forte aspecto religioso, mas ele também seu lado filosófico. O mundo metafísico é chamado de mundo espiritual pelo espiritismo. A Conscienciologia, produto do homem Waldo Vieira, prega a mudança do paradigma científico para o paradigma consciencial. Ele chama o mundo metafísico de extrafísico.

O mundo metafísico, observável em nossos sonhos, será nosso destino depois da morte. Quando morrermos biologicamente, viveremos como num sonho. A ciência fisicalista não fará muito sentido por lá, com sua trilogia tempo-espaço-matéria. Religiosos não verão Jesus por lá, mas certamente verão muitos Jesus por lá. Também não verão Deus, ou então verão muitos deuses por lá. Assim todos deveriam melhor estudar este mundo, pois quando “morrerem” entraram em crise existencial por lá.

A construção do conhecimento se dá pela representação da realidade. Mas há uma diversidade de linguagem e de pensamento para representar a realidade. O pensamento (conteúdo) e a linguagem (forma) sejam científico, religioso, artístico e filosófico levam ao conhecimento de pontos de vista diferentes. A arte utiliza das emoções para retratar a realidade; a ciência, o empirismo; a filosofia, a razão; e as religiões, a fé. Há ignorância quando uma forma de conhecimento nega outra. A realidade é uma só.

A filosofia, depois do positivismo, rompe com o idealismo, com a metafísica para se seguir a ciência e vira um coadjuvante da ciência. O pensamento artístico é pessoal e foca o sujeito do conhecimento. O objeto da arte ora acompanha o metafísico, ora o pensamento físico. A arte se diverte com os pensamentos religiosos e científicos.

A realidade una faz contraponto à diversidade de pensamentos para representá-la. Realidade de um lado e diversidade de pensamento doutro. Monismo, pluralismo e dualismo sempre andarão paralelos ou juntos. Criação, Evolução e Integração são forças metafísicas eternas. Esta ideia de explicar o mundo físico a partir do mundo metafísico foi, e ainda é, utilizada por todas as mitologias, sejam elas atuais ou pré-históricas. Elas são diversas, porém universais. Utilizam de uma explicação criativa (inspirada na 1ª premissa), mas não racional.

A diversidade criativa mitológica faz contraponto à universalidade mitológica e temática. Nós não podemos negar esta realidade. Nosso sistema filosófico, igualmente as antigas mitologias, explica o mundo físico a partir do mundo metafísico. Diferentemente ele utiliza uma explicação racional.

Em harmonia com o exposto, não devemos negar qualquer seara do conhecimento. A ciência está certa ao defender a unidade de pensamento para contrapor a diversidade de pensamentos religiosos. Mas deve saber seus limites, acabar com o cientificismo e reducionismo. As religiões estão certas ao pregar um mundo metafísico. Mas devem reestruturar seu pensamento, acabar com dogmas estéreis e rituais vazios.

Pluralismo, dualismo e monismo. O erro de pensadores e de instituições do conhecimento é se apegar a um ou dois pilares do pensamento e não aos todos a um só tempo.

A leitura da natureza que fizemos só é possível com o ato de Criação. A ideia de liberdade tem reflexa apenas no ato de vontade da criação. O nada científico não tem este poder de escolha. A existência desde sempre não tem explicação para a liberdade. De onde surgiu a ideia de justiça no homem? Do ato de Criação, somos efeitos da causa primária. A ideia da arte só tem reflexo no ato da Criação. Não existe um nada criativo e a existência desde sempre não tem leitura da arte na natureza.

Para ciência, a simetria, arte, vontade, livre-arbítrio, beleza, diversidade, dualismos e a negação são obras do acaso, sorte ou acidentes. Para as religiões, foi Deus que quis.

Do ponto de vista metafísico, a realidade é simples e organizada. Temos a teoria de Deus, do Amor, da harmonia, da liberdade, da multiplicidade de existências, do determinismo rumo à integração plena.

Do ponto de vista da unicidade de existência, das religiões e da ciência, a realidade é complexa, irracional, ilógica, desorganizada. Temos a teoria da Incerteza, da Sorte, do Acaso, do Caos, da coincidência e de acidentes.

16 - Disposições Finais

No plano micro (eu-menor), o cotidiano engole as pessoas. Elas trabalham o dia todo, quando chegam em casa, tem afazeres domésticos. Depois elas dormem pensando nas dívidas ou em ganhar mais dinheiro. Final de semana livre, elas vão passear no shopping, ver filme e também vão ao futebol e ao pagode. O dia-a-dia do homem é alienante. Ele vive uma vida sem reflexão e assim falta-lhe lucidez para enxergar a realidade.

No plano macro (eu-coletivo), o Brasil e o mundo vivem crises sucessivas: econômica, religiosa, política, jurídica, humanitária, de segurança, saúde e educação. Internamente estamos com a economia paralisada, devido a uma crise política que também repercute no sistema jurídico. Externamente os países tem problemas com terrorismo, guerras no oriente que promovem imigrações para a Europa. Apesar de esta ser o berço dos direitos humanos, a Europa faz muros e separações ao invés de pontes e uniões.

Socialismo, capitalismo, liberalismo nunca resolveram de forma profunda nossas crises. Viveremos de crise em crise atrás de soluções superficiais. A ciência e as religiões nada resolvem. A filosofia vê tudo isso e não oferece nada. Somente mudanças profundas de nossos sistemas de valores e de pensamento mudarão a humanidade para melhor. Somente uma reflexão profunda sobre as questões existenciais nos trará a verdade e solução.

Neste sentido, o mundo parece complexo e sem respostas fáceis para estes impasses. Ainda que a “teoria do tudo” fosse comprovada pela física, ela não explicaria e nem resolveria as crises mencionadas. Questões como a dor, a justiça, a liberdade, a desigualdade, a propriedade, a economia, a política não têm solução do ponto de vista físico e da unicidade de existência.

O conhecimento deveria resolver estes problemas, mas estagnou frente ao pensamento fragmentado científico e as teologias infantis. A existência do Criador e da alma não tem como ser “experimentadas” em laboratório. As religiões ainda possuem muitos adeptos, mas suas teologias tribais não evoluíram e perderão força.

Vivemos uma revolução tecnológica. A segunda grande guerra inaugurou a computação e esta em parceria com a internet revolucionou o planeta. O conhecimento sofreu danos com esta revolução. O francês Jean-Francois Lyotard em sua obra, “A Condição Pós-moderna”, de 1979 alegou que o conhecimento virou mercadoria para ser vendida. O conhecimento virou informação, arquivada em banco de dados, para ser produto de compra e venda. Ele chamou isto de “mercantilização do conhecimento”.

O pensamento teve uma mudança de paradigma. Perguntas filosóficas como “o que é isto?” mudaram para “como vender isto?”. O conhecimento virou pragmatismo e ficou estagnado. Para Lyotard, o conhecimento não mais promove a expansão da mente. É uma extensão do empirismo e pragmatismo anglo-americano. Não somos ser, mas um ter humano.

O egoísmo é o principal problema do planeta. Ou seja, o problema está no eu-menor em oposição ao eu-coletivo. As pessoas ainda estão desenvolvendo suas identidades individuais e este processo é contra o todo, pois elas passam por muitos dualismos efêmeros como a questão racial (branco e negro), o dualismo de gênero (homem x mulher), o dualismo da guerra (ataque x defesa).

Nesta esteira, a competição ainda é muito forte no planeta e ela atíça o ego das pessoas. A cooperação promove o todo e ainda está embrionário no planeta. Entretanto muitas pessoas já superaram a questão racial, outras a questão de gênero, outras as questões nacionalistas. Porém há muitas fronteiras físicas e psíquicas a superar como o muro de Trump. Nosso planeta ainda é muito fragmentado. Ele ainda é dividido por fronteiras, classes sociais, raças, religiões, etnias.

Todavia o melhor pensamento humano busca minimizar estes obstáculos e passa pela questão da existência. Durante milênios magos, filósofos, artistas e cientistas vinham tentando decifrar o enigma da existência, convencidos de que a

diversidade do mundo natural tem origem única que a tudo engloba. A essência dessa busca é a convicção de que tudo está interligado.

Existe até uma teoria física que propõe uma unificação do mundo material. Esta é uma versão científica da crença religiosa na unidade de todas as coisas. Uma espécie de ciência monoteísta e uma teoria de tudo. A teoria das supercordas seria esta teoria final. Para ela, a matéria são tubos submicroscópicos de energia que vibram. A ciência tornou-se existencial e a vida seria um acidente. Nós estamos por aqui num série de acasos e num universo sem propósito.

Esta é uma versão da realidade conhecida como “universo acidental” ou “universo absurdo”. O universo seria um acidente, a vida é um acidente, e não existe um objetivo consciente por trás do que ocorre no mundo. O mito da criação científica não tem um criador. Espaço, tempo e matéria são a santíssima trindade. O universo surgiu por si mesmo. É a criação a partir do nada. Não existe a causa primeira, como explicam as religiões para a existência do universo.

Por outro lado, há uma certeza entre bons estudiosos e idealistas que existe uma ordem por trás do aparente caos. A expressão matemática da ordem passaria pela simetria dos fenômenos naturais e revelaria uma verdadeira expressão de beleza. Esta ordem oculta permeia tudo. Isto juntaria os unificadores em busca do código oculto da natureza. Esta busca uniria a mente de Deus com uma teoria final.

É inconcebível a existência humana sem a experiência espiritual. A tecnologia evoluiu rapidamente, intensamente e diluiu a espiritualidade. As pessoas mergulharam em um mundo material e sem sentido, um mundo de celulares, de comunicação e de internet. A vida ainda não tem sentido e são cerca de 7 bilhões de pessoas que precisam de um sentido para a existência.

Partindo da visão científica, ou da visão politeísta, ou dos dogmas religiosos, ou da existência do mundo desde sempre, não vislumbraremos intercâmbio entre os monismos, dualismos e pluralismos (efêmeros e eternos). Tais perspectivas fazem leitura equivocadas e ou fragmentadas da realidade.

No entanto nossa realidade vai de monismo-menor até o monismo-maior e passa por monismos efêmeros. Primeiro somos UM e depois inseridos em uma família, depois um clã, uma tribo, um império, um país e hoje vivemos em apenas um planeta globalizado. Igualmente vamos de dualismo em dualismo efêmero até a

percepção do todo, da individualidade em união com o todo. Pluralismos menores perderão espaço para o pluralismo cósmico.

Os cidadãos e os países se movem de crise em crise e ainda não se vislumbra a paz. Em verdade, temos duas identidades: uma pessoal e outra coletiva. As duas identidades vão ampliando e muitas vezes as duas entram em confronto. Eu e não-eu (o todo) evoluem paralelamente. O ser nasce em uma família e percebe que sua família é sua identidade coletiva, o todo, o não-eu. Esta identidade coletiva vai aumentando para a escola, igreja, cidade, país e planeta.

Assim a ideia do todo vai se desenvolvendo junto com a ideia do “eu”. As pessoas vão sendo inseridas em grupos, tribos, famílias e até gangues. Esta identidade coletiva chegou até a identidade planetária com a globalização. Grupos ecológicos, organizações transnacionais, entre outros promovem a identidade coletiva. Mas ainda falta para as pessoas desenvolverem uma identidade cósmica. Nosso sistema filosófico busca vislumbrar esta identidade coletiva.

Podemos resumir o conhecimento hodierno como uma guerra entre ciência e religião, melhor, uma guerra entre a física e a Metafísica. A ciência negando a metafísica e pregando forças cegas. O nada, o acaso, a sorte, a coincidência, os acidentes seriam forças cegas que movem a humanidade. Para nós, isto é efeito sem causa. Noutro sentido, as religiões vão pregando teologias vencidas e a fé cega. O mal e a dor dentro da unicidade de existência é efeito sem causa. Vale dizer, de um lado, temos uma ciência sem alma e com forças cegas e doutro lado, nós temos as religiões pregando um metafísico com a fé cega. Hoje não temos nada para solucionar tais impasses.

O Existencialismo Metafísico vislumbra um modelo universal para os vários campos do conhecimento e possibilita compreender toda a existência da vida na Terra. Ele percebe que todos os eventos se repetem e demonstram padrões. Esta observação permite inferir a ideia de uma inteligência primeira. Nosso sistema busca um universo perfeito e com propósito.

Nosso sistema filosófico, sem falsa modéstia, oferece um pensamento alternativo em desfavor destas forças cegas e da fé cega. De onde viemos? O que estamos fazendo aqui? Para onde vamos? Criação, Evolução e Integração. Passado, presente e futuro. Início, meio e fim.

Vendo assim parece uma trilogia. Como disse inicialmente, esta divisão é didática. Quando da Criação, a criatura já vem com as forças da Evolução e Integração e, por isto, é mais um monismo que um pluralismo.

Criação, Evolução e Integração são as forças metafísicas. As forças físicas (gravidade, eletromagnetismo e as forças nucleares) estão a serviço das forças metafísicas. A gravidade equivale ao integralismo-monismo, o eletromagnetismo e suas polarizações equivalem ao dualismo-evolutivo e as forças nucleares equivalem à força criativa-pluralista.

De dentro de um laboratório, ninguém conseguirá enxergar esta trilogia. De dentro da Academia, é difícil ver esta realidade maior. De cima de um púlpito, ninguém conseguirá visualizar este sistema. De dentro de um ateliê, não é fácil vislumbrar esta verdade. Somente um pensamento livre, amplo e sintético permite esta visão.

Um sistema filosófico que afirma a existência do mundo desde sempre, nunca explicará o pluralismo de pensamentos, o dualismo e nem o monismo. Sistemas científicos com base no nada ou em fato bruto, não explicam e nunca explicaram o dualismo dos pensamentos e nem do monismo. O politeísmo não pode explicar o monismo. Vários sistemas teológicos monoteístas e seus dogmas infantis nunca explicaram o dualismo e a evolução.

Físicos teóricos reduzem tudo à matéria. Estranhamente querem reduzir o homem a um amontoado de átomos, moléculas, células. Querem reduzir nossa personalidade a sinais elétricos em nosso cérebro. Querem reduzir tudo ao acaso, forças cegas, fatos brutos com efeitos sem causas. Viemos do Nada e para o Nada voltamos. Nunca equacionarão o Nada e nem o Tudo. Nunca explicarão os dualismos e o monismo.

Neste sentido, cientistas atribuem determinados fenômenos metafísicos ao inconsciente, a sentimentos e sensações, mesmo com evidências e fatos que apontam para o oposto de suas especulações. Devido aos seus desconhecimentos e suas faltas de evidências, eles atribuem fenômenos metafísicos à imaginação, ao inconsciente (no caso dos sonhos), ao medo (no caso das religiões), às alucinações (no caso de tranSES).

O objeto de estudo da ciência é o todo. Mas este todo não cobre o mundo metafísico. Assim a ciência nega a maior parte da realidade e por isto ela é reducionista, além de fragmentária. Não é universalista e tem visão curta.

Noutro giro, as religiões pregam o Deus criador. Mesmos as religiões politeístas têm o Deus criador entre seus deuses. Mas suas teologias infantis são baseadas em dogmas estéreis e mitologias arcaicas. O dogmatismo religioso e o materialismo científico são os dois atrasos da humanidade: fé cega de um lado e forças cegas doutro.

Apesar da oposição entre ciência e religião, é justamente a metafísica que as unifica. Todas as religiões pregam um mundo metafísico. As ciências negam tal mundo, mas não podem negar que utilizam um instrumento metafísico para explicar a vida e o mundo. A Matemática. A ciência não sabe explicar a causa da eficiência da matemática, sem dúvida um instrumento metafísico. A Criação veio deste mundo metafísico e utilizou este instrumento metafísico para a construção do universo.

As religiões podem chamar esta filosofia de deísta, de cultuar um deus da razão e sem fé. Ok, podem até nos chamar de deísta e sem fé, mas não de cultuar um deus. Também não podem chamar nosso sistema de ateu, pois comungamos com eles a existência de um Criador e a Criação.

A ciência não pode acusar este sistema filosófico de ser produto de fé. Como dissemos, nosso sistema não cultua nenhum deus. Este autor não faz orações e não frequenta nenhum templo. Tudo que foi exposto buscou os fatos, provas e argumentos como funciona a ciência do Direito, a qual o autor exerceu como delegado e exerce agora como advogado. Fatos e provas em harmonia com a razão.

A ciência pode acusar este sistema filosófico de generalista. Aceito a crítica, pois a ideia é esta mesmo. Aliás, dedução e indução sempre estiveram no centro de todo pensamento. O que é a dedução e a indução senão a generalização? O principal método científico, a indução, busca generalizar seu trabalho em forma de lei.

Preferimos a síntese filosófica à análise científica. Enquanto está dirigi rumo ao infinito e além, aquela ruma ao monismo. Com base na linguística do pensador Noam Chomsky e seu gerativismo (gramática com base na matemática [regras metafísicas]), a catalogação das variações linguísticas seria uma catalogação

estéril, demasiada, quiçá infinita. Numa analogia, as catalogações das várias artes, ciências, filosofias e religiões seriam também infinitas. Por isto tem-se que buscar o que é universal.

Nosso sistema generaliza uma teoria final para explicar tudo e todos de forma simples e elegante. O princípio científico da navalha de Occan defende simplicidade nas teorias. Cientistas, reclusos em seus casulos acadêmicos e baseados na navalha, costumam dizer que o universo e a vida começaram de forma simples e vão em direção das complexas. Não percebem a realidade maior. A vida começa de forma simples, complica no dualismo, mas volta à simplicidade monista.

As 3 premissas (Criação, Evolução, Integração) têm a pretensão de explicar toda existência e todos sistemas de pensamentos a partir do ato de uma vontade. Este sistema filosófico nega forças cegas, fé cega, o Nada, o sobrenatural, fatos brutos com causas inteligentes e é o único a sistematizar o dualismo, monismo, pluralismo, simetria e a negação, além de vislumbrar a origem das críticas às ciências, religiões, artes e filosofia. Explica também a direção das forças da natureza. Estas premissas são a única explicação para as matemáticas e o excessivo apego das literaturas, filmes, novelas, narrativas com início, meio, fim, como nas 3 premissas.

Ao negar a Metafísica, mas utilizar um instrumento metafísico, temos uma contradição científica. Assim tal negação deve ser descartada. O mundo físico é reflexo de um mundo metafísico. A diversidade (de pessoas, de vida e de átomos) passa pelo dualismo para chegar ao monismo. Deve haver uma matemática poderosa para equacionar isto.

A realidade da humanidade é essa: as pessoas passam pela vida sem saber o que estão fazendo aqui, neste mundo físico; voltam ao mundo metafísico, sem saber onde está, sem saber o que fazer, ou acreditando que está no céu ou no inferno.

A visão da ciência e das religiões abre uma lacuna cósmica. Este sistema filosófico reflete uma imagem cósmica de perfeição absoluta. Uma única imperfeição abriria espaço para candidatos a um cargo de deus absoluto e perfeito. A vida, a liberdade, a igualdade, a justiça são valores absolutos do ponto de vista cósmico. Inconscientemente vivemos num plano absoluto e perfeito.

Conscientemente vivemos num plano relativo, de contradições e imperfeito. Cabe ao homem buscar um pensamento para perfeição do Cosmo.

Concordo que há infantilidade de narração dos mitos e nas teologias religiosas, mas a experiência metafísica sempre foi pessoal. Ainda não há como rastrear uma experiência pessoal. Cada um tem a sua. Mas ela é universal.

Como advogado, sempre fui pautado pelas provas e fatos. Face ao princípio da primazia da realidade, diante da discrepância entre ciência e religião, a preferência deve ser dada ao que ocorre no terreno dos fatos, da universalidade e da razão. Evidências empíricas que contrariaram o todo probatório foram descartadas. Assim as contradições, sejam religiosas ou científicas, foram descartadas. A história nos mostra uma diversidade de mitologias em todas as épocas e lugares e um universalismo metafísico frente à variedade de mitos. A Matemática, linguagem científica, também nos direciona ao mundo metafísico. A razão e não mais a fé nos direciona ao metafísico.

Como delegado, enquadro todas as searas do conhecimento neste sistema. O conjunto probatório deve eliminar contradições, mesmo sendo evidências científicas. Utilizamos a metodologia da investigação policial para analisar a realidade. Não esclarecendo as contradições, elas são descartadas. Ou seja, uma declaração de uma testemunha, ou mesmo uma evidência empírica, que contradizer o conjunto probatório deve ser descartada. O que vale é o conjunto da obra, mesmo que evidências empíricas digam o contrário. Como a negação do mundo metafísico pela ciência, pois ele é universal, existe na matemática e nos mitos de todos os tempos e de todos os lugares. Isto é fato público e universal, não necessita de evidências empíricas, indícios, provas.

Ao final desta investigação policial-filosófica, como num inquérito policial, poderíamos ter um relatório final nestes termos:

Este inquérito filosófico, instaurado visando à busca do verdadeiro conhecimento da realidade, constatou uma luta entre a ciência e a religião, ou melhor, entre a física e a metafísica. As religiões sempre explicaram o mundo com suas mitologias e teologias vencidas. Estas variam de cultura para cultura, mas sempre pregaram o mundo metafísico. Ou seja, sua existência metafísica é universal nas religiões, tanto no tempo como no espaço.

A ciência nega o mundo metafísico, mas bebi da mesma fonte metafísica. A arte se diverte com os dois mundos sem posicionamento oficial. A filosofia aderiu à ciência, invés de buscar as questões existenciais no mundo metafísico.

Em sintonia com o exposto, fica claro a existência do mundo metafísico, o atraso teológico e negação da realidade pela ciência. Assim sendo indicio a igreja e a ciência em crimes contra evolução humana, devendo as mesmas um pedido de desculpa a humanidade, além de promoverem suas reestruturações.

Eis um relatório para apreciação da humanidade.

Em tempos de relatividade, de desconstrução, de sofistas, cétricos e ateus, nosso sistema filosófico também deve ser alvo de críticas. Mas as críticas fazem parte do dualismo. As pessoas podem ver a verdade entre nosso sistema e a crítica deles. A razão vem do dualismo.

Forte nestas razões, finalizamos com um desafio. A ciência convencional nunca explicará o que é a vida, a consciência e os sonhos. Ela nem mesmo nunca explicará como um instrumento metafísico, a matemática, é tão eficaz para explicar o mundo físico. As religiões nunca explicarão a questão da dor, do mal e da justiça. Nem mesmo nunca conseguirão sistematizar uma criação perfeita com base na unicidade de existência.

Bibliografia

ARNAULD, A. & C. LANCELOT. A gramática de Port-Royal. Martins Fontes. São Paulo, 1992.

ARMOSTRONG, Karem. A Bíblia: uma biografia. Tradução Maria Luiza A X Borges. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2007.

ARMOSTRONG, Karem. Em Defesa de Deus. O que Realmente a Religião Significa. São Paulo-SP. Companhia da Letras. 2009.

AZEREDO, J. C. de. Iniciação à sintaxe do português. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

A Era dos Reis Divinos. Time-Life Books. Consultores: T CMitchell e Richard L Zetter pela Mesopotâmia. Abril Livros. Roberto Civita, 1991.

CHOMSKY, Noam. Aspectos da Teoria da Sintaxe. 2. ed. Coimbra: Arménio Amado Editor, 1978.

COSTA VAL, Maria da Graça. Redação e Textualidade – 2 ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DURANT, William James. A História da Filosofia. Tradução Luiz Carlos do Nascimento Silva. São Paulo. Editora Nova Cultural Ltda, 1996.

FRENKEL, Edward. Amor e Matemática: o coração da realidade escondida. Rio de Janeiro. 1 ed. Casa da Palavra, 2014.

GAARDER, Jostein. O Mundo de Sofia: romance da história da filosofia; tradução João Azenha Jr – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GLEISER, Marcelo. Criação Imperfeita. 2ª edição. Rio de Janeiro. Record, 2010.

GLEISER, Marcelo. Micro Macro: reflexões sobre o homem, o tempo e o espaço. – São Paulo: Publifolha, 2005.

HOLT, Jim. Por que o Mundo existe? Um Mistério Existencial. Tradução Clóvis Marques. 1ª edição – Rio de Janeiro, 2013.

IRWIN, William. The Big Bang Theory e a filosofia: papel, pedra, tesoura, Aristóteles, Locke/ editado por Dean A. Kowalski; tradução Mariana Kohnert – 1 ed – Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.

JAKOBSON, Roman. Linguística. Poética. Cinema. Tradução Haroldo de Campos et alii. Editora Perspectiva. São Paulo. 1970

Koch, Ingedore Grunfeld Villaça. Desvendando os Segredos do Texto – 4 ed – São Paulo: Cortez, 2005.

Livio, Mario. Deus é Matemático?; tradução Jesus de Paula Assis. – Rio de Janeiro: Record, 2010

LOUREIRO, Carlos Bernado. A Bíblia e seus Absurdos. Salvador-Ba. 1999.

LUZ, Marcelo da: Onde a Religião Termina? Foz do Iguaçu-Pr. Editares. 2011.

MILES, Jack. Deus, uma Biografia. São Paulo-SP. Companhia de Bolso. 2009.

MOÍSES, Massaud. A Criação Literária: Prosa I. 19ª edição. Editora Cultrix. São Paulo. 2003.

MOÍSES, Massaud. A Criação Literária: Prosa II. 18ª edição. Editora Cultrix. São Paulo. 2003.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. O Que É Linguística. 1 ed. Editora Brasiliense. Brasília. 2005.

Platão. Fedro. Tradução Alex Marins. Editora Martin Claret Ltda., 2001.

Roy Willis (org.). Mitologias: deuses, heróis e xamãs nas tradições e lendas de todo o mundo. [S.l.]: Publifolha, 2007.

Seymour-Smith, Martin. Os 100 Livros que mais influenciaram a Humanidade: a historia dos tempos antigos até à atualidade. Tradução Fausto Wolff. 3ª ed – Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

SILVA, Celestino. Analisando as Traduções Bíblicas: refletindo a essência da mensagem bíblica. – 3ª ed – João Pessoa: Ideia, 2001.

VIEIRA, Waldo. Projeções da Consciência: Diário de Experiências Fora do Corpo Físico. LAKE — Livraria Allan Kardec Editora. São Paulo - Brasil

Will Buckingham e outros colaboradores. O Livro da Filosofia. Tradução Douglas Kim – São Paulo: Globo 2011.

SAUSSURE, F. de. Curso de Linguística Geral. Cultrix. São Paulo, 1998.

Outras Mídias

<https://www.youtube.com/watch?v=nwVAUG67PFY> - O grande poder da matemática - Observatório do Mundo – Documentário.

https://www.youtube.com/watch?v=5ecFa-ah_8U - Ecce homo – The Sagrad.

<http://www.ebookespirita.org/PietroUbaldi/OSistema.pdf>

<http://www.tse.jus.br/partidos/partidos-politicos/registrados-no-tse>

Do Autor

Formado em Direito pela UFU, pós-graduado, delegado de polícia aposentado e advogado. Mas este autor gosta mesmo é do conhecimento, especialmente a Filosofia e a Matemática.

Das Obras do Autor

- 1 - Polícia Real e Polícia Ideal: romance policial-filosófico;
- 2 - Ensaaios, Crônicas, Contos, Etc e tal, de um Advogado: coletânea de artigos e outros do autor;
- 3 - O Inquérito Policial segundo as Letras – Diálogo entre as Letras e o Direito;
- 4 - Decálogo, Leis Humanas – Diálogo entre Direito e Teologia.
- 5 – O Processo Segundo as Letras
- 6 – O Discurso Religioso
- 7 – A Escrita Conscienciológica
- 8 – Teoria do Tudo, Via Matemática
- 9 – O Delegado de Polícia e o Princípio da Insignificância
- 10 – Direito em Síntese
- 11 – Os mesmos Fundamentos da Matemática, da Lógica, da Linguagem e da Vida
- 12 – Conscienciologia e Filosofia
- 13 – Matemática e Linguagem
- 14 – Existencialismo Metafísico, a Última filosofia